

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE RONDÔNIA – CAMPUS COLORADO DO
OESTE E SEU TRABALHO NAS QUESTÕES ÉTNICO-
RACIAIS NO ÂMBITO DA LEI 10.639/2003**

LUCIANE APARECIDA NOVAIS

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE RONDÔNIA – CAMPUS COLORADO DO OESTE E SEU
TRABALHO NAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DA LEI
10.639/2003**

LUCIANE APARECIDA NOVAIS

Sob a Orientação do Professor
Aloísio Jorge de Jesus Monteiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Agosto de 2011**

379.26

N935i

T

Novais, Luciane Aparecida, 1975-

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - Campus Colorado do Oeste e seu trabalho nas questões étnico-raciais no âmbito da Lei 10.639/2003 / Luciane Aparecida Novais - 2011.

199 f.: il.

Orientador: Aloísio Jorge de Jesus Monteiro.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 71-75.

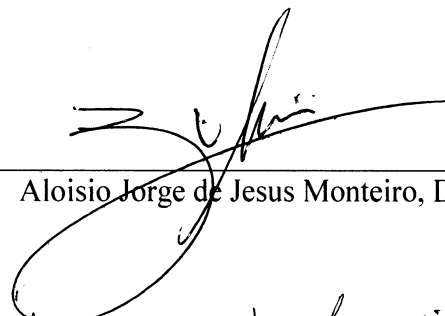
1. Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003] - Teses. 2. Educação multicultural - Teses. 3. Multiculturalismo - Teses. 4. Negros - Educação - Teses. 5. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Campus Colorado do Oeste) - Teses. I. Monteiro, Aloísio Jorge de Jesus, 1957-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

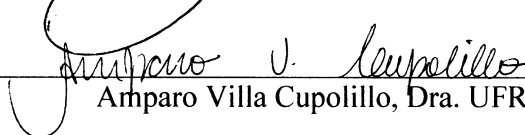
LUCIANE APARECIDA NOVAIS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

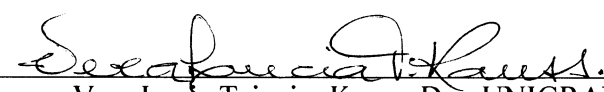
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 12 de julho de 2011.



Aloisio Jorge de Jesus Monteiro, Dr. UFRRJ



Amparo Villa Cupolillo, Dra. UFRRJ



Vera Lucia Teixeira Kauss, Dra. UNIGRANRIO

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor, por sua origem ou religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar"

(MANDELA, Nelson).

DEDICATÓRIA

Aos meus amados e maravilhosos filhos,
Maurício Henrique e Hosana.

À minha estimada mãe,
Custódia.

À minha querida irmã,
Adriana.

In memoriam, a meu irmão,
Luiz Carlos.

E “à minha grande árvore frondosa”, meu grande pai,
Basílio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao poderoso Deus por ter me presenteado com vida, saúde, coragem, determinação e sabedoria para que eu pudesse fazer parte desse Programa de Mestrado.

Em especial aos meus queridos filhos, Maurício Henrique e Hosana pelo apoio e incentivo.

Ao meu amado e precioso pai, que não teve a oportunidade de estudar e; que hoje não se encontra mais nesse plano, mas que nunca mediu esforços para que minha irmã e eu pudéssemos ingressar num curso de nível superior. Acredito que se aqui estivesse agora, estaria muito orgulhoso dessa minha conquista. É uma pena não ter dado tempo para que ele partilhasse de minha imensa alegria e nervosismo durante o momento de minha defesa.

Ao Instituto Federal de Rondônia / *Campus* Colorado do Oeste, ao Ministério da Educação e à Secretaria de Educação Tecnológica pela oportunidade e apoio que me ofertaram.

Aos Professores, Sandra Barros Sanchez, Gabriel de Araújo Santos, e Aloísio Jorge de Jesus Monteiro pelas muitas contribuições e pela motivação recebida.

Aos servidores administrativos do PPGEA, Nilson e Marise.

Aos servidores do Instituto Federal de Rondônia/*Campus* Colorado do Oeste pela contribuição e apoio com os quais gentilmente cederam as informações necessárias à efetivação dessa tarefa.

Aos alunos do terceiro ano, turma 2009, do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IFRO que responderam ao questionário aplicado e que sem o qual esse trabalho não teria sido realizado.

À ex-servidora do Instituto Maria Valdete da Silva Bolsoni, que gentilmente leu meu pré-projeto de mestrado e sugeriu algumas mudanças no mesmo.

Às professoras Amparo e Lia que participaram da Qualificação de meu Projeto de Mestrado e sugeriram mudanças significativas na aplicação dos questionários dirigidos aos discentes.

RESUMO

NOVAIS, Luciane Aparecida. **O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia e seu trabalho nas questões étnico-raciais no âmbito da Lei 10.639/03** Seropédica: UFRRJ, 2010, 199f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2011.

O objetivo dessa pesquisa foi conhecer principalmente através da análise do Currículo e do PPI como o IFRO – *Campus* de Colorado do Oeste, no aspecto da sua função social e socialização pela igualdade, tem trabalhado nos últimos dois anos as questões étnico-raciais a partir da Lei 10.639/03. Tal Lei serve como instrumento para que os professores incluam em seus discursos a valorização da História e Cultura Afro-Brasileira. Salienta-se que tal lei foi alterada pela 11.645/2008 e, no caso da última, foi acrescentado nela que as escolas também devem atribuir valor à História e Cultura Indígena. No que diz respeito ao papel social do Instituto foi verificado se tem sido desenvolvidas ações que propiciem também o acesso e a permanência de alunos negros nesse ambiente escolar. Ressalta-se, porém que foi trabalhada apenas a Lei 10.639/03, pois a mesma já está em vigor há seis anos e trata das questões relacionadas à temática africana. Tal trabalho foi realizado numa turma de 3º ano do Curso Técnico Agrícola em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio através de pesquisa qualitativa exploratório-descritiva e análise qualitativa, utilizando questionários com questões semi-estruturadas. Foram coletados dados, também através de questionários, com alguns servidores do quadro pedagógico e com professores de História, Geografia, Biologia, Sociologia, Filosofia, Português, Literatura e Artes e foram também analisados os Planos Anuais, dos últimos três anos, dessas disciplinas para constatar se houveram nos últimos dois anos a preocupação em se tratar da valorização da temática africanista por parte desses educadores. Diante das falhas encontradas é preciso focar num trabalho de construção conjunta, envolvendo vários setores e ou departamentos da escola visando com esse trabalho coletivo maior inclusão étnico-racial. Esse trabalho indica que é necessária a implementação da valorização das múltiplas identidades dos alunos do *Campus* Colorado do Oeste e que tal valorização só será possível através da implantação de um Currículo Escolar capaz de responder às especificidades de cada aluno. Ressalta-se, a importância do Instituto para o desenvolvimento social e étnico-racial de Colorado do Oeste, uma vez que os dados referentes ao Censo do IBGE mostraram em 2000, um índice de 46,12% de afrodescendentes. Salienta-se que decorreram sete anos após o sancionar da Lei 10.639/03, mas que ainda é preciso inserir no Currículo a temática africanista e que à implementação da política de implantação concreta da Lei 10.639, de 2003 não cabe mais impasses e ainda que a busca de soluções para a sua real implantação a partir de então já será tardia.

Palavras-chave: Lei 10.639/03, Currículo Multiculturalista, Projeto Pedagógico Institucional.

ABSTRACT

NOVAIS, Luciane Aparecida. **The Federal Institute of Education, Science and Technology of Rondônia and its work in the ethnic-racial questions in the scope of Law 10.639/03** Seropédica: UFRRJ, 2010, 199p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Agricultural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2011.

The objective of this research was to know mainly through the analysis of the School *Curriculum* and the Project Institutional Pedagogical as the IFRO - *Campus* of Colorado do Oeste, in the aspect of its social function and socialization for the equality, have worked in last the two years the ethnic-racial questions from Law 10.639/03. Such Law serves as instrument so that the professors include in its speeches the valuation of History and Culture Afro-Brazilian. Salient that such law was modified by the 11.645/2008 and, in the case of the last one, was added in it that the schools also must attribute to value to History and Afro Brazilian Culture. In what it says respect to the social paper of the Institute was verified if they have been developed actions that also propitiate the access and the permanence of afro descendant pupils in this pertaining to school environment. It is standed out, however that it was worked only Law 10.639/03 therefore the same one already is in vigor has six years and deals with the related questions the thematic African. Such work was carried through in a group of third year Technical of Farming and Cattle raising as part of the Intermediate Education through descriptive-exploratory qualitative research and qualitative analysis, using questionnaires with half-structuralized questions. They had been collected given, also through questionnaires, with some servers of the pedagogical picture and with professors of History, Geography, Biology, Sociology, Philosophy, Portuguese, Literature and Arts and also had been analyzed the Annual Plans, of last the three years, through these disciplines to evidence if they had had in last the two years the concern in if dealing with the valuation of the africanist thematic on the part of these educators. Ahead of the joined imperfections it's necessary to focus in a work of joint building, involving some sectors and or departments of the school aiming at with this collective work bigger ethnic-racial inclusion. This work indicates that the implementation of the valuation of the multiple identities of the pupils of the Campus Colorado do Oeste is necessary and that such valuation just will be possible through the implantation of a school *Curriculum* capable to answer to the specificities of each pupil. It is standed out, the importance of the Institute for the social and ethnic-racial development of Colorado do Oeste, a time that the referring data to the Census of the IBGE had shown in 2000, an index of 46,12% of afro descendant. Salient that after elapsed seven years to sanction of law 10.639/03, but that still it is necessary to insert in the school *Curriculum* the africanist thematic and that to the implementation of the politics of concrete implantation of law 10.639, of 2003 does not fit more impasses and despite the brainstorming for its real implantation from now on already will be delayed.

Key words: Law 10.639/03; Multiculturalist School Curriculum; Project Institutional Pedagogical.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de alunos por raça/etnia.	3
Tabela 2: Planilha referente a 2007.	4
Tabela 3: População de Colorado do Oeste.	8
Tabela 4: Desembarque de escravos em solo brasileiro entre os séculos XVI e XIX.....	14
Tabela 5: Gênero dos alunos estudados.....	45
Tabela 6: Idade dos alunos pesquisados.	46
Tabela 7: Cor/raça declarada pelos alunos.....	47
Tabela 8: Justificativa para a autodeclaração das cores/raças.....	48
Tabela 9: Conceito de racismo, preconceito e discriminação.....	49
Tabela 10: Cenas de racismo.....	51
Tabela 11: Disciplinas e conteúdos onde a temática africanista foi abordada.	51
Tabela 12: Conceito de xenofobia.	52
Tabela 13: Aptos e não aptos a participarem de provas de vestibulares.....	54
Tabela 14: Conteúdos e motivos para serem trabalhadas a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira.....	55
Tabela 15: Quadro com as principais respostas do questionário aplicado aos docentes.....	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista aérea de Colorado do Oeste.....	9
Figura 2: Vista aérea da Escola Agrotécnica Federal (atual IFRO – Campus Colorado do Oeste	9

LISTA DE SIGLAS

APUD	Citado por.
CADARA	Comissão Assessora de Diversidade para Assuntos Relacionados a Afrodescendentes
CEERT	Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades
CGAE	Coordenação Geral de Assistência ao Aluno
CGE	Coordenação Geral de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
DAP	Departamento de Administração e Planejamento
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DDE	Departamento de Desenvolvimento Educacional
DG	Direção Geral
EAFCO	Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GTI	Grupo de Trabalho Interministerial para elaboração do Plano Nacional de Ampliação da Implementação da Lei 10.639/03
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFET	Instituições Federais de Educação Tecnológica
IFRO	Instituto Federal de Rondônia
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
LDB	Leis de Diretrizes Básicas da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PNDH	Programa Nacional de Direitos Humanos
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPGEA	Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola
PPI	Projeto Pedagógico Institucional
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PROUNI	Programa Universidade para Todos

SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SESU	Secretaria de Educação Superior
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SIG	Sistema de Informações Gerenciais
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SOE	Setor de Orientação Educacional
SP	Supervisão Pedagógica
SRE	Secretaria de Registros Escolares
TEN	Teatro Experimental do Negro
UNF	Universidade do Norte Fluminense
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIAFRO	Programa de Ações Afirmativas para a População Negra nas Instituições Federais e Estaduais de Educação Superior.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
1.1	Justificativa	3
1.2	Objetivos.....	8
1.2.1	Geral	8
1.2.2	Específicos	9
1.3	Caracterização do Município de Colorado do Oeste – RO	9
1.3.1	IFRO - Campus Colorado do Oeste – RO	10
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	13
2.1	Identidade e Diferença.....	13
2.2	Currículo Escolar e a Construção da Identidade.....	16
2.3	Racismo, Preconceito Racial e Discriminação Racial	20
2.4	Regime de Escravidão.....	24
2.5	Movimento Abolicionista.....	27
2.5.1	Lei do Ventre Livre	28
2.5.2	Lei dos Sexagenários.....	28
2.5.3	Lei Áurea	29
3	POLÍTICAS PÚBLICAS PARA EDUCAÇÃO DE NEGROS NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE O SÉCULO XVI ATÉ OS DIAS ATUAIS	31
3.1	Ensino Alternativo	32
3.2	Ensino Oficial	32
3.3	Ações Afirmativas.....	36
3.4	Lei 10.639/2003	37
3.5	Prouni	39
3.6	Cotas Raciais.....	40
4	MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	42
4.1	Delimitação do Campo de Pesquisa.....	43
4.2	Trajetória da Análise	43
4.3	Procedimentos e Instrumentos de Coletas de Dados.....	44
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	45
5.1	Análise e Interpretação dos Questionários Aplicados ao Corpo Discente	45
5.2	Análise e Interpretação dos Questionários Aplicados ao Corpo Docente.....	57

5.3	Análise e Interpretação dos Questionários Aplicados aos Servidores do Quadro Pedagógico	64
6	CONCLUSÕES	69
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
8	ANEXOS	76
	ANEXO I – Memorando 1/2010 para Pesquisadora Institucional.....	77
	ANEXO II – Correspondência Enviada aos Alunos	78
	ANEXO III – Modelo de Questionário Aplicado aos Alunos.....	79
	ANEXO IV – Modelo de questionário aplicado aos professores	82
	ANEXO V – Modelo de Questionário Aplicado aos Servidores Técnico-Administrativos.....	85
	ANEXO VI – Questionário Aplicado aos Alunos	88
	ANEXO VII – Questionário Aplicado aos Professores	132
	ANEXO VIII – Questionário Aplicado aos Servidores Técnico-Administrativos....	145
	ANEXO IX – Relatório Estatístico	155
	ANEXO X – Tabela 2 – Dados Disponíveis no Projeto Pedagógico da EAFCO 2007.....	161
	ANEXO XI – Sistemas de Informações Gerenciais 2008.....	162
	ANEXO XII – Resultados do Censo Escolar 2005 – RONDÔNIA	163
	ANEXO XIII – Planos de Cursos: (Literatura 2009; Língua Portuguesa 2008; Filosofia 2009; Biologia 2008; Biologia 2009; Química 2009).....	164

1 INTRODUÇÃO

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tinha, em 2008, aproximadamente 189,9 milhões de habitantes. Desses, mais de 96 milhões declararam-se negros, sendo, então, o Brasil o segundo país em população negra no mundo.

A população do País, em 2008, era composta por cerca de 92,4 milhões de homens e 97,5 milhões de mulheres. [...] No que se refere à cor ou raça, a população residente do País estava composta por 48,4% de pessoas brancas, 43,8% de pardas e 6,8% de pretas e 0,9% de amarelas e indígenas (PNAD, 2008, p. 28-41).

O Brasil, em termos de população afrodescendente, perde somente para a Nigéria e mesmo com esse número tão expressivo, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2009, só uma minoria dessa população tem conseguido chegar aos bancos universitários. Sendo em 2008, os negros 50,6% da população brasileira, apenas 4,7% das pessoas com 25 anos e mais conseguiram concluir o ensino superior.

Em 2008, no que diz respeito à média de anos de estudo da população de 15 anos e mais, as pessoas de cor branca apresentavam uma vantagem de quase dois anos (8,3 anos de estudos) em relação a pretos e pardos (6,7 e 6,5 anos), diferença que vem se mantendo constante ao longo dos anos se comparada com as informações das pesquisas anteriores. [...] Essa situação de desigualdade fica acentuada quando é feita a comparação da proporção de pessoas de 25 anos e mais com curso superior concluído. Enquanto, no conjunto do País, 14,7% das pessoas de cor branca tinham concluído o superior, entre as pessoas de cor preta e parda a proporção era de apenas 4,7%, em 2008 (PNAD, 2009, p. 185-186).

Segundo os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça**, publicado em 2006 (p. 5),

[...] os negros estão menos presentes nas escolas, apresentam médias de anos de estudo inferiores e taxas de analfabetismo bastante superiores. As desigualdades se ampliam quanto maior o nível de ensino. No ensino fundamental, a taxa de escolarização líquida [...] para a população branca era de 95,7 em 2006; entre os negros, era de 94,2. Já no ensino médio, essas taxas eram respectivamente, 58,4 e 37,4. Isto é, o acesso ao ensino médio é [...] mais limitado para a população negra, que, por se encontrar nos estratos de menor renda, é mais cedo pressionada a abandonar os estudos e ingressar no mercado de trabalho.

Ainda conforme os dados do IPEA (2008, p. 19), os negros continuam apresentando média de anos de estudo inferior à dos brancos. Em 1993, a média de estudo era de 7,1 para brancos e de 4,7 para negros; em 2007 subiram para 8,8 e 6,8, respectivamente, reduzindo em 15 anos, somente 0,4 anos na desigualdade entre brancos e negros.

Tais estudos têm concluído, entre outras coisas, que ainda não são suficientes as políticas públicas de acesso e manutenção desses alunos em sala de aula. Segundo o IPEA (2008, p. 19), “a escolarização é indicada como necessária à constituição de melhores oportunidades sociais futuras”.

Sendo, pois, a escolarização necessária para a ascensão social, se não houver mudanças repentinas no quadro atual de desigualdade racial na educação, essa perversa realidade se perpetuará e continuará refletindo em outras áreas sociais.

O Brasil é um país marcado por desigualdades: sociais, econômicas, regionais, etárias, educacionais. Transversalmente a estas, permeando e

potencializando os seus mecanismos de exclusão, estão as desigualdades de gênero e de raça. A pregnância do legado cultural escravocrata e patriarcal é, ainda, de tal forma profunda que, persistentemente, homens e mulheres, brancos e negros continuam a ser tratados desigualmente (IPEA, 2008, p. 11).

Tendo em vista essa realidade, o governo federal tem trabalhado desde 2003 algumas ações no campo educacional, podendo algumas delas serem consideradas como ações afirmativas, ou seja, voltadas para tentar amenizar os impactos das desigualdades sociais existentes entre brancos e negros no país.

Uma das ações implantadas pelo governo federal foi o Programa Universidade para Todos, que criou um sistema de bolsas que, ao mesmo tempo, contempla os portadores de necessidades especiais, os indígenas e afrodescendentes. Esse programa tem como objetivo diminuir as desigualdades sociais existentes entre brancos e negros. Tal política ameniza a real situação de ingresso de índios e de negros nos bancos universitários e serve, de certa forma, para a melhoria da educação desses indivíduos uma vez que compensa a falta de um ensino fundamental e médio de qualidade ao qual eles não tiveram acesso. Essa política de inserção de alunos menos favorecidos será discutida ao longo deste trabalho.

De igual modo, algumas Universidades conscientizadas e, porque não dizer, pressionadas por ações do Movimento Negro passaram a adotar a partir de 2001 a política de cotas para negros. A política de cotas tem um planejamento de 20 anos para ser verificado o impacto de sua aplicação para a população negra e para a sociedade. Tal política também será enfocada nesta dissertação.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos, tal dissertação foi organizada em cinco capítulos, sendo que, nos três primeiros, foi bastante trabalhado o embasamento teórico, sem o qual essa pesquisa não teria sido realizada.

Procurou-se, no primeiro capítulo desta dissertação, apresentar tanto o município de Colorado do Oeste quanto o Instituto Federal de Rondônia (IFRO) *Campus* Colorado do Oeste, através de dados obtidos no IBGE, sobretudo através do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e dos dados da Secretaria de Registros Escolares (SRE), utilizados com a finalidade de justificar o motivo pelo qual se deu o interesse em trabalhar a temática africanista na mencionada escola.

No segundo capítulo, nomeado como Revisão da Literatura, foram trabalhados o modo como se constrói a identidade e a diferença; o currículo escolar e a construção da identidade. Também foram abordados os termos: racismo, preconceito e discriminação racial. Além disso, no tópico nomeado como Regime de Escravidão foram relatados os horrores vividos pelos africanos e afrodescendentes no cativeiro; também foram trabalhados os temas: Movimentos Abolicionistas; e as Leis do Ventre Livre, dos Sexagenários e Áurea.

No terceiro capítulo, procurou-se abordar as políticas públicas para educação de negros no período compreendido entre o século XIV até os dias atuais. Ressalte-se que tal capítulo também foi utilizado como artigo científico.

No quarto capítulo, detalhou-se como foram trabalhados os procedimentos metodológicos da pesquisa, delimitando o campo desta; sua análise e os instrumentos utilizados na coleta de dados.

No quinto capítulo, foram apresentados os resultados e discussões gerados a partir das respostas obtidas através dos questionários aplicados aos alunos, docentes e servidores do quadro administrativo.

1.1 Justificativa

Pensando em uma educação que fosse verdadeiramente voltada à qualidade de ensino e que pudesse proporcionar acesso e permanência aos alunos é que se despertou o interesse em conhecer melhor do que trata a Lei 10.639/2003 e suas eventuais contribuições no âmbito das questões étnico-raciais e; principalmente como o IFRO – *Campus* Colorado do Oeste tem lidado com tais questões para garantir direitos iguais aos alunos que têm interesse em ingressarem nos cursos ofertados pela instituição em pauta.

Para tanto, procurou-se durante toda a trajetória desta pesquisa buscar dados oficiais, locais, regionais e nacionais sobre as condições sociais vivenciadas pelos alunos, principalmente pelos que se autodeclararam afrodescendentes. Ao buscar tais informações, a intenção era utilizar as mesmas para auxiliar na análise de como o IFRO – *Campus* Colorado do Oeste tem trabalhado as questões étnico-raciais no âmbito da Lei 10.639/2003.

No campo da educação, a Lei 10.639/2003 é, sobretudo, uma conquista do Movimento Negro e, se bem trabalhada, a mais forte das ações afirmativas promovidas pelo governo federal.

O estudo de tal lei e de como a escola tem trabalhado com a mesma, possibilitará, entre outras coisas, a discussão sobre a construção do currículo e do Projeto Político-Pedagógico (PPP), atualmente Projeto Pedagógico Institucional (PPI), da instituição, assim como do PDI, que são documentos oficiais no universo educacional.

Sendo intencional conhecer a realidade do IFRO – *Campus* Colorado do Oeste no âmbito das questões étnico-raciais, pôde-se observar nos dados estatísticos fornecidos pelo SRE, assim como pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), do Ministério da Educação e Cultura (MEC), que o total de alunos regularmente matriculados que se autodeclararam negros e pardos tem sido sempre maior do que os que se autodeclararam brancos.

Tabela 1: Quantidade de alunos por raça/etnia.

Raça/etnia	2005	2006	2007	2008	2009
Branca	121	121	15	244	88
Preta	27	17	-	36	13
Parda	116	151	5	221	90
Amarela	7	3	1	12	2
Indígena	2	0	-	0	-
Não declarada	63	72	332	-	-
Total	336	364	353	513	193

Fonte: Dados fornecidos pelo MEC/Inep e pelo SRE (SIG).

Tornou-se possível a obtenção de dados estatísticos referentes ao quesito cor/raça a partir do ano de 2005, quando o Censo Escolar com o *slogan*: “Mostre sua raça, declare sua cor” incluiu o item em sua pesquisa. Conforme o Inep, a inclusão de tal item serve para definir ações e políticas afirmativas e de promoção da igualdade racial na comunidade escolar.

No entanto, destaca-se aqui que não foi possível a obtenção de dados apenas dos alunos matriculados no ensino médio, a partir do ano de 2006, visto que os dados do Sistema de Informações Gerenciais (SIG) são gerados a partir dos dados do total de alunos

matriculados na escola, constando nesses também os alunos matriculados nos cursos superiores.

É necessário chamar a atenção para a tabela referente ao ano de 2007, e que está propositalmente marcada em negrito, onde não constam alunos autodeclarados pretos ou indígenas.

Questionada sobre a razão da inexistência desses, a pesquisadora do MEC/Inep respondeu que: “A planilha [...] está correta. Refiz a solicitação e não foram encontrados registros de alunos matriculados no Ensino Médio, na cor/raça preta e indígena (MEC/Inep, Censo Escolar, 2007).

Porém, ao analisar o PPP, atualmente denominado PPI, da escola foram encontrados, numa planilha referente ao ano de 2007, dados que não conferem com os mencionados acima.

Tabela 2: Planilha referente a 2007.

CURSO	N.º de alunos matriculados	SEXO		% de alunos de Colorado	% de alunos prov. de escolas públicas	Raça		
		Masc	Fem			AFRO	BRANCA	PARDA
Ensino Médio com Habilitação em Agropecuária;	330	232	98	35%	97%	6%	58%	36%
Técnico em Agropecuária – EJA;	38	21	17	92%	100%	18%	34%	48%
Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental;	55	23	32	84%	98%	9%	47%	44%
Curso Superior de Tecnologia em Laticínios.	27	09	18	78%	100%	7%	48%	45%
TOTAL	450	285	165	72%	99%	10%	47%	43%

Fonte: Dados disponíveis no Projeto Pedagógico da EAFCO-2007.

Quando questionada sobre tais dados, a pesquisadora institucional do IFRO – *Campus Colorado do Oeste* não soube dizer o que pode ter ocorrido para causar duplicidade nessas informações e relatou ainda que não foi responsável pelos dados constantes no referido documento.

Com relação aos dados obtidos na SRE do IFRO, é necessário destacar, mais uma vez, que a partir do ano de 2006 não foi possível conseguir as informações pertinentes apenas aos alunos matriculados no Curso Técnico em Agropecuária. Sendo assim, os dados que aqui foram mencionados se referem aos alunos matriculados em todos os cursos da escola, inclusive nos Cursos Superiores de Tecnologia: Gestão Ambiental e Laticínios, e não apenas no Curso Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio.

Com relação ao ano de 2009, a SRE informou dados incompletos a respeito do total de indivíduos matriculados. Questionada sobre o número decrescente de alunos matriculados no referido ano, a pesquisadora institucional, responsável pelo fornecimento dos dados relativos aos anos mencionados, relatou, oralmente, que muitas informações ainda não foram completamente lançadas no sistema, uma vez que ela está há pouco trabalhando no mencionado setor, o que também não possibilitou a virada do ano 2009 para 2010.

É observável, na tabela acima, referente ao ano de 2007, inserida no Projeto Político-Pedagógico, que não houve alunos que se autodeclararam indígenas e, além disso, é

observado que tal relatório estatístico do mencionado ano não trabalha com o termo afrodescendente e conceitua o termo afro como raça/etnia, separando os indivíduos afros dos pardos.

Diante do exposto, pode-se inferir que os servidores responsáveis pela organização dessa planilha não se preocuparam com a definição apropriada para os termos relacionados à raça/etnia tampouco tinham domínio desses termos.

É ainda de suma importância ressaltar, nesse momento, que, durante toda essa pesquisa, a categoria considerada como afrodescendente corresponde à soma de pretos e pardos, pois assim foi convencionado pelo IBGE.

O IBGE e o Censo brasileiro utilizam essas duas categorias de cor/raça (preta e parda) para designar a categoria de afrodescendentes e ainda, segundo Elisa Larkin Nascimento (2003, p. 115), tal utilização, revelando-se “arbitrária e subjetiva”, convencionou-se entre os pesquisadores e atores sociais “somar tais categorias dando a elas a categoria de negros, afro-brasileiros e afrodescendentes”.

Tal categoria foi assim analisada, tendo como embasamento teórico também as ideias de Alexandre do Nascimento (2007, p. 74) que igualmente denomina população negra “os pretos e pardos autodeclarados da nossa composição racial”.

No entanto é importante ressaltar ainda que essas são categorias que ainda estão sendo discutidas e analisadas, uma vez que algumas parcelas da população, tais como os caboclos, não aceitam serem classificadas como negros.

No projeto pedagógico da escola, pode-se notar, no ano de 2007, através da tabela 2, que não foi observada a informação acima, pois constam como categorias os termos Afro, Branca e Parda. Não foram consideradas as cores/raças preta, amarela ou indígena, e o termo *Afro*, que não existe enquanto representação de cor/raça, provavelmente cedeu lugar à cor/raça preta. Além disso, não foi feita a soma de pretos e pardos para chegar à categoria de negros ou afro-brasileiros, conforme orientação do IBGE.

Sempre que se fala em Educação – no *Campus* Colorado do Oeste, o que se percebe através do diálogo entre servidores da área administrativa, docentes e alunos é a intenção de ofertar e receber um ensino de excelência. Sendo assim, espera-se que todos os alunos que ingressam no curso Técnico Agrícola integrado ao Ensino Médio consigam, caso tenham interesse em darem continuidade aos seus estudos, consigam ser aprovados em uma boa universidade e, com competência, concluam seus cursos de nível superior. Diminuindo, desta forma, cada vez mais a estatística de que os negros não conseguem chegar aos bancos universitários e, quando chegam, a evasão é grande.

Entre 1991 e 2000, o sistema universitário mais que dobrou: passou de 1,4 milhão para quase 3 milhões de matriculados. No entanto, a participação dos negros caiu ligeiramente, de 19,7% para 19,3%. [...] De 1991 a 2000, a proporção de jovens brancos brasileiros (de 18 a 24 anos) matriculados na universidade cresceu de 7% para 11%, enquanto a dos jovens negros se elevou em 1 ponto percentual, de 1,5% para 2,5%. Mesmo que os aumentos sejam da mesma magnitude (70%) e tenha havido expansão de matrículas no terceiro grau, o que salta aos olhos é que as disparidades persistem ao longo do tempo. [...] Entre os adultos, a porcentagem de negros com grau universitário observada no Brasil em 2001 (2,5%) foi atingida nos Estados Unidos em 1947 – em plena era de segregação, intolerância e violência racial aberta, anterior ao crescimento por direitos civis e muito antes do surgimento das políticas de ação afirmativa na educação. A proporção dos brancos brasileiros com nível superior em 2001 (10,2%) foi alcançada pelos brancos norte-americanos em meados da década de 1960 (PNUD, 2005, p. 70).

Ainda conforme Benedito (2007, p. 113),

[...] segundo o Censo da Educação Superior conduzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), em 2004 havia 4.163.733 alunos matriculados no ensino superior. Deste total, cerca de 1.303.110 representavam os novos estudantes universitários brasileiros. Todavia, os índices percentuais de conclusão estimavam que 9,1% dos alunos brancos terminariam o curso superior naquele ano, enquanto apenas 2,1% de alunos negros percorreriam a mesma trajetória.

Buscou-se, sobretudo, nesse trabalho, conhecer, principalmente, se a Lei 10.639/2003 tem sido trabalhada dentro do Instituto, garantindo, dessa forma, não só o acesso e a permanência de alunos afrodescendentes no IFRO – *Campus* Colorado do Oeste, mas também buscando conhecer se todos os alunos vêm sendo conscientizados do valor do afrodescendente e de sua Cultura na História do Brasil e ainda de que forma tais conteúdos e metodologias têm sido abordados. Procurou-se também conhecer se há outras Políticas Públicas de Educação que dêem garantias de igualdade aos afrodescendentes no país e que estão sendo implantadas nesse *Campus*.

Espera-se, portanto, que essa pesquisa venha a servir, futuramente, como instrumento norteador na implantação de novas ações político-pedagógicas que possibilitem ainda mais o conhecimento e valorização do povo africano e da cultura afrodescendente na comunidade coloradense e o acesso e a permanência de alunos afrodescendentes tanto no Ensino Técnico quanto em Cursos de Níveis Superiores da Instituição em pauta.

Conforme Nascimento (2003, p. 27), no decorrer desse trabalho, o termo afrodescendente ou afro-brasileiro em lugar do termo negro. Tal abordagem foi feita por concordar que o termo negro refere-se apenas à pigmentação da pele não preservando nele nem a indicação de laços de identidade tampouco a referência histórica e cultural entre os descendentes de africanos em todo o mundo

Outro motivo que serve como justificativa para essa pesquisa é a preocupação com a discriminação que segrega negros e brancos, faz-se necessário trabalhar, dentro do espaço escolar, contra esse preconceito através de conscientização coletiva, desconstruindo os estereótipos do negro criados pela sociedade, pois essa é uma tarefa que cabe a todos os cidadãos brasileiros, não sendo responsabilidade apenas de quem é discriminado.

É importante ressaltar que tanto na Revisão da Literatura, feita no capítulo II, quanto no capítulo III, que trata das políticas públicas para educação de negros no período compreendido entre o século XVI até os dias atuais, procurou-se conhecer mais profundamente e descrever, com mais propriedade, as leis que historicamente buscaram garantir os direitos da população afrodescendente em relação à população branca. É interessante fundamentar ainda que a busca das informações históricas a respeito das populações africanas e afrodescendentes, foram importantes para essa pesquisa uma vez que, conforme já foi mencionado anteriormente, pretende-se, futuramente, entre outras coisas, dar continuidade a esse trabalho através da promoção e da valorização da História e Cultura Afro-brasileira e africana dentro do Instituto.

Segundo Fernandes (1972, p. 43-59) a luta contra o preconceito racial nesse país não é tarefa nada fácil, visto que muitos ainda acreditam na “ideia de que existiria uma democracia racial no Brasil [...] quando na verdade [...] confundimos tolerância racial com democracia racial. [...] Democracia significa, fundamentalmente, igualdade social, econômica e política”.

Ainda segundo Fernandes (2007, p. 61), surgiu, no país, o “preconceito reativo: [...] preconceito de ter preconceito”. A maior parte das pessoas que sofrem com o preconceito racial não admite o fato, visto que tal preconceito só ocorre com o outro e como algo esporádico.

Há quem pense que o negro luta por privilégios, através desses movimentos. Mas isso não é verdade: eles lutam contra os privilégios que os mantiveram afastados, em detrimento de segurança e de nosso progresso, dos direitos fundamentais do homem em nossa ordem social (FERNANDES, 2007, p. 57).

No livro **Educação Africanidades Brasil**, (2006 p. 10), encontra-se a seguinte afirmação a respeito do curso de extensão em Educação, ministrado a professores da Educação Básica, da Rede Pública Federal, Estadual e Municipal de todo o país no ano de 2006: “Cabe à escola rever seus objetivos no sentido de garantir a preservação e transmissão das tradições culturais dos diferentes grupos étnicos que compõem a nacionalidade”.

De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a maioria da população afro-brasileira é pobre.

A proporção de negros é maior nos estratos de menor renda. Embora mulheres e homens negros representem 44,7% da população brasileira, segundo dados do Censo 2000, publicados no portal do IBGE, sua participação chega a 70% entre os 10% mais pobres. À medida que se avança em direção aos estratos mais altos, sua presença diminui, até atingir apenas 16% no último estrato (os 10% mais ricos [...]) Além disso, em todas as faixas, sem exceção, o rendimento médio dos brancos é superior ao dos negros. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1999 revelaram que o Brasil branco era 2,5% mais rico que o Brasil negro (PNUD, 2005, p. 60).

E para tentar mudar essa realidade um caminho que pode vir a ser seguido é o de ofertar a todos os cidadãos uma boa formação escolar. Formação essa que seja realmente capaz de proporcionar melhorias na condição de vida social, econômica e cultural de toda a sociedade brasileira.

É preciso colocar em prática, dentro das Instituições de Ensino, ações que valorizem realmente as diferentes etnias e culturas tornando-as fato no dia a dia em toda a sociedade e em especial na escola. E é em virtude disso que tal trabalho justifica-se. É necessário, então, provocar reflexões sobre a existência do ser humano dentro do ambiente escolar procurando valorizá-lo em primeiro lugar, indiferente de cor/raça que esse possa ter.

Ao proceder à análise do quantitativo de alunos negros que têm ingressado no Instituto Federal de Educação de Rondônia – *Campus* Colorado do Oeste e da população que compõe esse município tornou-se possível conhecer a realidade em que o Instituto está inserido e essa análise poderá, futuramente, ajudar a traçar metas concretas para alcançar uma educação para a igualdade, que é o que se pretende; e, para alcançar a igualdade, é necessária a construção de conhecimentos para a inserção da temática Africana nesse Sistema de Ensino.

Conforme o PDI-IFRO, versão de 29 de junho de 2009,

O IFRO como instituição integrante da Rede Federal tem consciência do papel social que desempenhará para a construção de uma sociedade menos desigual, mais autônoma e solidaria, formando, indiscriminadamente, cidadãos responsáveis por atuar em seu contexto na busca da transformação social que resgate a cidadania. [...] Por essa razão, as políticas de ações inclusivas deverão contemplar: [...] Educação de Relações Étnicas Raciais e Indígenas: através de ações voltadas para o processo educativo de sensibilização para temáticas étnico-raciais, combate ao racismo, práticas de tolerância e respeito entre diferentes grupos étnicos. [...] As políticas definidas para as ações inclusivas fomentarão as seguintes ações: [...] Democratizar, irrestritamente, a Educação Profissional e Tecnológica para todos os segmentos, sem que raça, cor, gênero, idade, deficiência, condição

de presidiário ou egresso do sistema penal, entre outros grupos em vulnerabilidade social lhes constituam impedimentos. [...] As políticas de permanência do educando serão estruturadas para possibilitar a inserção das camadas menos favorecidas da população brasileira em um ensino profissional de qualidade sem permitir que isto reflita na perda da excelência da Rede Federal. Para isso, deveremos criar políticas de permanência do educando que atendam as especificidades locais por meio da implantação de programas de assistência estudantil (PDI-IFRO, 2009, p. 31-32-39).

Na citação acima, as políticas inclusivas contemplariam apenas as ações de sensibilização voltadas ao combate ao racismo, práticas de tolerância e respeito entre os diferentes grupos étnicos. Da forma como tais ações estão mencionadas no PDI, contraria as ideias de Silva (2005), pois conforme o autor,

As diferenças não devem ser simplesmente respeitadas ou toleradas. [...] Um currículo inspirado nessa concepção (multiculturalista) não se limitaria, pois, a ensinar a tolerância e o respeito por mais desejável que isso possa parecer, mas insistiria, em vez disso, numa análise dos processos pelos quais as diferenças são produzidas através de relações de assimetria e desigualdade. Num Currículo multiculturalista crítico, a diferença mais do que tolerada ou respeitada, é colocada permanentemente em questão (SILVA, 2005, p. 88-89).

Em 2000, de acordo com o Censo do IBGE, Colorado do Oeste tinha uma população de 21.892 pessoas, assim distribuídas em relação à cor/raça:

Tabela 3: População de Colorado do Oeste.

População total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Não declarada
21.892	11.469	1.349	96	8.749	51	178

Fonte: Censo 2000 (IBGE).

Portanto, quando somado o total de negros e de pardos chega-se a 10.098 indivíduos que formam 46,12% dessa população. Esse é um número bastante expressivo e que precisou ser levado em consideração durante toda a pesquisa que se realizou, uma vez que o resultado desse trabalho poderá ser futuramente relevante para a comunidade do município de Colorado do Oeste.

Em relação à escolaridade, no ano 2000, ainda conforme dados do IBGE, Colorado do Oeste apresentou população total de 6.723 alunos matriculados. Desse total, 4.978 alunos pertenciam ao Ensino Fundamental e 916 ao Ensino Médio. Mas não foi possível discriminar a cor/raça em que eles se distribuíam, uma vez que o questionário do ano 2000 não continha campo destinado a esse tipo de questionamento.

1.2 Objetivos

Pretende-se com esta dissertação fazer um exercício de reflexão sobre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) – *Campus* Colorado do Oeste e seu trabalho nas questões étnico-raciais no âmbito da Lei 10.639/2003.

1.2.1 Geral

Investigar como o Instituto Federal de Rondônia – *Campus* Colorado do Oeste tem trabalhado, nesses últimos dois anos, principalmente através do Currículo e do Projeto Político Pedagógico, as questões étnico-raciais a partir da Lei 10.639/2003.

1.2.2 Específicos

- * Verificar se na comunidade escolar do IFRO – *campus* Colorado do Oeste há trabalhos no sentido de uma apropriação de caráter de multiculturalidade;

- * Buscar informações sobre as alternativas político-pedagógicas que são desenvolvidas, principalmente no Instituto – *Campus* Colorado do Oeste, no sentido de propiciar o acesso e a permanência de alunos negros no ambiente escolar;

- * Descrever o IFRO – *Campus* Colorado do Oeste no aspecto de sua função social e no papel de socialização pela igualdade;

- * Conhecer as leis que buscaram garantir os direitos sociais da população afrodescendente em relação à população branca.

1.3 Caracterização do Município de Colorado do Oeste – RO

O município de Colorado do Oeste está situado no sul do Estado de Rondônia e possui área física de 1.451,06 Km² tendo como vizinhos Vilhena, Cabixi, Cerejeiras, Corumbiara e, ao leste, o Estado de Mato Grosso. Segundo a contagem do IBGE, referente a 2007, a região apresentou uma população absoluta de 17.644 habitantes, número expressivamente menor que aquele apresentado pelo Censo do IBGE em 2000, que era de 21.892 pessoas.

O município é considerado pobre apesar de o IBGE, em 2006, apresentar para o município um PIB per capita de R\$ 7.784,00. Da população Coloradense 28,07% encontra-se no limite do índice da pobreza, em virtude de má distribuição de renda. Colorado do Oeste tem economia baseada no setor de serviços e atividades agropecuárias, merecendo destaque para pequenas e médias propriedades. E ainda conforme o Censo Agropecuário de 2006 (IBGE) existem no município 1.608 propriedades, em sua maioria no padrão 100 ou 50 hectares ocupando um total de 128.090 hectares.



Figura 1: Vista aérea de Colorado do Oeste.

Fonte: Gabinete do *Campus* Colorado do Oeste

1.3.1 IFRO - *Campus Colorado do Oeste* – RO

A Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste - RO (EAFCO) foi criada através da Lei n.º 8.670, de 30 de junho de 1993 e transformada em autarquia, através da Lei n.º 8.731/93, em 16 de novembro do mesmo ano,

A escola dispõe de uma área de terras de 242 ha, sendo que 80 ha foram mantidos como reserva florestal, porém sem corredor ecológico, uma realidade comum no Estado de Rondônia. Está localizada na zona rural da cidade de Colorado do Oeste, às margens da Rodovia 399, Km 05, a 70 km da BR 364.

O primeiro gestor foi o Professor Francisco Aldivino Gonçalves e atualmente, a escola encontra-se sob a segunda gestão do Professor José Ribamar de Oliveira.

A EAFCO iniciou suas atividades didático-pedagógicas em 13 de fevereiro de 1995 ofertando o Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio e, atualmente, além de continuar oferecendo o curso mencionado, ministra também os cursos Tecnológicos em Gestão Ambiental e em Tecnologia em Laticínios e ainda Licenciatura em Biologia. Está previsto para o segundo semestre de 2010 a oferta do Curso de Especialização *lato Sensu*, em Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), e o Curso Técnico em Aquicultura.



Figura 2: Vista aérea da Escola Agrotécnica Federal (atual IFRO – *Campus Colorado do Oeste*).

Fonte: Gabinete do *Campus Colorado do Oeste*.

Em 2008, por meio da Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008 foi criado o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), que integrou em uma única Instituição de Ensino a Escola Técnica Federal de Rondônia e a EAFCO que contam, atualmente, com uma Reitoria, com sede na Av. Gov. Jorge Teixeira, 3.146 - Setor Industrial - Porto Velho, Capital do Estado de Rondônia e os campi de Ariquemes, Colorado do Oeste, Ji-Paraná, Porto Velho, Vilhena e Cacoal (Campus Avançado). O atual Reitor é o Professor Raimundo Vicente Jimenes.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) foi criado pela Lei Federal n.º 11.892, em 29 de dezembro de 2008.

É uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino para os diversos setores da economia e na realização de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e serviços, em estreita articulação com os setores produtivos e a sociedade, oferecendo mecanismos para educação continuada (IFRO - INSTITUCIONAL 2010).

A missão do IFRO, conforme o PDI, é “promover educação científica e tecnológica de excelência, por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão, para a formação de cidadãos comprometidos com a sustentabilidade da sociedade”. Porém, nesse mesmo documento (PDI, p. 23), uma das ameaças que podem dificultar o cumprimento da missão do IFRO são as “Políticas insuficientes de assistência ao educando que contribuam para a permanência e promoção nos cursos”.

Consta no PDI, versão de 29 de junho de 2009, que [...]

[...] As formas de ingresso ao discente para os cursos Técnicos, de Graduação e de Pós-Graduação estão sendo definidas no bojo das propostas pedagógicas e alinhadas com as ações inclusivas e de democratização que oportunizem aos egressos do ensino fundamental, médio e superior o acesso a uma escola pública, gratuita e de qualidade. Atualmente a forma de acesso ao IFRO se dá por meio do processo seletivo, contudo as discussões estão sendo feitas com a comunidade, assim como através da participação dos gestores nos fóruns específicos, para que sejam implantados outros mecanismos de acesso, como, por exemplo, o novo ENEM que será utilizado para o ingresso do aluno no ensino superior do Instituto, a partir de 2010 (PDI-IFRO).

O texto citado acima é bastante claro quando menciona que ainda estão sendo definidas propostas pedagógicas de inclusão e democratização do ensino em todas as suas modalidades tendo como propósito ofertar uma educação de qualidade. Porém, com relação ao ingresso do aluno no ensino superior, o texto é categórico e cita que esse ingresso, a partir de 2010, seria através do ENEM. Porém, no primeiro vestibular desse ano (2010) do IFRO não foi adotado tal critério.

No campo da educação, a Lei 10.639/03 é, sobretudo, uma conquista do Movimento Negro e, se bem trabalhada, a mais forte das ações afirmativas promovidas pelo Governo Federal. O estudo de tal lei e de como a escola tem trabalhado com a mesma, possibilitará, entre outras coisas, a discussão sobre a construção do Currículo e do PPP, atualmente PPI, da Instituição, assim como do PDI, que são documentos oficiais no universo educacional.

É observável também que não houve alunos que se autodeclararam indígenas e, além disso, é observado que tal relatório estatístico do mencionado ano não trabalha com o termo afrodescendente e conceitua o termo afro como raça/etnia separando os indivíduos afros dos pardos.

É de suma importância ressaltar ainda nesse momento, que durante toda essa pesquisa, a categoria considerada como afrodescendente corresponde à soma de pretos e pardos, pois assim foi convencionado pelo IBGE.

O IBGE e o Censo brasileiro utilizam essas duas categorias de cor/raça (preta e parda) para designar a categoria de afrodescendentes e, segundo Elisa Larkin Nascimento (2003, p. 115), tal utilização revela-se “arbitrária e subjetiva”; convencionou-se entre os pesquisadores e atores sociais “somar tais categorias dando a elas a categoria de negros, afro-brasileiros e afrodescendentes”.

Tal categoria foi assim analisada tendo como embasamento teórico também as ideias de Alexandre do Nascimento (2007, p. 74) que igualmente denomina população negra “os pretos e pardos autodeclarados da nossa composição racial”.

No entanto, é importante ressaltar que essas são categorias que estão sendo discutidas e analisadas, uma vez que algumas parcelas da população, tais como os caboclos, não aceitam serem classificadas como negros.

No Projeto Pedagógico da escola, pode-se notar no ano de 2007, através da tabela 2, que não foi observada a informação acima, pois constam como categorias os termos Afro, Branca e Parda. Não foram consideradas as cores/raças preta, amarela ou indígena. O termo *Afro*, que não existe enquanto representação de cor/raça, provavelmente cedeu lugar a cor/raça preta. Não foi feita a soma de pretos e pardos para chegar à categoria de negros ou afro-brasileiros, conforme orientação do IBGE.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Tendo acesso às informações mencionadas no Capítulo I e concordando com Tomaz Tadeu da Silva (2007) é que se tornou possível a pesquisa sobre como o IFRO tem trabalhado as questões étnico-raciais no âmbito da Lei 10.639/2003.

As questões do multiculturalismo e da diferença ganharam espaço, nesses últimos anos, dentro das teorias educacionais, mas pouco se tem trabalhado num conceito claro do que realmente seja identidade e diferença [...] A identidade é aquilo que se é e a diferença é aquilo que o outro é (SILVA, 2007, p. 73-74).

2.1 Identidade e Diferença

Para Silva (2007) identidade e diferença são processos de produção social e tem estreitas conexões com relações de poder. Ele ainda menciona que tanto a identidade quanto a diferença dependem da representação. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”.

Na verdade, quem tem o poder de representar, representa a identidade e a diferença como bem lhe interessa. Sendo assim, representam a identidade como algo bom e a diferença, por ser representada no outro, como algo a ser “descartado.”

Nascimento (2003, p. 39) diz: “A primazia da questão da identidade fundamenta-se na função que desempenha para as populações excluídas, pois na maioria das vezes a razão dominante não reconhece a diferença ou não lhe atribui importância”.

Tendo consciência de que a escola tem esse tal poder de representação e cobrando de tal Instituição de Ensino o papel de representar sem “máscaras” a realidade brasileira, tal poder certamente produzirá um efeito de reflexão sobre o porquê de se atribuir ou não atribuir valores/importância a esses ou àqueles seres humanos.

A pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os/as jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença (SILVA, 2007, p. 91).

Nascimento (2003, p. 83) aborda a teoria pós-crítica do currículo através do conceito do multiculturalismo que desafia o universalismo e o eurocentrismo criticando a racionalidade moderna amparada a movimentos sociais como o anticolonialismo que necessita de abordagens interdisciplinares, que constitui um princípio epistemológico fundamental para tratar as questões sociais.

Silva (2007) volta a enfatizar, como fez em 2005, que “não se pode abordar o multiculturalismo em educação simplesmente como uma questão de tolerância e respeito para com a diversidade cultural”. A estratégia que se deve utilizar é questionar as relações de poder e os processos de diferenciação que antes de tudo, produzem a identidade e a diferença.

Silva (2007, p. 100) menciona que “uma política pedagógica da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença”. Para esse mesmo autor, a melhor forma de se trabalhar na escola a identidade e a diferença seriam através de questionamentos que sejam capazes de expressar como a diferença é ativamente produzida. Os questionamentos do tipo político que o referido autor

cita são: “Como a identidade e a diferença são produzidas? Quais são os mecanismos e as instituições que são ativamente envolvidas na criação da identidade e de sua fixação?”

Tendo em vista a opinião de Tomaz Tadeu da Silva sobre o que foi colocado nos parágrafos acima e recordando os séculos de escravidão do negro no Brasil, tendo ainda como fonte a informação de Flávio Gomes (2006) de que desembarcaram, como escravos, em solo brasileiro, cerca de quatro milhões de almas assim distribuídas entre os séculos XVI e XIX:¹

Tabela 4: Desembarque de escravos em solo brasileiro entre os séculos XVI e XIX.

Séculos	XVI	XVII	XVIII	XIX
Escravos	50.000	560.000	1.400.000	2.000.000

Fonte: Gomes (2006, p. 113).

Pode-se inferir em que situação de poder esse negro esteve durante todo esse tempo. Sabe-se também que não é fácil mudar uma realidade que tanto tempo se fez presente, mas não é impossível. É necessário, então, pelo menos e por enquanto, tentar melhorá-la.

Florentino (1995, p. 21) também afirma que, entre os séculos XVI e XIX, desembarcaram em portos brasileiros cerca de quatro entre cada dez africanos importados pelas Américas e, em termos de volume absoluto de almas importadas, “nenhuma outra região americana esteve tão ligada à África através do tráfico como o Brasil”.

A identidade do africano e do afrodescendente foi criada e mantida ao longo da história como sendo menos importante do que a dos brancos. Também foi criado, nas mentes das pessoas, o estereótipo de que os negros são malandros, preguiçosos, mais fracos intelectualmente, etc.

Conforme Nascimento (2003, p. 227), tais estereótipos foram criados e mantidos “com o endosso das teorias científicas e das políticas oficiais baseadas na eugenia”.

Nascimento (2003) menciona que, na escola, através da representação cotidiana, se perpetua o determinismo racial.

No imaginário social brasileiro, a identidade de origem africana é intimamente ligada às ideias de escravidão; trabalho braçal; inferioridade intelectual; atraso tecnológico; falta de desenvolvimento cultural, moral, ético e estético; e até mesmo à ausência de desenvolvimento lingüístico, já que as línguas africanas são tidas como ‘dialetos’ (NASCIMENTO, p. 390).

Conforme Silva (2005), o termo raça “está ligado às relações de poder que opõem o homem branco europeu às populações dos países por ele colonizados”.

Schwarcz (1998) afirma que Nina Rodrigues, considerado o fundador da antropologia científica no Brasil, acreditava que a inferioridade da raça negra poderia ser estabelecida fora de qualquer dúvida científica, considerando ainda como impossível e desprezível a ideia de que “representantes das raças inferiores” pudessem atingir através da inteligência “o elevado grau a que chegaram as raças superiores. Ainda segundo Schwarcz, Euclides da Cunha concluiu que o mestiço era antes de tudo um desequilibrado incapaz de conviver com a civilização.

¹ Infelizmente, historiadores podem apenas fazer estimativas acerca do número de escravos que tenham sido trazidos para o Brasil ao longo de três séculos, pois logo após a abolição da escravatura, Rui Barbosa mandou que reunissem todos os documentos referentes à escravidão e que queimassem os mesmos temendo pedidos de indenização.

Tais conceitos necessitam ser eliminados, o mais rápido possível da sociedade, iniciando este trabalho no meio estudantil, pois é através das crianças de hoje que se pode esperar pela mudança dos adultos de amanhã. É indispensável que os educadores tenham especial atenção ao trato com o ser humano que cresce dentro das Instituições de Ensino.

De acordo com Nascimento (2003, p. 22), a imagem do afrodescendente foi criada através da ideologia racista e tem se refletido até hoje na instituição escolar e nos conteúdos do ensino.

Silva (2005, p. 35) afirma que [...]

[...] as crianças e jovens das classes dominantes vêm seu capital cultural reconhecido e fortalecido. As crianças e jovens das classes dominadas têm sua cultura nativa desvalorizada, ao mesmo tempo em que seu capital cultural, já inicialmente baixo ou nulo, não sofre qualquer aumento ou valorização.

É justamente buscando exterminar com esse tipo de ideologia que a Lei 10.639/2003 foi criada. Mas é preciso colocá-la realmente em prática. Se tal lei não sair do plano das ideias não fará mudanças sociais concretas. É necessário, pois que a população afrodescendente passe a sentir orgulho de sua cor/raça, de sua história, de sua cultura e que a população branca passe a respeitar e também valorizar aquilo que faz parte da história do país, que vergonhosamente foi o último a acabar com o tráfico de almas no mundo.

É importante ecoar em todas as escolas do país, pois são nas escolas que se constroem as mudanças e se derrubam os estereótipos, que ser diferente não significa ser menos importante. E que ser diferente tem mais a ver com a identidade do que se supõe.

Diante de tal fala justificou-se enveredar pelo caminho da pesquisa para conhecer a realidade em que o IFRO - *Campus* Colorado do Oeste está inserido e encontrar meios de melhorá-la. É importante lembrar que, conforme consta na tabela 1 – que consta na página 15 desta dissertação, no primeiro capítulo (Introdução), atualmente o número de alunos que se autodeclararam negros matriculados no Ensino Técnico da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste tem sido maior do que a de alunos brancos.

A consultora Educacional Isabel Santos, do Centro de Estudo das Relações de Trabalho e Desigualdades, o Ceert afirma que: “Se a construção da auto-imagem do jovem no país prevê que o negro se sinta submisso e o branco superior, sempre haverá problemas para a sociedade como um todo”.

A escola possui instrumentos, sobretudo legais, que são capazes de superar as práticas racistas presentes na sociedade, recriando, nela, a imagem da população afrodescendente através do resgate da verdadeira História e da Cultura dos afro-brasileiros. É dever da escola revelar que os povos africanos, que foram feitos de escravos, não ficaram passivos durante o período de escravidão. Para tanto, será necessário fazer cumprir o que rege a Lei 10.639/2003 exatamente da forma como foi prevista – inserindo-a no Currículo Oficial do Instituto. Uma das formas de se colocar em prática o que tal lei determina é oportunizar aos educandos leituras dirigidas de obras que narrem a história dos negros no Brasil; divulgar com frequência, em toda a área da escola, através de vídeos, folders, painéis e outros, a história daqueles negros que heroicamente se organizaram em quilombos como foi o caso de Zumbi dos Palmares.

É importante que a escola destaque, sobretudo, que a população africana e de afrodescendentes foi massacrada durante todo o período de escravidão e que, até os dias atuais, essa população sofre com a diferença com que ela foi e é representada. Toda a comunidade escolar necessita conhecer as atrocidades que foram praticadas contra os escravizados e conhecer também o poder de luta e de união desse povo que reuniu forças suficientes para quebrar muitos laços de desigualdades. Sobretudo faz-se necessário ressaltar

ainda dentro das Instituições de Ensino, que o afro-brasileiro tem suas diferenças, e que as diferenças são boas; e ainda lembrar que a diferença não deixa de ser uma criação do homem, e que todos os homens, sejam eles brancos ou não brancos, são seres humanos.

2.2 Currículo Escolar e a Construção da Identidade

É muito difícil falar sobre educação escolar num país que, de acordo com fontes do Banco Mundial apresentou em 2006 o pior resultado em educação. Com base em tal pesquisa, os alunos brasileiros não conseguem pensar criticamente nem conseguem fazer cálculos que necessitem de pensamento lógico mais elaborado. Tais alunos não conseguem se concentrar e muito ainda tem que ser feito para mudar a realidade que aí está instalada.

Utilizando dados da PNAD 2006, a UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância, divulgou um relatório sobre a Situação da Infância e da Adolescência Brasileira – 2009. Segundo tal relatório, dos 1,8 milhões de jovens entre 15 e 17 anos estão fora da escola e apenas 50,9% dos alunos que se matricularam no ensino médio finalizaram tal curso.

Conforme Pelegrini, em um artigo publicado na revista **Nova Escola** (2002), muitos professores que trabalham em escolas públicas da periferia de São Paulo comentam que as turmas, com o passar dos anos, vão “clareando”. Tal expressão (clareando) pode ser vista como racista, mas o que realmente se quer com essa estimativa, neste contexto, é dizer que há menos alunos negros na 7ª e 8ª séries do que na 1ª série do Ensino Fundamental.

Silva (2005, p. 15) enfatiza que a palavra currículo vem do latim *curriculum* e significa “pista de corrida” e, equivocadamente, pensa-se em currículo apenas como conhecimento. Para o autor, o conhecimento construído através do currículo está ligado ao que somos (nossa identidade) e ao que nos tornamos (nossa subjetividade). Desta forma, conhecimento está ligado ao poder e não simplesmente ao conteúdo ou conteúdos programáticos ministrados dentro da sala de aula.

Os problemas relacionados à educação no país são diversos e não se resumem apenas ao plano de conhecimento de conteúdo. Obviamente que esse problema é sério e é necessário sair da superficialidade. Os conteúdos a serem ministrados devem levar também em consideração aspectos não formais. A educação não ocorre apenas em sala de aula. É preciso tratar a educação como uma questão multidisciplinar. É necessário transcender os muros que cercam a escola e, é importante conhecer como é a vida dos alunos, suas atividades e necessidades. E persistindo ainda nessa ideia, na maioria das vezes o próprio educador não se conhece, ou melhor, não consegue se quer perceber a própria realidade. Por outro lado, não se podem esquecer os problemas sociais enfrentados pela maioria da população brasileira. Não surte resultado positivo o processo de ensino-aprendizagem em um ambiente onde, por exemplo, o aluno tem fome, medo ou está sofrendo com alguma doença.

Conforme a obra **Igualdade das Relações Étnico-Raciais na Escola**, “É importante que a escola valorize as relações, recursos humanos e insumos importantes já existentes. [...] Esses sujeitos trazem expectativas do que gostariam de aprender e dialogar, e responder às suas indagações é um excelente caminho para a implementação da lei (10.639/03).

A escola necessitaria ser pioneira numa melhoria da sociedade, mas não é o que se tem visto. A escola parece não estar participando da sociedade, parece que a escola apenas reproduz, e ainda de forma bastante singela, o que tem sido encontrado na sociedade. Parece que a escola está de um lado e a sociedade de outro. Existe uma barreira entre sociedade e escola. A escola sequer sabe o que a sociedade deseja dela.

Em algumas comunidades, principalmente aquelas onde o nível sócio-econômico é alto, o acesso às informações tem chegado cada vez mais rápido do que a escola pode assimilar e não há como o educador continuar a agir como se seu aluno e o mundo desse aluno não fizesse parte do contexto escolar.

Existem também aquelas escolas, como é o caso do Instituto Federal de Educação de Colorado do Oeste - Rondônia, em que boa parte de seus alunos, que ingressaram nos últimos dois anos no Curso Técnico Agrícola integrado ao Ensino Médio, não possuíam acesso à internet e sequer possuíam *e-mail*, e percebe-se que essa realidade não tem sido trabalhada no sentido de mudá-la imediatamente. Sendo assim, cabem aqui alguns questionamentos: “Até que ponto a escola exclui ou inclui? O processo seletivo é includente ou excludente? Será que o perfil da comunidade que ingressa no Instituto está sendo levado em conta? Que tipo de trabalho tem sido executado para garantir o acesso aos meios de comunicação e à valorização da temática africanista, prevista na Lei 10.639/03? E, sobretudo, como tem sido trabalhado o senso crítico desses alunos excluídos da e na era digital”? É necessário reconhecer o que o aluno está trazendo para a sala de aula e valorizar as atitudes e os saberes desse. Não se pode mais negar o mundo exterior que existe atrás das fronteiras da escola.

Segundo Nascimento, E. (2003, p. 388) desde 1970 que os movimentos negros lutam pela necessidade da inserção e da permanência dos afrodescendentes no sistema educacional. Como propostas de políticas públicas, desde aquela época já reivindicavam, sobretudo, a redefinição da identidade do negro, a inclusão do negro no mercado de trabalho e do pleno exercício da cidadania, como o direito ao voto que era direito apenas dos alfabetizados.

De acordo com Silva (2007), as questões do multiculturalismo e da diferença ganharam espaço, nesses últimos anos, dentro das teorias educacionais, mas pouco se tem trabalhado num conceito claro do que realmente seja identidade e diferença.

Segundo Silva (2007, p. 92) “a pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os/as jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença”.

Ainda segundo Silva (2005, p. 88) “as diferenças não devem ser simplesmente respeitadas ou toleradas, [...] insistiria em vez disso, numa análise dos processos pelos quais as diferenças são produzidas através de relações de assimetria e desigualdades”.

Para Silva (2007, p. 98), uma estratégia pedagogicamente possível de se trabalhar seria utilizando o pressuposto básico de que a natureza humana tem uma variedade de formas legítimas de se expressar culturalmente e todas devem ser respeitadas e toleradas. Dessa forma “as crianças e os jovens, nas escolas, seriam estimulados a entrar em contato, sob as mais variadas formas, com as mais diversas expressões culturais dos diferentes grupos culturais”. Porém esse autor deixa claro que há a necessidade de se trabalhar com isso, mas de forma crítica, sempre se fazendo o uso do questionamento da origem da identidade e da diferença.

Esse mesmo autor menciona que uma política pedagógica da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença. Ela tem que colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-la.

Porém o profissional melhor preparado para trabalhar com esses distúrbios psicológicos é escasso no município de Colorado do Oeste. Atende a toda rede escolar apenas uma psicóloga. E no IFRO essa realidade não é nem um pouco animadora, pois no quadro do Instituto não consta esse tipo de profissional e, quando há necessidade de acompanhamento psicológico para os discentes, o IFRO costuma encaminhá-los para tratamento com profissionais em outras cidades vizinhas.

Para o autor, a melhor forma de se trabalhar identidade e diferença seria por exemplo através de questionamentos do tipo político. Silva sugere que, na prática, o currículo permita, frequentemente, discutir as formas como a identidade e a diferença são produzidas? Quais são os mecanismos e as instituições que são ativamente envolvidas na criação da identidade e de sua fixação?

“Antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença é preciso explicar como ela é ativamente produzida.” Ainda Segundo Silva (2007, p. 100) também não se trata de celebrar a diferença e a diversidade, mas de colocá-la em constante questionamento.

Apresentando uma das obras de Nascimento, E. (2003), Kabenguele Munanga descreve que a autora [...]

[...] problematiza o processo de construção da identidade, que do ponto de vista das populações tornadas subalternas, condiciona a conquista de sua plena cidadania, a legitimação do seu exercício da liberdade e dos direitos humanos genéricos e específicos (MUNANGA in Nascimento, 2003, p. 13).

Ainda conforme a ótica de Munanga, Nascimento pensa que a identidade é um objeto de manipulação político-ideológica a serviço da classe dominante onde por meio da identidade é negado o reconhecimento da especificidade e tornando-se um obstáculo à implementação das políticas compensatórias em benefício daqueles que por vários séculos foram vítimas do racismo e da discriminação racial.

Erikson (apud Nascimento, 2003, p. 38) também discorre que “a identidade tem a ver com tremendas lutas de poder”.

Silva (2005, p. 16) também lembra que “selecionar é uma operação de poder” e é o poder que vai “separar as teorias tradicionais das teorias críticas e pós-críticas do currículo”.

Nascimento (2003, p. 25-31) define identidade como “a dinâmica entre a constituição do indivíduo e seu meio social”. [...] “A identidade pode ser vista como uma espécie de encruzilhada existencial entre indivíduo e sociedade em que ambos vão se constituindo mutuamente”.

E é com finalidade nessa constituição que se encontra a importância de se construir um currículo escolar multiculturalista.

O Currículo Escolar pode ser definido como o conjunto de experiências pelas quais os alunos passam. Tal currículo pode ser dividido em oficial e oculto. Levando-se em consideração que numa Instituição de ensino nada é estático, pelo menos não deveria ser, é no dia a dia que o Currículo da escola se realiza – Currículo cotidiano. Esse Currículo então não pode ser tratado como neutro.

A manutenção de ações docentes que resgatem a História e a Cultura dos povos africanos é capaz de incorporar ao cotidiano escolar algumas ações pedagógicas que se perpetuem dentro do universo social em que os alunos estão inseridos. Porém, é possível observar com certa facilidade a quase exclusão do afrodescendente nos livros didáticos.

Segundo Nascimento, E. (2003, p. 389),

Em geral, o negro surge no livro didático apenas em dois momentos: na discussão da formação do povo brasileiro e no estudo da abolição da escravidão [...] e as referências costumam se articular no tempo passado [...] No caso da abolição da escravidão, o protagonismo histórico do próprio africano escravizado dá lugar à suposta generosidade paternalista do branco que teria zelado por sua libertação, dádiva da bondosa classe dominante.

Silva (2005) chama de texto curricular “os livros didáticos e paradidáticos, as lições orais, as orientações curriculares oficiais, os rituais escolares, as datas festivas e comemorativas”. Segundo ele,

O texto curricular, [...] está recheado de narrativas nacionais, étnicas e raciais [...] e confirmam o privilégio das identidades dominantes e tratam as identidades dominadas como exóticas ou folclóricas. [...] A questão da raça e da etnia não é simplesmente um “tema transversal”: ela é uma questão central de conhecimento, poder e identidade (SILVA, 2005, p. 101).

Nessa mesma linha de pensamento, Elisa L. Nascimento (2003, p. 208) propõe que não se deve trabalhar o tema “Africanidades (apenas de forma – grifo nosso) lúdica, limitada às esferas da música, da dança, do futebol e da culinária”, pois se a temática for trabalhada dessa forma, os povos africanos continuarão sendo identificados como inferiores, primitivos e incapazes.

Porém, para tanto, é necessário que o professor repense, reflita, entenda o atual sistema de ensino que, até então, sempre primou pelo eurocentrismo e desmereceu o sofrimento e, principalmente, a luta dos povos negros e indígenas. Ele necessita revisar suas posturas cotidianas no ambiente de seu trabalho. É muito importante que o profissional da educação não pense simplesmente em mudar sua prática educativa por conta de uma obrigatoriedade legal. Isso só pioraria o quadro de preconceito no qual a sociedade brasileira está submetida. O professor precisa estar convencido de que o Brasil é um país racista e as práticas de preconceito racial estão muito presentes na escola.

Ao abordar a História da África e dos africanos não se deseja que a escola mude completamente sua ótica que desde sempre é etnocêntrica e eurocêntrica, mas que ela, sobretudo amplie seu foco buscando estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, principalmente através da reflexão sobre os paradigmas culturais, históricos, sociais e antropológicos que estão enraizados no sistema educacional, para que desta forma possa encontrar alternativas e práticas que priorizem o debate e a compreensão de contradições existentes no seio da sociedade brasileira.

De acordo com Santos (2007, p. 97),

Não se trata aqui de apontar o quadro docente como o grande culpado pelo racismo na educação, mas sim de apontá-lo como o maior potencial sujeito da transformação. A educação escolar tem um papel fundamental na superação das desigualdades raciais e do racismo. Isso porque o ambiente escolar é um dos principais ambientes de socialização, interferindo decisivamente na formação de personalidades, comportamentos, visões de mundo e dos códigos comportamentais derivados da forma como os indivíduos se percebem/posicionam no mundo. [...] Na escola são transmitidos aprendizados que vão além daqueles que constam do currículo oficial.

Uma sugestão cabível nesse caso seria reunir a equipe pedagógica da escola para montar material referente a Currículo e que dentro desse material estivesse contido a necessidade de se trabalhar a temática multiculturalista. Dentro desse material seria necessário constar, na íntegra, as diferenças sociais existentes entre brancos e não brancos, sobretudo embasadas em documentos oficiais como os dados estatísticos do IBGE e IPEA.

Tendo em mãos a construção desse material, a equipe poderia trabalhá-lo junto com os professores logo no início do ano letivo e, desta forma, conseguiria sensibilizar e ajudar o quadro docente a repensar suas concepções e atitudes e orientá-los nas seleções dos conteúdos a serem aplicados em sala de aula, nas escolhas dos livros didáticos e nas abordagens de ensino. Esse tipo de trabalho poderá servir para que a escola de fato alcance o que realmente importa que é legitimar a construção de uma identidade brasileira não como sendo apenas de origem européia, mas levando em consideração as contribuições trazidas também pelos povos indígenas (Lei 11.645/08) e africanos (Lei 10.639/03).

Conforme Rosa (2007), outro fator importante é a necessidade que o aluno tem de conhecer sobre a temática africanista visto que [...]

[...] inúmeros vestibulares de instituições federais do Brasil já vêm adotando como matriz referencial de seus exames a África, as Relações Raciais e o lugar político da diáspora negra no mundo. Também o Enem vem adotando pontualmente questões ligadas à dinâmica da população afrodescendente a

partir da reeleitura realizada, sobretudo, no campo da História, da Geografia e da Antropologia acerca dos papéis representados pelos negros no Brasil. Portanto, as escolas que compõem a Educação Básica devem acompanhar essa mudança de concepção do negro na sociedade brasileira sob pena de não prepararem seus egressos para o vestibular (ROSA, 2007, p. 22).

Os profissionais da educação necessitam estar conscientes das desigualdades sociais às quais a população negra enfrenta; e necessitam entender que a maioria das desigualdades sociais está ligada ao fator racial desse indivíduo e, ainda seguindo a linha de pensamento de Rosa (2007), é urgente que os professores sejam incluídos em Programas de Formação sobre o estudo das relações raciais aplicadas objetivamente à educação e a implementação de uma pedagogia anti-racista.

Ao construir um Currículo, o ponto mais importante é buscar o domínio de qual conhecimento deve ser ensinado e no que esse conhecimento vai se transformar e ainda, no que ele poderá transformar os indivíduos socialmente construídos por ele. Segundo Silva (2005, p. 16), as teorias tradicionais concentram-se em questões técnicas; as teorias críticas e pós-críticas não apenas questionam o que ensinar, mas por que ensinar esse ou aquele conteúdo. Na verdade, “estão preocupadas com as conexões entre saber, identidade e poder”.

Dessa forma, a temática africanista deve estar oficialmente incluída e amarrada em todos os documentos da Instituição: no Projeto Político Institucional, Organização didático-pedagógica, Regimento Interno, Regimento Geral, Estatuto, Planos Pedagógicos, Planos de Ensino, Planos de Curso, Documentos Normativos e de Planejamento. É necessário constar, nesses documentos, as ações que se pretende colocar em prática para que a comunidade possa conhecer amplamente, questionar quando lhe for oportuno e cobrar pela sua efetivação.

Ainda segundo Silva (2005, p. 85),

O multiculturalismo é tanto ‘um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional [...] como uma solução para os problemas que a presença de grupos raciais e étnicos coloca, no interior daqueles países, para a cultura nacional dominante [...] não pode ser separado das relações de poder’.

2.3 Racismo, Preconceito Racial e Discriminação Racial

A atual Constituição brasileira, que data de 1989, em seu inciso 42 do artigo 5º prevê que a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão nos termos da lei, mas nem sempre foi assim: segundo a Constituição de 1824, nas palavras de Schwarcz (1987, p. 36), “os índios e escravos não eram sequer considerados cidadãos”.

Cotrim (2002, p. 312) ressalta ainda que a Constituição de 1824 [...]

[...] afirmava a liberdade e a igualdade de todos perante a lei, mas a maioria da população permanecia escrava. [...] Aboliam-se as torturas, mas nas senzalas os instrumentos de castigo como o tronco, a gargalheira e o açoite continuavam sendo usados, e o senhor era o supremo juiz da vida e da morte de seus homens.

Além de a atual Carta Magna prever que a prática do racismo é crime, a Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989, também conhecida como Lei Caó, combate os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Para conhecer do que trata essa Lei foi preciso entrar no sítio da Presidência da República. O texto dessa lei foi alterado nos artigos 1º e 20 e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-Lei n.º

2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal) através do texto da Lei 9.459, de 13 de maio de 1997.

Porém, os educadores, antes mesmo de ter conhecimento sobre leis que garantam que a prática do racismo é um crime, é preciso que busquem conhecer a origem do racismo e de suas manifestações, como a discriminação e o preconceito. É de suma importância, entender um pouco da história da escravidão dos povos africanos no Brasil para superar de fato as desigualdades sociais existentes entre brancos e afrodescendentes que imperam no país.

Diversos autores teorizam o que venha a ser o racismo, mas nenhuma dessas teorias consegue expressar realmente o que essa conduta representa na alma de quem de fato sofreu ou sofre com esse tipo de tratamento.

De acordo com Sant'Ana (2005), o racismo é um fenômeno ideológico que se consolida através dos preconceitos, discriminações e estereótipos.

Na Grécia antiga tinha-se como certo e definido que todos aqueles que não pertencessem à sua raça eram classificados como bárbaros. E Heródoto afirmava que os persas consideravam-se a si mesmos superiores ao resto da humanidade. Aristóteles dizia que uma parte dos homens nasceu forte e, resistente, destinada expressamente pela natureza para o trabalho duro e forçado. A outra parte – os senhores – nasceu fisicamente débil; contudo, possuidora de dotes artísticos, capacidade, assim, para fazer grandes progressos nas ciências filosóficas e outras (SANT'ANA, 2005, p. 43).

Entende-se por estereótipo a estratégia ou conceito que inferioriza o outro, negativando o ser estereotipado e, assim, definindo fronteiras representativas entre normal e anormal. Muitos foram os estereótipos dados aos negros, tais como: indolente, inferior, criminoso, debochado. Conforme Nascimento (2003, p. 227) “[...] tais estereótipos gozavam do endosso das teorias científicas e das políticas oficiais da época baseadas na eugenia”.

Para Johnson (1997, p. 93), “os estereótipos constituem a base do preconceito, que, por sua vez, é usado para justificar discriminação e atitudes positivas ou negativas”.

Já a palavra raça, segundo Silva (2005, p. 100) “está estreitamente ligada às relações de poder que opõem o homem branco europeu às populações dos países por ele colonizados”.

Foi a partir de 1859, com a publicação da obra de Charles Darwin, **A Origem das Espécies**, que novas interpretações passam a ser aplicadas em diversos ramos do conhecimento e, conforme Schwarcz (2000, p. 56-58),

No que se refere à esfera política, o darwinismo significou uma base de sustentação teórica para práticas de cunho bastante conservador. São conhecidos os vínculos que unem esse tipo de modelo ao imperialismo europeu, que tomou a noção de “seleção natural” como justificativa para a explicação do domínio ocidental, “mais forte e adaptado. [...] Para os poligenistas, seleção natural implicava pensar na degeneração social. [...] O “darwinismo social” ou “teoria das raças” [...] via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que [...] ela deveria ser vista como sinônimo de degeneração não só racial como social. [grifo nosso]

Conforme Schwarcz (2000, p. 60), Francis Galton, cientista britânico, através da prática avançada do darwinismo social criou, em 1883, o termo “eugenia” – boa geração, cuja meta era intervir na reprodução das populações. A partir de 1880 a eugenia se transformou “em um movimento científico e social vigoroso [...] e; enquanto movimento social preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e – talvez o mais importante na ideologia dele – desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade”.

Para Gobineau, in Schwarcz (2000, p. 64) “o resultado da mistura é sempre um dano” [...] e não se podia esperar muito de certas “raças inferiores”. Ainda conforme Gobineau in

Schwarcz (2000), “do cruzamento de espécies diferentes adivinham populações “desequilibradas e decaídas”.

Schwarcz (2000, p. 111-112) cita ainda algumas ideias bárbaras presentes na Revista do IHGB, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde “Os negros representam um exemplo de grupo incivilizável” e, além disso, ainda “era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação”.

Contrariando a ideia a respeito da “teoria do embranquecimento” desenvolvida e difundida no Brasil, Schwarcz (1987, p. 23) diz que [...]

[...] a conclusão otimista que chegavam os autores que advogavam a ‘tese do branqueamento’ repousava, por sua vez, em algumas constatações-chave: a de que a miscigenação não produziria inevitavelmente ‘degenerados’, mas uma população mestiça sadia, capaz de tornar-se sempre mais branca tanto cultural como fisicamente.

Porém, conforme Schwarcz (2000, p. 115), Sílvia Romero, que apesar de supor que ao branco cabia um papel fundamental no processo civilizatório, solucionou de forma original que “estava na mestiçagem a saída ante a situação deteriorada do país e era sobre o mestiço – enquanto produto local, melhor adaptado ao meio – que recaíam as esperanças do autor”.

Segundo Thomas Skidmore in Schwarcz (1987, p. 36), [...] “o pensamento racial teve seu auge entre 1890 e 1920, quando as ideias de hierarquização das raças e da superioridade da raça branca adquirem foros de legitimidade científica”.

Na concepção de Sant’Ana (2005), o racismo surgiu quando um povo (colonizadores - brancos) quis utilizar-se da mão-de-obra barata dos povos que colonizavam (negros). Precisando justificar as práticas desumanas que cometiam, surgiram então as ideologias racistas que passaram a status de teorias a partir da revolução industrial européia. Tais teorias - de cunho ideológico-doutrinário eram tratadas como científicas e classificavam as raças em superiores e inferiores.

O racismo tanto é ideológico e socialmente construído como forma de discriminar que, conforme Nilma Lino Gomes (1995), os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo adulto.

Conforme Nascimento, A. (2007, p. 76-78),

O racismo é produtor de desigualdades [...] e não é mais possível negar que o racismo e a discriminação racial estão intimamente relacionados às péssimas condições de vida e de trabalho da população negra e das classes populares em geral. [...], pois estudos sobre mobilidade social mostram as maiores dificuldades da população negra em ascender socialmente.

Hoje, no Brasil, existem muitos tipos de racismo disfarçado. Um exemplo disso é o número de piadas contadas em que o negro sempre é visto como malandro, ladrão, analfabeto, etc. Tal prática, infelizmente, não foge dos bancos escolares e é papel dos profissionais da educação trabalhar com veemência na tentativa de liquidar com esse ou qualquer outro tipo de prática.

Tomando o Parecer CNE/CP n.º 3/2004, “A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política”.

De acordo com Nascimento, E. (2003), é necessário fazer frequentemente a crítica da hegemonia do etnocentrismo ocidental como também a análise histórica sobre a dominação patriarcal e colonial.

Conforme Silva (2005, p. 87-88),

A análise do racismo não pode ficar limitada a processos exclusivamente discursivos, mas deve examinar também (ou talvez principalmente) as estruturas institucionais e econômicas que estão em sua base. O racismo não pode ser eliminado simplesmente através do combate a expressões linguísticas racistas, mas deve incluir também o combate à discriminação racial no emprego, na educação, na saúde.

Segundo Gomes (2005, p. 54),

O Preconceito Racial é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo [...] trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos.

Ainda conforme Sant'Ana (2005), nos tempos primitivos, até por volta da Idade Média, a discriminação baseava-se em fatores religiosos, políticos, nacionalidade e na linguagem e não em diferenças biológicas ou raciais como acontece hoje.

Para Nascimento, E. (2003, p. 47) não existe distinção entre preconceito de marca e de origem porque “a marca é simplesmente o signo da origem; é através da marca que a origem é discriminada, sendo esta, e não o fenótipo em si, o alvo da discriminação”.

Para Zito (2006. p. 65),

Nosso preconceito racial atém-se mais às aparências, às marcas fenóticas – quanto mais traços físicos de negros mais problemas, diferente do preconceito racial de origem, norte americano, em que uma gota de sangue negro é fator de exclusão, independente de a pessoa ter mais traços brancos do que negros.

Na verdade, não dá para escolher qual dessas duas formas de preconceito é melhor ou podem ser mais aceitáveis, porque todas excluem e tratam de maneira humilhante àqueles que apresentem uma ou outra característica acima descrita.

De acordo com a professora do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas, Ana Maria Niemeyer “A discriminação afeta a auto-estima do estudante. Isso se reflete no aprendizado e é uma das causas da evasão”. Muito já se falou da necessidade de devolver aos afrodescendentes tudo o que lhes foi tirado, porém pouco se tem feito de fato para colocar isso em prática.

Segundo Luciana Jaccoud e Nathalie Begin (2002) ‘A Discriminação Racial pode ser direta ou indireta [...] A discriminação direta seria aquela em que uma pessoa é excluída expressamente em razão de sua cor e a indireta alimenta estereótipos sobre o negro e é exercida sob o manto de práticas administrativas ou institucionais. [...] A melhor forma de superá-la é através da análise de indicadores de desigualdade entre os grupos. [...] Um exemplo dessa forma de discriminação poderia ser dado pelo pouco sucesso dos negros no ensino fundamental, em que pese o alto grau de universalização atingido por esse nível de ensino’ (GOMES, 2005, p. 56).

Ana Lúcia Souza e Camila Croso (2007) conceituam que a discriminação racial é o racismo e o preconceito materializados em ações e condutas que desqualificam e inferiorizam um grupo em detrimento de outro.

2.4 Regime de Escravidão

Cruel e desumana foi a forma como os negros foram separados de suas famílias e também o modo como eram aprisionados aos montes em fétidos porões de navios que os transportaria para um destino também cruel e degradante.

As viagens eram feitas em navios conhecidos como tumbeiros (referente à palavra tumba). Tal derivação decorre do número altíssimo de mortes que ocorriam durante a travessia do continente.

Conforme relato de Florentino (1995), as mortes a bordo podiam ser imputadas a fatores como a escassez de alimentos e água, maus tratos, superlotação e medo, sem contar com o contato microbiano distinto entre europeus e africanos.

Acredita-se que dez milhões de negros foram trazidos para as Américas e que desse total cerca de 3.800 almas aportaram no litoral brasileiro.

Manolo Florentino Gomes (1995) menciona que, em termos de volume absoluto de almas importadas, nenhuma outra região americana esteve tão ligada à África através do tráfico negreiro como o Brasil e que entre os séculos XVI e XIX desembarcaram em portos brasileiros cerca de quatro entre cada dez africanos importados pelas Américas.

No início do comércio do tráfico negreiro, devido, principalmente, à potência dos navios, as viagens eram demoradas e cerca de 20% a 40% das almas encarceradas em porões insalubres morriam ora de fome, ora de alguma moléstia relacionada à falta de higiene do local que era quente, apertado, úmido e escuro. Aqueles indivíduos que conseguiam chegar vivos ao destino final, chegavam debilitados fisicamente e, segundo Laurentino Gomes (2007, p. 239), “permaneciam em quarentena, para serem engordados e tratados das doenças. Quando adquiriam aparência mais saudável, eram comercializados da mesma maneira como hoje boiadeiros e pecuaristas negociam animais de corte no interior do Brasil”.

Gomes (2007) acrescenta mais elementos à informação de que os povos africanos que chegavam aqui, na condição de escravos, eram comprados como animais. Para tanto, utiliza a descrição feita pelo diplomata inglês Henry Chamberlain a cerca da compra de um escravo no Mercado do Valongo:

Quando uma pessoa quer comprar um escravo, ela visita os diferentes depósitos, indo de uma casa a outra, até encontrar aquele que lhe agrada. Ao ser chamado, o escravo é apalpado em várias partes do corpo, exatamente como se faz quando se compra um boi no mercado. Ele é obrigado a andar, a correr, a esticar seus braços e pernas bruscamente, a falar, a mostrar a língua e os dentes. Esta é a forma considerada correta para avaliar a idade e julgar o estado de saúde do escravo (GOMES, 2007, p. 241).

O cônsul inglês James Henderson in Gomes (2007, p. 241) assim descreveu o desembarque dos escravos no Rio de Janeiro:

Os navios negreiros que chegam ao Brasil apresentam um retrato terrível das misérias humanas. O convés é abarrotado por criaturas, apertadas umas às outras tanto quanto possível. Suas faces melancólicas e seus corpos nus e esqueléticos são o suficiente para encher de horror qualquer pessoa não habituada a esse tipo de cena. Muitos deles, enquanto caminham dos navios até os depósitos onde ficarão expostos para venda, mais se parecem com esqueletos ambulantes, em especial as crianças. A pele, que de tão frágil parece ser incapaz de manter os ossos juntos, é coberta por uma doença repulsiva, que os portugueses chamam de sarna.

Conforme Florentino (1995), muitos desses escravos “morriam antes mesmo de serem revendidos aos fazendeiros do interior.”

Segundo Laurentino Gomes (2007, p. 239), “aqueles que morriam eram jogados em terrenos baldios ou valas comuns, nas quais se atirava fogo e, depois, uma camada de cal”.²

Esse mesmo autor faz uma crítica severa e bastante plausível ao fato do Mercado do Valongo, situado entre os bairros da Gamboa, da Saúde e do Santo Cristo, ter praticamente sumido do mapa, como se jamais tivesse existido. Atualmente, a Rua do Valongo chama-se Rua do Camerino e, como única referência geográfica o que restou é uma ladeira chamada Morro do Valongo. Porém, não se encontra, conforme esse autor, nenhuma referência em placas, nem monumentos foram erguidos e sequer existe explicação nos guias turísticos de que, naquele local, teria sido o maior entreposto negreiro das Américas.

Gomes (2007, p. 239) conta ainda que [...]

[...] Em 1996, [...] um casal de moradores da Rua Pedro Ernesto, 36, no bairro da Gamboa, decidiu fazer reformas na sua casa, construída no início do século XVIII. Durante as escavações, achou em meio ao entulho centenas de fragmentos de ossos misturados a cacos de cerâmica e vidro. Eram os vestígios do até então desconhecido cemitério dos Pretos Novos. Ali, duzentos anos atrás, se enterravam os escravos recém-chegados da África e mortos antes de serem vendidos. Até o começo de 2007, os arqueólogos haviam reunido 5563 fragmentos de ossos. Pertenciam a 28 corpos de jovens do sexo masculino, com idades entre 18 e 25 anos. Todos eles apresentavam sinais de cremação.

Alguns negros, quando tinham oportunidade, lançavam-se ao mar, preferindo ser devorados por tubarões a serem levados para uma terra onde, para eles, também poderiam ser devorados por monstros, pois estavam sendo levados para um mundo completamente desconhecido do seu.

De acordo com Ferreira (2009), para os nagôs, tais suicídios dividiam-se em: pessoais e convencionais. Pessoais seriam aqueles cometidos em razão de não suportarem as situações angustiantes ou vergonhosas; e, convencionais, aqueles que ocorriam em situações especiais: quando o indivíduo concordava em provar sua lealdade a um chefe, por exemplo”.

Segundo Cotrim (2002), “o excesso de trabalho, a má alimentação, as péssimas condições de higiene, os castigos acabavam deteriorando rapidamente a saúde do escravo. A maioria morria depois de cinco a dez anos de trabalho”. É era por isso que o regime da escravidão era um negócio tão vantajoso. Logo essas “peças” tinham que ser substituídas por outras.

Schwarcz (1987, p. 139) também menciona os maus tratos praticados, principalmente, contra os escravos rurais, a partir de uma análise feita em editoriais e seções “científicas” de jornais do século XIX. Conforme a autora, tais “cicatrices, marcas de ferro, membros mutilados... não só testemunhavam os rigores da escravidão como também acabavam por ser utilizados como sinais, que dificultavam a evasão do cativo, marcando em seu próprio corpo a sua condição”.

Gomes (2007 p. 249-250) descreve os tipos mais comuns dos maus tratos sofridos pelos africanos:

Havia três categorias de castigo no Brasil, segundo a classificação feita em 1938 pelo historiador Artur Ramos. A primeira era o dos instrumentos de captura e contenção. Incluíam correntes e colares de ferro, algemas, machos e peias (para pés e mãos), além do tronco – um pedaço de madeira dividido em duas metades com buracos para imobilizar a cabeça, os pés e as mãos – e o viramundo, espécie de tronco menor, de ferro. A máscara de folha de flandres era usada para impedir o escravo de comer cana, rapadura ou

² Detalhes podem ser verificados no site <<http://www.pretosnovos.com.br>>.

engolir pepitas e pedras preciosas. Os anjinhos – anéis de ferro que comprimiam os polegares – eram usados para obter confissões. Nas surras, usava-se a palmatória ou o bacalhau, chicote de cabo curto, de ouro ou madeira com cinco pontas de couro retorcido. Ferros quentes com as iniciais do proprietário ou com a letra F – de fugitivo – também eram utilizados, além do libambo, argola de ferro presa ao pescoço da qual saía uma haste longa, também de ferro, voltada para cima, até o topo da cabeça do escravo, com ou sem chocalhos nas pontas.

De acordo com Jacob Gorender in Florentino (1995, p. 63),

[...] não havia vantagem para o plantador na redução da carga de trabalho do escravo e no prolongamento de sua vida útil... (pois o resultado) seria a diminuição do produto líquido. A vantagem estaria em desgastar o escravo completamente em dez anos e substituí-lo de imediato por outro escravo novo, que compraria com a amortização completada do investimento no escravo anterior.

É importante constar nos conteúdos, que serão ministrados aos alunos, a informação de que há registros históricos antigos que mencionam o regime de escravidão no continente africano e de que forma era submetido um povo/tribo sobre outro. Porém, mais importante ainda é revelar que tal regime de escravidão não aconteceu na proporção e na barbárie que ocorreu a escravidão dos povos africanos, principalmente em terras brasileiras. Tal informação serve para desmascarar a justificativa dada à escravidão dos povos africanos através da alegação de que tais povos já escravizavam seus próprios irmãos, pois foram três séculos de dominação do continente africano para manterem acesas as chamas principalmente da economia dos engenhos de cana-de-açúcar e da exploração das minas de ouro e diamantes. Exploraram as vidas, destruíram famílias, sonhos. Destituíram os povos escravizados de toda dignidade humana.

Segundo a **Revista Almanaque Brasil** (2009), até lei determinando a Pena de Morte para “escravos e escravas” já existiu. Tal lei é de 1835 e durou até 1876, quando ocorreu o último enforcamento de um escravo no Estado de Alagoas.

Também alicerçados em interesses econômicos, alguns religiosos utilizaram-se de textos bíblicos, fazendo interpretações equivocadas para de uma forma ou de outra justificarem a escravidão dos povos de cor preta.

Extraíndo das palavras de Silva (2009) e de Nascimento, E. (2003, p. 68), que chama esse texto de *A Maldição de Cam* – em que a palavra *Cam* também pode ser traduzida por *Cão* – (dependendo da Bíblia estudada), um exemplo de texto bíblico que foi utilizado para justificar a submissão de um povo por outro pode ser encontrado na passagem no livro de Gênesis, Capítulo 9 entre os versículos 18 a 29. Tal passagem intitula-se: O pacto que Deus fez com Noé. “E os filhos de Noé, que da arca saíram, foram Sem, e Cão, e Jafé; e Cão é o pai de Canaã. [...] E viu Cão, o pai de Canaã, a nudez de seu pai, e fê-lo saber a ambos seus irmãos fora [...] Alargue Deus a Jafé, e habite nas tendas de Sem; e seja-lhe Canaã por servo”. (ALMEIDA, 1995. p. 9).

É importante informar etimologicamente o significado para os nomes dos filhos de Noé: Cam/Cão significa escuro ou negro; Sem significa pardo ou cor de oliva e Jafé significa claro ou loiro. Portanto, a maldição caiu sobre um dos filhos de Cam/Cão que foi Canaã, um dos netos de Noé.

Interessante notar que dos quatro filhos de Cam/Cão (*Cuxe* - Etiópia, *Mizraim* - Egito, *Pute* - Líbia e *Canaã* - Canaã) Canaã é o único que não existe hoje como nação.

Nascimento, E. (2003) ainda cita um discurso datado do século VI onde “A Maldição de Cam” está na base das representações negativas do africano

E já que você me desrespeitou [...] fazendo coisas feias na negrura da noite, os filhos de Cam nascerão feios e negros! Ademais, porque você torceu a cabeça para ver minha nudez, o cabelo de seus netos será enrolado em carapinhas, e seus olhos vermelhos; outra vez, porque seus lábios ridicularizaram a minha má sorte, os deles incharão; e porque você descuidou de minha nudez, eles andarão nus, e seus membros masculinos serão vergonhosamente alongados. Os homens dessa raça serão chamados negros, seu ancestral Cam os mandou amar o roubo e a fornicação, se juntar em bando para odiar os seus senhores e nunca dizer a verdade (NASCIMENTO, 2003, p. 162).

Em Sant'Ana (2005, p. 45), pode-se encontrar [...]

[...] Também, em 1520, o teólogo Paracelso nega aos ameríndios a descendência de Adão e Eva e em 1537 o Vaticano emitiu a Bula Papal Sublimus Deus, na qual reconhecia o caráter humano dos ameríndios e pedia que a sua liberdade e seus bens fossem respeitados. Porém, tal recomendação não foi respeitada e esses foram escravizados pelos europeus. Alguns conquistadores prenderam-se à ideologia de Frei Bartolomeu de Las Casas, reforçado pela teoria de Aristóteles que afirmava que algumas pessoas nasceram naturalmente para serem escravas e outras para serem livres sugeriu a substituição da escravidão indígena pela dos negros, afirmando serem esses mais fortes e adaptáveis ao trabalho duro (SANT'ANA, 2005, p. 45).

Nas Bulas Papais também é possível encontrar tanto emissões favoráveis quanto contrárias à escravidão.

E ainda segundo Sant'Ana (2005), ao longo da história, é possível encontrar registros da Igreja Católica se posicionando ora favorável ora contrária à escravidão dos negros.

Um exemplo desses posicionamentos pode ser lido na Bula Papal redigida em 1839, pelo Papa Gregório XVI, que após ter sido pressionado, condenou o tráfico de escravos, mas não a escravidão. Para tal a escravidão não era um mal contanto que o senhor de escravos fosse bom para com esses.

É importante ressaltar aqui que a Igreja Católica só se manifestou favorável a abolição da escravatura no Brasil em 1887, um ano antes da promulgação da Lei Áurea, ou seja, quando o regime escravocrata já estava fadado ao fracasso.

É preciso mencionar também que não foi apenas a Igreja Católica que aceitou o regime de escravidão dos povos africanos. Algumas Igrejas Protestantes também assim o fizeram. Inclusive muitas obras (monografias, tratados, ensaios, teses) foram publicadas por protestantes na tentativa de provar a inferiorização dos povos negros.

Segundo Sant'Ana (2005, p. 48),

Em meados do século XVIII, os sinos das igrejas de Bristol, na Inglaterra Anglicana, repicaram festivamente quando o parlamentar Wilbeforce não conseguiu aprovar uma lei que proibia o tráfico de escravos, e eles tinham uma boa razão para isso, já que metodistas, batistas, moravos e anglicanos tinham escravos e eram defensores da escravidão.

2.5 Movimento Abolicionista

Conforme Florentino (1995, p. 48),

[...] além das razões humanitárias, interesses econômicos compeliavam o governo britânico a pressionar outros países a seguirem seu exemplo (a abolição do tráfico inglês data de 1807). Depois de privar os plantadores das

Antilhas Britânicas de seu suprimento regular de mão de obra, seria importante neutralizar as vantagens dos fazendeiros de açúcar do Brasil e de Cuba no mercado mundial, o que se lograria cortando suprimento de africanos para estas regiões.

Então, com o desenvolvimento do capitalismo industrial na Inglaterra, o governo britânico exigiu do governo brasileiro que extinguisse com o tráfico negreiro no país, assim como eles (Inglaterra) o fizeram em 1807, para que desta forma fosse reconhecida pela Inglaterra a Independência do Brasil declarada em 1822. Pressionado, então, o governo brasileiro faz parecer que cede aos interesses externos e promulga, em 1831, segundo Cotrim (2002), “para inglês ver” a Lei Diogo Feijó, que declarava livres todos os escravos vindos de fora do Império a partir daquela data e impunha pena em dinheiro aos importadores que a descumprissem. Porém, por contrariar os planos da maioria dos senhores de escravos, essa lei não foi cumprida e por conta disso o Brasil teve sérias complicações diplomáticas com a Inglaterra.

Defendendo a necessidade do país colocar fim ao tráfico negreiro para preservar a imagem de nação soberana, e que estava sofrendo pressão da Inglaterra através da Lei Bill Aberdeen, que autorizava a marinha inglesa a atacar os navios negreiros, inclusive em mares brasileiros, o ministro Eusébio de Queirós insistiu na proibição do tráfico interatlântico de escravos que foi aprovado como lei em 4 de setembro de 1850. Essa lei também não gerou efeitos imediatos na estrutura do sistema econômico brasileiro e não demorou muito para que a Inglaterra pressionasse o Brasil também a parar com o tráfico interno, então a única medida possível para ser tomada pelo governo brasileiro foi a de substituir o trabalho escravo pelo trabalho assalariado.

Após a extinção do tráfico negreiro, cresceu no país a campanha abolicionista, que conseguiu adesão de parlamentares, imprensa, artistas, militares e intelectuais. Porém, aqueles que defendiam a escravidão conseguiram sustentar por mais alguns anos o regime escravocrata adiando ao máximo a abolição através de leis emancipadoras, tais como: a Lei do Ventre Livre e Lei dos Sexagenários.

2.5.1 Lei do Ventre Livre

A Lei 3.353 de 1871, também conhecida como Lei do Ventre Livre ou ainda Lei Rio Branco, foi aprovada durante a administração do Barão de Rio Branco e serviu para esfriar a campanha abolicionista - visto que os abolicionistas, ingenuamente, imaginaram ser suficiente a aprovação de tal lei não analisando, na prática, como ela realmente seria efetuada e serviu, principalmente, aos interesses dos senhores de escravos que na maioria das vezes preferia continuar usando os serviços desse “liberto” até os 21 anos do que optar pela indenização quando esse completasse 8 anos de idade.

Segundo Schwarcz (1987, p. 34), entre outras questões, essa lei “estabelecia obrigatoriedade do registro nacional de todos os escravos”.

Cotrim (2002, p. 341) ressalta que tal lei “declarava livres os filhos de escravos nascidos no Brasil [...] e libertava também os donos de escravos da onerosa obrigação de alimentar os filhos de escravos, que seriam livres.”

2.5.2 Lei dos Sexagenários

Essa lei de 1885, também conhecida como Saraiva Cotegipe, concedia liberdade aos escravos que tivessem mais de sessenta anos. No entanto, esses deveriam trabalhar de graça para seus senhores ainda por mais três anos. Mas, cabe aqui uma suposição de que nem todos

os nascimentos de escravos eram até então registrados. Se assim fossem, não seria preciso promulgar uma lei – Lei dos Nascituros – mencionada logo acima. Outro problema provavelmente encontrado pelos abolicionistas era o de conseguir comprovar veridicamente a idade que cada escravo possuía. É bem provável que os senhores de escravos possuíam documentação que constatassem a idade de cada um de seus servos, mas, possivelmente, não promoveriam provas contra si mesmos.

Considerando ainda as péssimas condições em que viviam os escravos, pode-se afirmar que não eram muitos os que ainda resistiam vivos a partir da idade pré-estabelecida por tal lei, tampouco com saúde, o que gerava aos seus senhores mais despesa do que lucro. Também há a possibilidade dos senhores mentirem sobre a idade dos seus escravos dando aos ainda moços muito mais idade do que realmente tinham para também dessa forma conseguirem do governo uma indenização pela libertação dos mesmos.

Na verdade, tal lei livrava mesmo eram os senhores de escravos de terem responsabilidades com aqueles que não mais representavam lucro para suas empresas rurais. Era, pois, dessa forma mais vantajosa para os senhores de escravos a sua “libertação”.

2.5.3 Lei Áurea

Segundo Azevedo (1997) in Nascimento, E. (2003), a justificativa para a Abolição da Escravidão se dava em razão da maioria da população ser negra e a elite não mais conseguir conter os oprimidos.

Em 1872 o censo registra mais de 6 milhões de pretos e pardos contra 3,8 milhões de brancos. A iminência da abolição da escravatura causava um verdadeiro pânico à elite dominante, que se apressou a construir políticas públicas destinadas a apagar a ‘mancha negra’ e a purificar o estoque racial da nação (NASCIMENTO, 2003, p. 125).

Conforme Schwarcz (2000, p. 13),

Nos jornais, nos censos, os dados quantitativos reafirmavam as apreensões teóricas. Enquanto o número de cativos reduzia-se drasticamente – em 1798, a população escrava representava 48,7%, ao passo que em 1872 passava a 15,2% -, a população negra e mestiça tendia a progressivamente aumentar, correspondendo, segundo o censo de 1872, a 55% do total.

O capitalismo industrial e o desenvolvimento econômico do Brasil foram os principais responsáveis pela abolição da escravatura no país. Necessitando atender as demandas do país, em 1888, no dia 13 de maio, a princesa Isabel, assinou a lei que tornava oficialmente extinta a escravidão no Brasil.

Contudo, é importante reforçar dentro da comunidade escolar que essa abolição não foi obra de uma elite. Antes disso, ela foi fruto das muitas lutas dos povos negros que resistiram aos maus tratos dos senhores e fugiram das fazendas para se organizarem em quilombos.

Porém, conforme Schwarcz (2000) durante o processo da abolição dos escravos, muitas eram as aflições presentes no seio da sociedade brasileira com relação ao problema da mão de obra no país.

Era essa mesma elite [...] que assumia para si a tarefa de promover uma imigração europeia condicionada por leis restritivas à entrada de populações negras e amarelas, que previa o final desses grupos “selvagens que se tornaram degenerados” (SCHWARCZ, 2000, p.131).

Com a abolição da escravatura, cerca de 800 mil negros se viram sem meios para se manterem dignamente, uma vez que não tinham sequer instrução escolar e continuaram completamente abandonados pelo governo. Sem nenhuma assistência governamental, o que ocorreu foi a marginalização desse indivíduo pela sociedade.

Alguns “libertos” permaneceram com seus antigos senhores recebendo os mesmos maus tratos vividos anteriormente e, quando muito, recebendo salários ínfimos pelos serviços prestados.

Outros ex-cativos foram para as cidades onde viviam precariamente correndo o risco de serem penalizados por ócio e vadiagem e, sobretudo, disputando com os imigrantes europeus uma situação mais digna na sociedade.

Segundo Florestan (2007, p. 33),

O negro foi exposto a um mundo social que se organizou para os segmentos privilegiados da raça dominante. Ele não foi inerte a esse mundo. [...]. O negro permaneceu sempre condenado a um mundo que não se organizou para tratá-lo como ser humano e como ‘igual’.

Os senhores de escravos, por sua vez, não receberam qualquer tipo de indenização do Império brasileiro, conforme havia sido prometido pelo Império e Rui Barbosa que, na época, era Ministro das Finanças, temendo qualquer tipo de indenização cobrada pelos escravocratas, assinou um despacho, em 14 de dezembro de 1890, determinando que todos os livros e documentos referentes à escravidão fossem recolhidos e queimados na sala das caldeiras de Alfândega do Rio de Janeiro.

Tal abolição não deu conta de libertar a população negra e seus descendentes das desigualdades sociais a que ainda estão expostos 121 anos após a promulgação da Lei Áurea.

3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA EDUCAÇÃO DE NEGROS NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE O SÉCULO XVI ATÉ OS DIAS ATUAIS

O objetivo desse capítulo é, através de uma revisão bibliográfica, descrever o processo de inclusão e ou de exclusão dos negros à escolarização, no período compreendido entre o século XVI até os dias atuais, buscando compreender as dificuldades enfrentadas por essa camada da população em ter acesso e permanência no sistema tanto oficial quanto alternativo de ensino.

A maior parte das pesquisas relacionadas à educação escolar dos negros no Brasil tem mencionado o ensino a partir de 1970, quando a rede pública expande o número de vagas nas escolas. Poucos, porém, são os estudos que tem sido feitos para elucidar como era, de fato, a oferta da educação escolar para os negros no Brasil desde o período da Diáspora até a Abolição da Escravatura, em 1888.

Cruz (2005, p. 22-23) afirma que [...]

[...] tem sido esquecidos os temas e as fontes que poderiam nos ensinar sobre as experiências educativas alternativas dos negros e afrodescendentes. O estudo, por exemplo, dos mecanismos de conquista da alfabetização por esse grupo; dos detalhes sobre a exclusão desses setores das instituições escolares oficiais; dos mecanismos criados para alcançar a escolarização extra-oficial; as vivências nas primeiras escolas oficiais que aceitaram negros são exemplos de temas, que tem sido desconsiderados nos relatos da história oficial da educação e que ainda carecem de estudos sistemáticos.

No entanto é certo afirmar que, no período que vai da Abolição da Escravidão até a década de 70 do século XX, poucas foram as oportunidades educacionais, garantidas por lei no ensino oficial, para os negros.

Uma explicação plausível dessa negação de oportunidades de ensino oficial pode ser a existência do temor das elites em perder a dominação que exerceu sob o negro durante mais de três séculos.

Antes, porém de iniciar a descrição do tipo de educação escolar ofertada ao negro é importante mencionar que a carência de documentação que comprove a matrícula de negros nos bancos escolares não é por si capaz de indicar que não havia, em todos os estados da Federação, uma educação escolar que atendesse a essa necessidade. É importante, inclusive, frisar que nem todos os negros, que para o Brasil foram trazidos na condição de escravos, eram analfabetos.

Pesquisas atuais tentam provar que, ainda durante a vigência do período escravista, alguns negros que aqui aportaram eram alfabetizados. Conforme Alex Sander Alcântara (2008), no artigo “Escravos Letrados”, publicado pela revista *Língua Portuguesa*, alguns deles chegavam aqui sabendo ler e escrever em suas línguas. Uma prova disso pode ser os amuletos escritos encontrados junto aos corpos de 70 negros, quando se deu o fim da Revolta dos Malês, um levante de escravos islâmicos, ocorrido em 1835, na Bahia.

Também, nesse mesmo artigo da revista, a pesquisadora Christiane Cardoso Moraes diz que os escravos e alforriados iletrados sabiam fazer uso da escrita numa época em que era proibida a frequência desses na escola. Conforme Moraes, nos anúncios de jornais, além de serem colocadas as marcas físicas dos negros, também eram colocadas suas aptidões, como capacidade de leitura, escrita ou ainda musical. Para comprovar tal teoria utilizou-se o método de assinaturas encontradas em jornais e documentos dos períodos entre 1731 e 1850. Em tal método, quanto maior a complexidade da caligrafia, maior o nível de letramento do escravo.

3.1 Ensino Alternativo

Como no Brasil, principalmente durante o período colonial, não existia estruturação da educação escolar em caráter formal, na visão de Santos (2008, p. 5),

A luta das camadas negras pela sua inclusão no processo de escolarização não se limitou somente ao caminho do ensino oficial. Pesquisas recentes trazem à tona diversas iniciativas criadas para burlar os obstáculos impostos pela legislação excludente e/ou ação da discriminação que dificultava o acesso às primeiras letras

Com relação ao ensino alternativo, ou seja, aquele não ofertado pela educação pública, Cunha (1999, p. 81) descreve que “há o registro de uma escola criada pelo negro Cosme, no Quilombo da Fazenda Lagoa-Amarela, em Chapadinha, no Maranhão, para o ensino da leitura e escrita dos escravos aquilombados”.

Em Silva e Araújo (2005), são citadas, também como possibilidade de educação alternativa, as aulas que ocorriam tanto em meio rural como em meio urbano por meio da “observação silenciosa das aulas das sinhás moças e da instrução religiosa dos padres”.

Ainda conforme Geraldo da Silva e Márcia Araújo (2005), não se pode desconsiderar a hipótese da contratação de professores particulares por senhores que esperavam lucrar com os escravos alfabetizados. Pois o escravo que sabia ler, escrever e fazer contas valia mais para o seu senhor.

Schwarcz (1987) descreve que é comum encontrar, em jornais do final do século XIX, que muitos dos escravos sabiam ler, escrever, fazer contas e tinham outras habilidades. Sem dúvida é possível afirmar que tanto para o negro, sendo esse escravo ou forro, quanto para seu proprietário essas habilidades adquiridas na escola ou de outra maneira melhorariam a situação social de ambos.

Segundo Santos (2008, p. 6), “alguns trabalhos levantaram informações sobre o Colégio Perseverança ou Cesarino, primeiro colégio feminino fundado em Campinas, no ano de 1860, e o Colégio São Benedito, criado em Campinas, em 1902, para alfabetizar os filhos de cor da cidade”.

Algumas outras escolas que ofertaram educação para negros são rapidamente citadas em algumas pesquisas. Exemplos disso são, de acordo com Santos (2008, p. 5),

As Escolas Primária no Clube Negro de Maio de São Carlos (SP), a Escola dos Ferroviários de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e a promoção de cursos de alfabetização, de curso primário regular e de um curso preparatório para o ginásio criado pela Frente Negra Brasileira em São Paulo.

3.2 Ensino Oficial

No período colonial, não havia sistematização pedagógica do ensino nem estruturação curricular afixada. O ofício era ensinado de pai para filho e o trabalho era escravo.

Em 1549, o Brasil recebe a chegada dos Jesuítas, chefiados pelo Padre Manoel da Nóbrega, que passam, então, a catequizar e instruir os índios e os filhos dos colonos ensinando português e doutrina cristã, assim como o canto orfeônico e a música instrumental. Nessa fase, tem-se a perpetuação do catolicismo e a tentativa de desintegração da comunidade indígena e destruição dos seus valores culturais.

Em 1759, houve a expulsão dos Jesuítas com a chamada Reforma Pombalina e as aulas passaram a ser ministradas com as famosas Cartas Régias.

Somente com a vinda da família Real para o Brasil, a partir de 1808, é que se pode falar de uma verdadeira Educação no Brasil. Até então, o que se teve foi apenas a educação jesuítica.

Em 1824, foi outorgada a I Constituição do Brasil e apenas em 1827 é que se implantou a primeira Lei Geral sobre Ensino Elementar que vigorou até 1846. Porém, conforme o artigo 6, item 1 dessa Constituição, a população escrava era impedida de frequentar a escola formal, pois essa era restrita, por lei, aos cidadãos brasileiros e de acordo com Schwarcz (1987), “segundo a Constituição de 1824, índios e escravos não eram considerados cidadãos.”

Santos (2008, p. 3) menciona ainda que [...]

[...] a Reforma Couto Ferraz através do Decreto 1331A de 1854 instituiu a obrigatoriedade da escola primária para crianças maiores de sete anos e a gratuidade das escolas primárias e secundárias da Corte. Porém ressaltava que nas escolas públicas não seriam admitidas crianças com moléstias contagiosas nem escravas. Tendo essas crianças que provar serem livres para frequentar as aulas. Não havia previsão de instrução para adultos. Essa reforma, portanto, excluía claramente os negros que fossem escravos.

É possível, pois, encontrar na obra de Schwarcz, (1987) que um Barão, depois de ter feito vários benefícios por seu município, construiu um edifício com todas as comodidades precisas para uma escola primária para seus ingênuos escravos, que no período diurno, era frequentada pelos ingênuos e, à noite, pelos adultos em número superior a 40.

Em 1888, em meio à preocupação com os graves problemas sociais gerados após a abolição da escravatura, elaboraram-se normas rígidas de repressão à ociosidade para aqueles considerados vagabundos, mendigos e vadios, destacando-se que a principal ocupação das pessoas internadas em estabelecimentos correccionais seria em trabalhos agrícolas. Foi, então, que surgiram as escolas de aprendizes que tinham como objetivo principal a formação de operários.

Silva e Araújo (2005, p. 73) ainda acrescentam:

Com o surgimento do Estado Republicano surgem também as primeiras oportunidades concretas de educação escolar e ascensão da população negra quando o desenvolvimento industrial dos finais do século XIX impulsiona o ensino popular e o ensino profissionalizante [...] Essas escolas propiciaram a escolarização profissional e superior [...] Pretos e pardos que obtiveram sucesso nesta direção formaram uma nova classe social independente e intelectualizada.

Logo em seguida, de acordo com Santos (2008), a Reforma de Benjamin Constant, “no Decreto Nacional n.º 981/1890, estabeleceu a introdução da disciplina “Moral e Cívica”, numa nítida tentativa de normatizar a conduta moral da sociedade após a libertação dos escravos.”

Conforme consta, também em Silva e Araújo (2005), em 1909, no governo de Nilo Peçanha, através do Decreto, 7.566 o Ensino Profissionalizante apresenta como principal objetivo a instrução dos filhos de trabalhadores para a formação de um mercado interno de mão de obra qualificada. Essas escolas propiciaram a escolarização profissional e superior de uma pequena parcela da população negra.

A partir da década de 20, essa escolarização profissional, conquistada por uma parcela da população negra, incentivou a mobilização de ações educacionais específicas como foi a implantação de escolas pela Frente Negra Brasileira.

Assim descrevem Silva e Araújo (2005, p. 73):

A mobilização desta classe configurou-se como um mecanismo de auto-proteção e resistência, servindo de base para a (re)organização das primeiras reivindicações sociais negras no pós-abolição e o surgimento dos movimentos negros. Novas concepções foram verbalizadas e debatidas em diversas ocasiões e em diversos meios, e a evolução desencadeou a implantação de algumas experiências que visavam a transformar ex-escravos e seus descendentes em cidadãos. Esses movimentos negros, que obtiveram forte repercussão na década de 20, reivindicavam a igualdade de direitos e uma educação ampla que propiciasse aos negros recém-egressos do cativeiro e seus descendentes a participação nos eventos culturais, sociais, políticos e econômicos em curso. Assim, as manifestações de conscientização, de protesto, união e integração social estavam permeadas de discursos em prol da valorização do negro – respeito, prestígio e honorabilidade – e da ascensão social através da educação.

Em 1931, criou-se o Ministério da Educação e Saúde e ocorreu a Reforma Francisco Campos tendo essa um caráter elitista que pretendia reformular e estruturar o ensino.

Em 1932, o Manifesto dos Pioneiros propõe uma reforma global do ensino em defesa da escola pública, gratuita, obrigatória e laica. Estabelecendo diretrizes para a elaboração de um plano nacional de educação, em todos os níveis e aspectos do ensino.

Em 1937, as conquistas obtidas pela Escola Nova são derrubadas pela nova Constituição que desresponsabiliza o Estado de manter e expandir a educação pública, ferindo essa o princípio da gratuidade desse ensino. Esse fato dificulta, mais uma vez, o acesso da população negra educação escolar, uma vez que tal parcela da sociedade já era, naquela época, a que menos possuía condições financeiras para arcar com o ensino.

Tenório (2009) sustenta que aquele indivíduo que fazia parte da elite continuaria dominando e, àquele que pertencia à classe dominada, era reservada a manutenção desse status.

Quanto ao ensino profissionalizante, este não foi ‘abandonado’ pelo Estado, ocorrendo no caso, inclusive, o contrário, ou seja, o ensino profissional foi até implementado. O que ocorre a partir daí é que o Estado deixava clara a divisão de classes existente na sociedade. Pois esse nível de Ensino, como transparece na Constituição de 1937, era destinado às ‘classes menos favorecidas’ (FEE, 1983, p. 65). Desse modo, tínhamos dois tipos de ensinos diferentes, para públicos também distintos. O ensino secundário tradicional, que formaria a elite dominante, ou seja, a classe dominante; e, de outro lado, o ensino profissional direcionado às classes que serviriam de mão-de-obra (FEE, 1983, p. 64 *apud* TENÓRIO, 2009).

Em 1946, Getúlio Vargas institui o Ensino Primário gratuito e obrigatório para todos, mas pode-se dizer que antes da década de 1960, quando a rede pública expande o número de vagas nas escolas, não havia política pública de inclusão de negros nos bancos escolares.

Em 1961, depois de 13 anos de discussão é criada a LDB n.º 4.024/61. Tal lei não teve preocupação com o ensino básico e adaptou-se às demandas da produção industrial assumindo uma tendência tecnicista para manter o modelo sócio-econômico vigente na época.

Em 1988, foi promulgada a última das Constituições do Brasil e em seu inciso XLII do artigo 5º prevê que a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão nos termos da lei. Mas essa não é a única lei que assegura, atualmente, os direitos dos negros.

Em 1996, foi sancionada a LDB que ainda está em vigor, n.º 9.394/96 e que foi alterada pelos textos das leis 10.639/03 e 11.645/08 que obriga a incluir no Currículo Oficial

da Rede de Ensino Fundamental e Médio a temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

De acordo com Sales Augusto dos Santos (2005, p. 23),

Essas Leis são conquistas dos movimentos sociais negros (bem como os intelectuais negros militantes) que passaram a incluir em suas agendas de reivindicações junto ao Estado Brasileiro, [...] o estudo da história do continente africano e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional brasileira.

Tais leis, mencionadas acima e sancionadas pelo Presidente Lula, representam um grande avanço para a História da Educação nesse país, visto que possibilitam um ensino pautado não num eurocentrismo excludente, mas que contempla todas as culturas que fizeram e fazem parte da história e da cultura desse país. Observa-se que a maioria dos professores ainda não conhece a Lei 10.639/03 nem está preparada para trabalhar as questões relacionadas à História da África, tampouco a trajetória dos africanos e afrodescendentes no Brasil, o que de fato ainda tem dificultado trabalhar a história e a cultura africana e afro-brasileira sem cometer equívocos ou distorções, mas isso ao longo do tempo, espera-se que seja corrigido, uma vez que o governo tem criado mecanismo para solucionar essa situação.

Poucas ainda são as pesquisas realizadas na área da História da Educação Escolar Brasileira que busquem ou ainda que deem conta de conhecer de fato, como eram e se foram ofertadas, ou ainda, em que condições eram oferecidas a educação para os negros no Brasil antes e depois do período da Escravidão. Em alguns momentos da história, é possível encontrar em documentos oficiais a total exclusão do negro dentro da educação oficial do país; porém, em outros momentos é possível perceber, em alguns trabalhos de pesquisa, que o negro tinha acesso à educação escolar. O fato é que com tamanha carência de informações oficiais e com tantas distorções entre alguns autores sobre esse tipo de educação ao qual o negro tinha acesso, não se pode afirmar o grau de qualidade desse ensino escolar, nem se e como foi permitida a entrada dessa camada da população à escola, tampouco como se dava a permanência desse acesso.

Buscando reforço nas palavras de Romanelli (1978), o que também dificulta o estudo da educação escolar dos negros é o fato de até a Reforma Francisco Campos cada Estado brasileiro possuir sua própria política de educação e o Brasil não ter uma estrutura de ensino organizado à base de um sistema nacional.

Diante de tantas lacunas não preenchidas sobre a história da educação dos negros no Brasil, e depois de 121 anos da Abolição da Escravidão nesse país, o que se tem de concreto é a manutenção das desigualdades sociais “no país da democracia racial”. Pois, quando não se pode afirmar que foram criados mecanismos que fossem capazes de incluir os negros nos bancos escolares, também não se pode negar a existência de uma educação que contemplasse os menos favorecidos. E se não é possível nem afirmar, nem negar, tampouco é fácil fazer e manter uma política compensatória cujo restante da população não se sinta discriminado ou ofendido por não estar inserido nela. É o caso das cotas para negros nas universidades.

É necessário, então, que as políticas públicas no campo da educação consigam, de fato, ofertar e garantir aos afrodescendentes oportunidades equânimes às do branco para que, desta forma, sejam diminuídas as desigualdades sociais encontradas na sociedade brasileira.

3.3 Ações Afirmativas

De acordo com Nascimento, A. (2007, p. 72) ação afirmativa é “uma expressão recente que foi utilizada pela primeira vez na década de 1960 nos Estados Unidos e servia para denominar as medidas para promover a igualdade entre negros e brancos”.

Ainda segundo Nascimento (2007, p. 66), tal expressão tem sido utilizada atualmente no Brasil “para designar políticas (públicas) específicas de promoção de igualdade de oportunidades e de condições concretas de participação na sociedade – para a superação do racismo, da discriminação e das desigualdades raciais”.

É importante ressaltar, no entanto, que as ações afirmativas norte americanas se diferem das ações afirmativas brasileiras.

Os Estados Unidos adotaram políticas afirmativas oficiais na década de 1960, mas já nos anos oitenta algumas dessas políticas passaram a ser consideradas inconstitucionais pela Suprema Corte, como as cotas de entrada em universidades. Nos Estados Unidos tais políticas aumentaram as oportunidades dos negros no mercado de trabalho e na educação. Com uma população bem mais reduzida que a do Brasil, os negros norte-americanos ocupam posições importantes em todos os setores do país, algo que não ocorre no Brasil. Contudo, os Estados Unidos não devem servir como modelo ideal. Lá apenas uma minoria de negros conseguiu formar uma classe média e uma classe empresarial, além de ocupar postos governamentais, alguns muito altos na administração federal. A grande maioria dos negros continua a viver em bairros insalubres, onde a pobreza, a violência, a desestruturação familiar, as drogas fazem parte do dia-a-dia (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 279-307).

Tais políticas públicas são conquistas das reivindicações da luta do movimento social negro que passou a exigir que o Estado brasileiro oficializasse a discussão sobre a questão racial e a inferiorização dos negros, ou melhor, a produção e a reprodução da discriminação racial contra os negros e seus descendentes no sistema de ensino brasileiro.

Em 1960, ocorreu a convenção da Unesco que foi direcionada ao combate ao racismo em todas as formas de ensino. Nessa convenção, reafirmando o que consta na Declaração Universal de Direitos Humanos, proclamou-se o direito de todos à educação e mais uma vez incumbiu-se a ONU de determinar e não permitir nenhum tipo de discriminação que viesse a violar a diversidade dos sistemas educativos nacionais na esfera do ensino e ainda de procurar a igualdade de possibilidades e de trato para com todas as pessoas no ambiente escolar.

Na década de 90, o Brasil finalmente reconheceu, publicamente, a existência do racismo e suas consequências no país e, a partir de então, foi possível criar uma agenda de discussão sobre a temática e implementar algumas medidas.

Segundo Nascimento (2007, p. 65-88) a primeira medida foi criada em 1995 - o GTI (Grupo de Trabalho Interministerial) para diagnosticar, discutir e formular propostas e projetos políticos que fossem capazes de mapear a situação de vida dos afrodescendentes e valorizar as condições sociais desses.

Depois disso, o movimento negro aproveitando o reconhecimento da existência de discriminação e desigualdade racial no país, no Seminário Internacional Multiculturalismo e Racismo: o papel da ação afirmativa nos Estados Democráticos contemporâneos, que ocorreu em 1996, passou a discutir oficialmente e exigir do governo a criação de estratégias de ações afirmativas que fossem capazes de combater ao racismo organizando políticas públicas para a população negra.

No mesmo ano, o governo lançou o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) com metas para a superação da problemática da discriminação e exclusão e em 1997, lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais.

As pressões dos movimentos negros foram cruciais para que algumas conquistas da população afrodescendentes fossem legitimadas. Foram muitas as leis aprovadas devido às articulações com políticos sensíveis à questão racial no país.

Sales Augusto dos Santos (2005, p. 25) menciona que a década de 1990 foi importante para a conquista de algumas das reivindicações do movimento negro, pois foram atendidas pelo governo brasileiro: “a revisão [...] ou mesmo a eliminação de livros didáticos em que os negros apareciam de forma estereotipada”.

Nascimento, E. (2003) e Nascimento, A. (2007) revelam que também foi conquista das intervenções do movimento negro a inserção da pluralidade cultural como tema transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

E Nascimento, E. (2003) ainda faz uma avaliação crítica do tema transversal da pluralidade cultural presente nos PCNs revelando nele uma perspectiva multiculturalista.

Os temas transversais são propostas de trabalho que envolvem todas as disciplinas e matérias, perpassando os conteúdos dos currículos como um todo. O tema da diversidade é colocado e a matriz de origem africana mencionada, inclusive com referência implícita ao movimento social negro, pois o livro traz fotos de atos públicos por ele realizados (NASCIMENTO, E., 2003, p. 392).

De acordo com Nascimento, A. (2007, p. 66), um dos resultados positivos da luta do movimento negro é o fato da aceitação de que o racismo é algo concreto no país e que é preciso “políticas públicas [...] de promoção da igualdade de oportunidades e de condições concretas de participação na sociedade para a superação do racismo, da discriminação, e das desigualdades raciais”.

E ele ainda acrescenta:

O movimento social negro conseguiu fazer aprovar artigos que abriram espaços para a elaboração da Lei 7.716, a chamada Lei Caó, em 1989, e para medidas de ação afirmativa, que, atualmente, começam a ser implementadas. Em 1988, o movimento social negro realizou, em São Paulo e Rio de Janeiro, grandes manifestações em comemoração aos 100 anos da abolição da escravidão negra e em denúncia do racismo no Brasil (NASCIMENTO, A., 2007, p. 66).

3.4 Lei 10.639/2003

Depois de quase meio século, e também como conquista de algumas das reivindicações do Movimento Negro que, a partir da década de 50, passaram a exigir do governo uma série de posturas em relação às necessidades da população negra, é sancionada em 2003 a Lei 10.639.

Tal instrumento legal é considerado como uma das principais leis de Ação Afirmativa, uma vez que é uma medida de política pública que trabalha pela promoção da igualdade entre brancos e negros.

A partir da promulgação dessa lei, passa a ser necessário trabalhar nas escolas um conjunto de ações de Educação Continuada de Ensino de História e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas.

Essa lei [...]

[...] altera a Lei n.º 9.394 de 20 de novembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, obriga a incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a temática História e Cultura Afro-Brasileira. Em complementação, há ainda, a Resolução n.º 1/2004 do Conselho Nacional de Educação (CNE) que aprova o parecer CNE/CP3/2004 o qual ‘Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana’. [...] Cabe à escola rever seus objetivos no sentido de garantir o direito à preservação e transmissão das tradições culturais dos diferentes grupos étnicos que compõem a nacionalidade. Sob o enfoque da pluralidade, compete à escola difundir esses conhecimentos entre todos(as) estudantes, como meio de compreensão e afirmação de nossa própria identidade multiétnica e pluricultural em que se fundamenta a defesa consciente dos valores da cidadania (EDUCAÇÃO AFRICANIDADES BRASIL, p. 9-10).

Porém, cabe mencionar que qualquer que seja a lei, essa não é capaz de gerar, nas pessoas, o respeito pelo seu igual. Cabe então às pessoas que já se conscientizaram sobre tal assunto a trabalhar pela equidade. Não se pode permitir que a população afrodescendente continue sendo vítima de injustiças político-sociais. Não é demais frisar, mais uma vez, que a finalidade de tal pesquisa é investigar como o IFRO tem trabalhado com as questões étnico-raciais nos últimos dois anos a Lei 10.639/2003, dando assim o primeiro passo para o que se pretende que é o fim das diferenças que segregam uma raça que apenas almeja o que lhe é de direito.

Os educadores necessitam ser qualificados tanto na sua formação inicial quanto na formação continuada para conhecerem a Lei 10.639/2003 e outras que, tal como essa, busquem afirmar positivamente a pluralidade e a singularidade de cada cultura. Dessa forma, tais profissionais estarão aptos para trabalhar com as questões étnico-raciais.

Sabe-se que colocar no papel a Lei 10.639/03 não é garantia de que ela realmente seja cumprida e que tal lei, por si só, não acaba com as formas tradicionais de preconceito. Mas é instrumento importantíssimo para que os professores possam, através dessa garantia legal, incluir em seus discursos a valorização da Cultura Africana e Afrodescendente.

A ideia expressa anteriormente leva a recordar um fragmento de um dos discursos de Martin Luther King, pastor protestante e líder ativista norte americano, que lutou pelos direitos dos negros e das mulheres, assassinado em 4 de abril de 1968: “Pode ser verdade que uma lei não é capaz de fazer com que uma pessoa me ame, mas pode impedi-la de me linchar”.

No texto da Lei 10.639/03, § 2º, consta que “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira”. Porém, não se pode esperar, tampouco cobrar que os professores dessas áreas estejam preparados para trabalhar com tal questão se não foram ofertados a esses tais conhecimentos.

Para que os profissionais da educação conheçam a lei e passem a executá-la é necessário que o poder público aumente rapidamente o número de cursos de formação sobre a temática africanista principalmente para os professores que já estão em sala de aula, independentemente da disciplina que esse educador ministre.

Também é de suma importância que se regule em todos os Currículos das Universidades, os conteúdos da temática voltada para uma educação anti-racista e, sobretudo não eurocêntrica, em todas as disciplinas ligadas, principalmente, às licenciaturas.

O governo também precisa preparar exclusivamente uma equipe para averiguar se na prática tais conteúdos estão sendo trabalhados tanto nos cursos superiores que formam os docentes quanto nas escolas de nível fundamental e médio.

3.5 Prouni

O Programa Universidade para Todos (Prouni), desenvolvido pela Secretaria de Educação Superior (Sesu) em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) foi instituído em 2004 pelo Governo Federal e foi transformado em lei em 2005.

É importante ressaltar que tal programa não beneficia, como as cotas raciais, apenas os afrodescendentes.

Tal política (Prouni) beneficia além dos afrodescendentes, os portadores de necessidades especiais, os indígenas e os apresentam baixa renda familiar.

Conforme Nascimento, A. (2007, p. 66), ações afirmativas são políticas específicas de promoção de igualdade para a superação do racismo, da discriminação e das desigualdades raciais.

De acordo com dados do guia de políticas públicas de juventude, (2010 p. 12) desde que foi criado, em 2005, até o primeiro semestre de 2010, o Prouni concedeu 704,6 mil bolsas.

O Prouni, conforme Otranto (2006, p. 77-78),

[...] estende a todas as instituições privadas (com ou sem fins lucrativos) que a ele aderirem, isenção de: Imposto de Renda de Pessoa Jurídica; Contribuição Social sobre o Lucro Líquido; Contribuição Social para Financiamento da Seguridade Social e Contribuição para o Programa de Integração Social .

Tal Programa oferece bolsas de estudos integrais ou parciais para alunos que possuam renda familiar, por pessoa, de até um salário mínimo e meio, no primeiro caso e até três salários mínimos no segundo caso e atendam a pelo menos mais um dos requisitos do programa. Também beneficia alunos com deficiência e aos autodeclarados indígenas, pardos ou pretos, desde que atendam também ao critério da renda familiar e a pelo menos mais uma das condições que o programa exige. As bolsas são destinadas para o ingresso do aluno em Instituições Privadas de Educação Superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros, sem diploma de nível superior.

Contudo, tal programa, assim como as cotas para negros nas universidades, apenas ameniza a real situação de ingresso de índios e de negros nos bancos universitários e serve somente para compensar a falta de um Ensino Fundamental e Médio de qualidade ao qual eles não tiveram acesso.

Otranto (2008) critica o Prouni porque observou que principalmente as concessões de bolsas integrais para custear os estudos da maioria dos alunos que dependem da mesma são insuficientes e o governo para atenuar essa situação repassa recursos provenientes de verbas públicas para pagamento de tais mensalidades. Para Otranto (2008), tais recursos seriam melhores investidos se fossem destinados para as universidades que, desta forma, poderiam contratar mais professores e poderiam, sobretudo, ofertar mais cursos no período noturno. Além disso, a autora identificou que o Governo não possui mecanismos que controlem a qualidade dos cursos que são ofertados pelo referido Programa.

Otranto (2008, p. 78) afirma ainda que, [...]

[...] em 2006, a bolsa integral foi concedida a cada 10,7 estudantes pagantes. Os demais terão que se conformar com bolsas de 50%. Como pelo perfil social estes estudantes não terão como custear seus cursos, a solução encontrada pelo MEC foi repassar verbas públicas para o pagamento de mensalidades. Com esses recursos (perda de impostos e pagamento de mensalidades), direcionados para as universidades federais, novos professores poderiam ser contratados e todos os cursos de graduação

poderiam ser oferecidos no horário noturno. A tendência seria de chegar em três ou quatro anos a 1 milhão de novas matrículas nas universidades públicas e não 120.000 bolsas como pressupõe o Prouni. O mais grave é que o Programa não prevê mecanismos de controle sobre a qualidade dos cursos.

3.6 Cotas Raciais

Em 2001, na conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Conexas de Intolerância, o movimento negro acusou internacionalmente o governo brasileiro pela falta de cumprimento de convenções internacionais, denunciou o racismo presente no país e realizou uma manifestação exigindo políticas públicas de ação afirmativa e cotas para negros nas Universidades.

Algumas Universidades conscientizadas, e porque não dizer pressionadas por ações do Movimento Negro, passaram a partir de então a adotar a política de Cotas para negros.

Foram, então, implementadas através da Lei 3.708/2001 (Ver Anexo XVIII) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e na Universidade do Norte Fluminense (UNF) a primeira medida de política de Cotas que destinava 40% de suas vagas para estudantes de escolas públicas e para negros e, logo em seguida as políticas de cotas do Ministério do Desenvolvimento Agrário e como alternativa às Cotas – o Programa Diversidade na Universidade.

Atualmente, há 68 instituições (Estaduais e Federais) que adotam o sistema de cotas para ingresso de negros e afrodescendentes nos cursos superiores. E, desde 2003, cerca de 52 mil alunos se formaram como cotistas nessas instituições.

Para que o Supremo Tribunal Federal pudesse fazer uma análise da real necessidade de cotas no país ou se essas realmente ferem o princípio de igualdade contido na Constituição brasileira, foi realizada uma Audiência Pública nos dias 3, 4 e 5 de março de 2010. Tal audiência ocorreu em decorrência da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 186/09) contra as cotas da Universidade de Brasília (UnB) impetrada pelo Partido Democrata (DEM).

Alguns segmentos acreditam que as cotas são inconstitucionais porque, quando se reserva vagas para negros e afrodescendentes, está sendo ferido o princípio da igualdade dos candidatos no vestibular. Outros acreditam que, mesmo sendo diferentes do sistema de cotas norte americanas, que passaram a ser consideradas como inconstitucionais pela Suprema Corte a partir de 1980, há a necessidade delas no país para garantir o direito de ingresso numa instituição pública àqueles que não tiveram acesso a elas por diferentes razões.

Entende-se que ações afirmativas também recebem a designação de medidas compensatórias, mas tais medidas, além de causarem revoltas, servem na prática para compensarem a falta de um Ensino Fundamental e Médio de qualidade ao qual alguns indivíduos ainda não têm acesso. Ressalva-se, portanto, que o trabalho pela melhoria do ensino em todas as suas modalidades é tarefa importante.

De acordo com os dados do PNUD (2005, p. 15),

As políticas de ação afirmativa justificam-se no Brasil porque as diferenças raciais persistem ao longo das décadas, seja em fases de crescimento, seja em fases de desaceleração da economia. Em vários casos, mesmo quando negros e brancos melhoram em algum indicador, os brancos melhoram mais e as desigualdades entre ambos persistem ou aumentam.

Para endossar a afirmativa acima, é possível utilizar as ideias de Rosa (2007, p. 18), que afirma que comparando os dados do Inep com os do IBGE, presentes no texto do Anteprojeto de Lei da Reforma Universitária, em tramitação na Câmara dos Deputados, é

possível concluir “que a cor do campus é diferente da cor da sociedade: os brancos na sociedade somam 52% e no campus, 72,9%; os negros na sociedade somam 5,9%, no campus, 3,6%; os pardos da sociedade somam 41%, no campus, 20,5%”.

Segundo Renato Emerson dos Santos (2007), o fato é que o acesso à universidade e a graduação desse indivíduo o insere no mercado de trabalho e interfere qualitativamente na melhoria do status desse cidadão dentro da sociedade brasileira.

De acordo com dados da Síntese dos Indicadores Sociais (IBGE, 2005, p. 5),

A escolaridade diferenciada entre brancos e pretos e pardos acaba por se refletir no mercado de trabalho. As pessoas ocupadas de cor branca tinham, em 2004, em média, 8,4 anos de estudo e recebiam mensalmente 3,8 salários mínimos. Em contrapartida, a população preta e parda ocupada apresentava 6,2 anos de estudo e 2 salários mínimos de rendimento. A diferença na escolaridade não é suficiente, porém, para explicar a desigualdade nos rendimentos: embora a média de anos de estudo de pretos e pardos tenha sido 74% da média dos brancos, o rendimento médio mensal da população ocupada preta e parda representou apenas 53% do rendimento dos brancos.

Nascimento, A. (2007, p. 75) afirma que as ações afirmativas “devem ir além das leis que proclamem a igualdade de todos e que visem a punir as práticas racistas e discriminatórias, essas políticas devem reduzir as desigualdades (até sua superação) e combater o racismo”. E para ele, o ponto mais polêmico do debate sobre superação das desigualdades sociais são as cotas raciais.

4 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Procurou-se desenvolver, nesse trabalho, a pesquisa qualitativa. De acordo com Mazzotti e Gewandsznajder (2004), a pesquisa qualitativa exige um mínimo de estruturação prévia, permitindo que o foco e o planejamento sejam definidos mais claramente no decorrer do processo de investigação. Esse mínimo de estruturação prévia não significa que o trabalho foi feito de modo aleatório. Significa simplesmente que, durante a pesquisa científica, apareceram aspectos importantes que antes, talvez, não tenham sido visualizados e que foram posteriormente considerados.

Ainda de acordo com Mazzotti e Gewandsznajder, para o desenvolvimento desse trabalho científico, utilizou-se a abordagem exploratório-descritiva. Abordagem exploratória porque procurou conhecer se ações político-pedagógicas relativas à Lei 10.639/03 vem sendo implantadas no IFRO nos últimos dois anos e suas eventuais contribuições para a valorização da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no meio escolar que se pretendeu estudar.

É interessante ressaltar, aqui, que tal diagnóstico também poderá servir futuramente como ferramenta para auxiliar a equipe pedagógica a traçar alternativas metodológicas que sejam capazes de conscientizar toda a comunidade escolar para os benefícios da variedade de culturas independentes de cor/raça; e abordagem descritiva porque tende a descrever sistematicamente todos os registros que foram e serão tomados como fontes durante a pesquisa, assim como o referencial teórico que foi de grande importância para a construção do trabalho científico e para análise do material coletado.

De acordo com Mazzotti e Gewandsznajder (2004, p. 163), do ponto de vista dos procedimentos técnicos a pesquisa qualitativa, sendo caracteristicamente multimetodológica, contou com o apoio da pesquisa bibliográfica, a qual também foi de grande ajuda para compor o referencial teórico desse trabalho; da pesquisa documental, que foi obtida junto à secretaria de registros acadêmicos do IFRO, através dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do IPEA e através do site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Essa pesquisa foi realizada utilizando-se, principalmente, de questionários contendo perguntas do tipo semi-estruturadas que foram entregues aos servidores da escola, do quadro administrativo e pedagógico da escola, tais como: Direção Geral, Departamento de Administração e Planejamento, Departamento de Desenvolvimento Educacional, Coordenação Geral de Educação, Coordenação Geral de Assistência ao Educando, Coordenação Geral de Produção e Pesquisa, Setor de Orientação Educacional, além de servidores pertencentes ao quadro docente, principalmente aqueles das áreas de História, Filosofia, Sociologia, Biologia, Geografia, Literatura e Língua Portuguesa. Porém, não será divulgada a função dos servidores administrativos nem seus nomes serão mencionados no decorrer do trabalho. Assim como não será citado o nome dos professores que aceitaram participar desse trabalho, apenas a disciplina que ministra, uma vez que esse dado é importante para a pesquisa.

É importante ressaltar que nem todos os servidores devolveram o questionário aplicado. Alguns alegaram falta de tempo para respondê-lo. Outros disseram ter perdido e que depois enviariam as respostas para o e-mail da pesquisadora, o que não ocorreu. Outros ainda disseram que primeiro iriam fazer uma pesquisa junto aos documentos oficiais da escola para só depois, então, responderem e entregarem. Os dados coletados, assim como os questionários não respondidos/não devolvidos serão cuidadosamente relatados na análise dos dados. Também foram coletadas informações, através de questionários, junto aos alunos matriculados em uma das quatro turmas de terceiros anos do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio.

Com base em Duarte (2004), é importante salientar que o uso dos questionários é um instrumento possível de se recorrer para fundamentar uma pesquisa. Como exemplo da importância do uso de tal instrumento de pesquisa, pode-se antever que uma das questões colocadas nesse questionário ajudou a identificar se a Lei 10.639/2003 tem sido trabalhada no IFRO da forma como ela é prevista.

Tais informações permitirão coletar indícios do modo como cada um dos sujeitos analisados constrói a sua realidade e poderão nortear ações futuras dentro do IFRO, assim como, certamente, proporcionou, nos indivíduos pesquisados, uma reflexão nos seus modos de agir com relação ao seu semelhante, conforme pensa Romanelli in Duarte (2004, p. 220). Tal pesquisa também contou com o apoio da coleta de dados que ocorreu durante todo o trabalho, visto que a todo o momento surgiam novas dúvidas no decorrer do mesmo e essas deveriam ser resolvidas tão logo elas apareciam.

4.1 Delimitação do Campo de Pesquisa

A pesquisa foi realizada com professores e servidores (quadro administrativo) da área Político-Pedagógica do Instituto Federal de Rondônia – *Campus* Colorado do Oeste e apenas com os alunos de uma das quatro turmas, que na época estavam matriculados nos terceiros anos do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio. No ano da pesquisa - 2009, a escola contava com doze turmas matriculadas no Ensino Médio. Não foi realizada a pesquisa em todas as turmas dos terceiros anos porque o tempo que se dispunha para realizar o trabalho científico em pauta não era suficiente para tanto. Portanto, a pesquisa foi realizada através de amostragem intencional e para tanto foram analisados os questionários aplicados aos Professores, servidores da área Político-Pedagógica e à turma mencionada. Essa turma apresentou 22 alunos.

Sabendo-se que a pesquisa qualitativa é descritiva, os pesquisadores tenderam a analisar os dados coletados indutivamente. A escolha de se realizar a pesquisa no último ano do Ensino Médio foi intencional, pois se deduziu que esses alunos, ou seja, do terceiro ano, já estiveram conosco ao longo de três anos e deveriam, portanto, ter (in)formação suficiente para terem tido contato com conteúdos sobre a História e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas, prevista na Lei 10.639/03.

4.2 Trajetória da Análise

A hipótese nula para a pesquisa que se propôs é que a Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste hoje, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – campus Colorado do Oeste tem trabalhado a Lei 10.639/03, mas de forma ainda bastante “tímida”. A hipótese alternativa seria a de que o IFRO não tem buscado conhecer o que rege a Lei 10.639/03 e, por conseguinte não tem colocado em prática o que tal lei determina.

Os dados gerados nessa pesquisa foram classificados como qualitativos nominais. Não foi utilizada estatística paramétrica porque conforme material didático estudado, as técnicas de estatística não paramétrica são particularmente adaptáveis aos dados das ciências do comportamento porque a aplicação dessas técnicas não exige suposições quanto à distribuição da população da qual se tenha retirado amostras para análises e ainda porque podem ser aplicadas a dados que se disponham simplesmente em ordem, ou mesmo para estudo de variáveis nominais. Também exigem poucos cálculos e são aplicáveis para análise de pequenas amostras e independe dos parâmetros populacionais e amostrais (média, variância, desvio padrão).

4.3 Procedimentos e Instrumentos de Coletas de Dados

As pesquisas qualitativas utilizam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coletas de dados. Nela, segundo Mazzotti e Gewandsznajder (2004), a quantidade e o consumo de tempo que se gastam para realizá-la fazem parte da necessidade de se apreender os significados de eventos e comportamentos dos seus sujeitos de pesquisa.

Utilizou-se para coletar os dados relevantes para esse estudo: as referências bibliográficas, os materiais estatísticos coletados principalmente junto ao INEP, IBGE, IPEA e ao SRE e os questionários semi-estruturados.

Tais questionários foram importantes, pois descreveram situações que antes não tinham como serem observadas e que depois remeteram aos aspectos da investigação. Foi possível através deles buscar conhecer dentro dos documentos oficiais do Instituto e do Governo o que realmente era verdadeiro. Eles serão tanto auxílio quanto complemento a esse trabalho de pesquisa, visto que neles estão presentes as respostas obtidas para sanar às dúvidas que buscavam-se responder. A linguagem utilizada nos questionários foi simples, para que tanto os alunos quanto o corpo docente e equipe pedagógica da escola pudessem compreender o que realmente buscava-se conhecer.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo como interesse levantar os dados e informações necessários para responder aos objetivos propostos nesse estudo, foram selecionados os seguintes recursos no decorrer dos anos de 2008 e 2009: observações, referências bibliográficas, materiais estatísticos coletados junto ao INEP, IBGE (Pnad), IPEA e ao SRE e ainda foram coletados dados em questionários semi-estruturados, que foram aplicados aos alunos de uma das turmas dos terceiros anos, professores e servidores do quadro pedagógico.

5.1 Análise e Interpretação dos Questionários Aplicados ao Corpo Discente

Aos alunos, foram aplicados 22 questionários; aos docentes, 7 questionários e; à equipe pedagógica da escola, 5 questionários.

Dos vinte e dois alunos que responderam ao questionário, dois não permitiram que os dados fossem divulgados. Desta forma, apenas 20 questionários foram analisados.

Cada questionário respondido recebeu uma letra do alfabeto para que, dessa forma, fossem preservadas as imagens dos alunos estudados. Sendo assim, tais questionários foram marcados na parte superior esquerda com as letras de A a V. Lembrando que os questionários de letras A e B não foram analisados.

As declarações feitas pelos alunos foram transcritas com letras em itálico e quando se quis distinguir algum aspecto digno de uma discussão mais aprofundada tais declarações também foram colocadas em negrito para que, desta forma, essas pudessem ser destacadas do restante do corpo desse trabalho.

Apesar de muitos erros, principalmente de ortografia, terem sido diagnosticados também não foram feitas nenhuma alteração morfológica, sintática ou gramatical nas respostas dadas pelos pesquisados. Em alguns casos, foi necessário dar um direcionamento mais específico para o que o aluno escreveu, porque não ficou claro o que o mesmo tentou expressar.

Sendo assim, seguem as respostas dadas às 18 questões trabalhadas com o corpo discente e também as observações feitas sobre tais respostas:

QUESTÃO 1:

Foi bem esclarecido para os alunos que eles não precisavam responder a essa pergunta, visto que foram informados que seus nomes seriam preservados e que seriam substituídos por letras do alfabeto, mesmo assim um dos alunos preferiu não se identificar.

QUESTÃO 2:

A segunda questão buscou unicamente conhecer o gênero dos alunos estudados e será utilizada, mais abaixo, em conjunto com as questões 3, 4 e 5 para montar um quadro que permita visualizar amplamente a turma pesquisada.

Tabela 5: Gênero dos alunos estudados.

GÊNERO	TOTAL
Feminino	4
Masculino	16

Fonte: Questionário (discente).

Através das respostas obtidas, verificou-se que no ano de 2009, a maioria dos alunos da turma pesquisada, pertencia ao gênero masculino. Em termos de porcentagem, esses números equivalem a 80 % dos alunos matriculados no terceiro ano investigado.

QUESTÃO 3:

A terceira questão buscou conhecer apenas a idade dos alunos matriculados no 3º ano pesquisado. A intenção presente nesse questionamento era conhecer se os alunos matriculados no terceiro ano em questão estavam fora da idade escolar adequada para a faixa de idade dos mesmos.

Dos vinte questionários analisados, dois alunos não responderam a essa pergunta e, um não entendeu ou não leu a pergunta e preencheu o espaço com a data em que foi preenchido o questionário, ou seja, o ano de 2009. Então, os dados da tabela 6, não coincidem com os dados da tabela 5.

O aluno mais velho apresentou 22 anos e o mais jovem 16 anos de idade.

Mesmo sendo a questão n.º 3 apenas para responder a idade dos alunos matriculados no 3º ano do Ensino Médio, na tabela abaixo é possível verificar dados contidos nas questões n.º 2 e n.º 4.

É importante ressaltar que os alunos não declararam sua cor/raça como sendo preta e sim como sendo negros. Porém, para somar as categorias utilizando os mesmos critérios do IBGE, optou-se por descrevê-los de tal forma na tabela abaixo.

A intenção de reunir dados de três questões numa única tabela foi facilitar a compreensão da discussão que se realiza logo abaixo:

Tabela 6: Idade dos alunos pesquisados.

ANO DE NASCIMENTO	TOTAL DE ALUNOS	GÊNERO		COR/RAÇA		
		FEM.	MASC.	BRANCA	PARDA	PRETA
1987	1		1	1		
1989	1		1			1
1990	1		1		1	
1991	6	1	5	2	3	1
1992	6	2	4	3	1	2
1993	2	1	1	2		
SOMA DE DADOS	17	5	12	8	5	4

Fonte: Questionário (discente).

Analisando os 17 alunos que responderam à questão referente à idade, apenas 47,05% encontram-se na idade adequada para a série em que estão matriculados. Desses, apenas oito alunos encontram-se na idade escolar adequada para cursar o ano em questão, ou seja, entre 16 e 17 anos de idade. Três são do sexo feminino e cinco do masculino. Respectivamente, analisando os dados em porcentagem chega-se a conclusão que 37,5% são meninas e 62,5% são meninos.

Dos nove alunos que estão com idade inadequada para estarem no Ensino Médio, quatro autodeclararam suas cores como parda; dois autodeclararam suas cores como preta e três autodeclararam suas cores como branca. Desses nove, apenas 1 é do sexo feminino. Então, 88,8% dos alunos fora da idade escolar são do sexo masculino.

Se ao analisar tais dados, o procedimento adotado for igual ao IBGE, que soma a cor/raça: preta (2 alunos) com parda (4 alunos) associado à idade dos indivíduos pesquisados

para obter os indivíduos pertencentes à categoria de afrodescendentes, então a porcentagem de afrodescendentes fora da idade escolar, nessa turma, é de aproximadamente 35% enquanto aqueles que se autodeclararam brancos é de aproximadamente 17%.

A realidade observada nessa turma não difere da realidade encontrada na sociedade brasileira, em que a taxa de escolaridade líquida de afrodescendentes é menor em relação à de brancos. Os resultados obtidos através da questão n.º 3 mostram que 29,4% dos alunos em idade escolar são brancos e 17,6% são negros. Uma diferença de 11,8% entre uma categoria e outra.

QUESTÕES 4 e 5: Cor/Raça dos alunos

Tabela 7: Cor/raça declarada pelos alunos.

COR/RAÇA	ALUNOS
PARDA	6
PRETA	6
BRANCA	8
NÃO DECLARADO	-

Fonte: Questionário (discente)

A quarta e a quinta questão do questionário aplicado aos alunos buscaram conhecer como os mesmos se identificam autodeclarando suas cores/raças. Optou-se por deixar a questão aberta por considerar que, dessa maneira, os alunos pudessem expressar realmente como se veem em relação à sua cor.

A quarta questão buscou, especificamente, conhecer a cor/raça dos alunos e a quinta questão buscou a justificativa pela qual os alunos assim atribuíam as cores que autodeclararam.

De acordo com Lopes (2005, p. 20) essa tarefa de autodeclarar cor/raça é desconfortável principalmente quando se é negro por conta da desigualdade. Lopes acrescenta ainda que quanto mais traços de fenótipo negro maior o gradiente de cores que o indivíduo se atribui.

No entanto, o “gradiente de cores” que foi mencionado no parágrafo acima, não foi verificado nas respostas dos alunos que se autodeclararam negros. Tais alunos não utilizaram nenhum outro tipo de definição de cor/raça que não fosse o termo “negro”.

Observou-se nas respostas dadas a esse questionamento que, a maioria dos alunos que se autodeclararam pardos, assim o fizeram levando em conta a miscigenação decorrente da união de pais com tons de pele branca e negra.

Já os alunos assinalados na tabela acima como de cor preta, na verdade, declararam serem negros/negras e assim o fizeram levando em consideração o histórico familiar e não consideraram apenas o fato da tonalidade da pele e sim suas raízes. Outra característica marcante nos questionários onde os alunos se autodeclararam negros foi o fato da maioria desses afirmar sentirem orgulho de sua cor/raça.

Com relação aos alunos que se autodeclararam brancos, esses disseram terem se definido assim levando em consideração a pigmentação clara de suas peles e também a questão da cor da pele de seus pais.

Em termos de porcentagem e conforme os critérios de avaliação de cor/raça do IBGE, 60% dos alunos são afrodescendentes e 40% são brancos.

Segue então a transcrição literal do modo como se expressaram no quesito cor/raça – justificativa:

Tabela 8: Justificativa para a autodeclaração das cores/raças.

ALUNO	COR/RAÇA	JUSTIFICATIVAS
C	Pardo.	Pois não sou branco e nem negro. [...].
D	Mestiço/Pardo	Devido meu pai descender de povos europeus como os italianos e minha mãe descendente de negros baianos.
E	Pardo	Porém com muitas características da raça negra (porque) meus pais são de cor clara assim como meus irmãos, eu tenho grande facilidade em adquirir cor e características herdadas de outros familiares que não são naturais da raça branca, como o formato do nariz, lábios, cabelo ondulado... assim me considero morena/mulata.
F	Pardo	Me defino como pardo, por causa da minha descendência (sic): brancos e pretos.
G	Pardo	(Porque) sou “misegenado (sic)”, mistura de várias raças e pessoas de várias regiões
H	Pardo	Porque eu tenho uma cor meio amarelada
I	Negro	Me considero negro pois no meu sangue corre sangue de negros. Meus antepassados eram negros, e a minha pele não é clara e eu me sinto muito mais a vontade quando digo que sou negro.
J	Negra	Me considero negro pois tenho a pele escura e cabelos enrolados, e me aceito, honro a minha raça.
K	Negra	por fazer parte de uma família onde a maioria é negra, por ser filha de negros.
L	Negra	O motivo é que sou de família negra e tenho orgulho de me observar assim.
M	Negra	(Porque) uma pessoa comum, animada, alegre, mas umas vezes sinto um ser racismos que vem de outras pessoas, com isso ficando abolido, mas do contrário gosto muito de mim.
N	Negro	Porque meus antepassados (tatataravo) (sic) era africano e minha cor também é aproximada a negro ou seja negro.
O	Branco	(Porque) simplesmente pela cor da pele, não por descendência de um certo país. Eu julgo minha cor pela cor de minha pele.
P	Branco	Porque a sociedade dita as cores e a minha pele é branca.
Q	Branco	Pela coloração de minha pele e por meus pais serem brancos também
R	Branco	(Porque) Pai: descendente de português e mãe descendente (sic) de alemão.
S	Branca	Me defino assim pelo fato da descendência alemã prevalecer, porém sei que tenho muita missigenação (sic).
T	Branca.	Devido aos meus descendentes até onde eu conheço serem todos de cor branca.
U	Branca.	(Porque) não tenho registros de nenhuma pessoa de outra cor na família.
V	Branco	Pelo fato de minha pele apresentar tom claro, meus cabelos serem de cor loira, e de meus familiares serem de pele clara (branca).

Fonte: Questionário (discente).

Nesse questionário, é possível que onde o aluno **M** disse: “ser racismos” pode ser lido como *certo racismo*. E onde ele menciona ficando *abolido* pode ser entendido como *abobado*.

QUESTÃO 6:

Não há necessidade de discutir essa questão, pois nessa pergunta o aluno tinha apenas que responder em que turma estava matriculado e serviu para provar que os questionários foram aplicados na turma mencionada.

QUESTÃO 7:

Na questão sete os alunos explicaram o que entendiam por racismo, preconceito racial e discriminação racial.

Segue a transcrição literal de seus entendimentos sobre os tópicos acima mencionados:

Tabela 9: Conceito de racismo, preconceito e discriminação.

ALUNO	RACISMO	PRECONCEITO	DISCRIMINAÇÃO
C	<i>Podemos dizer que acontece quando discriminamos, não aceitamos as pessoas por algum (sic) motivo, seja religião, raça, cor, etc.</i>	<i>Acontece quando julgamos mal, formulamos conceito antecipados sobre pessoas de alguma raça.</i>	<i>Acontece quando discriminamos, não aceitamos, excluimos, pessoas de qualquer raça.</i>
D	<i>Racismo é um termo empregado a uma pessoa que não tolera outra pessoa com diferentes ábtos (sic) culturais ou até diferenças de morfologia que não seja a sua.</i>	<i>Preconceito é um conceito prévio na maioria das vezes com valor negativo que se tem a primeira vista de alguém.</i>	<i>É quando você discrimina alguém que não tem ou mantém ábtos culturais iguais os seus ou não se acemilha (sic) fisicamente a você.</i>
E	<i>Se refere a um conceito transmitido pela família ou sociedade sobre os pertencentes a determinada raça. Sendo um conceito negativo, influencia as pessoas que a absorvem a tratar as vítimas desse preconceito de modo diferente a discriminando.</i>		
F	<i>É aquele que considera apenas a sua raça perfeita, certa, as outras são anomalias.</i>	<i>Determinar que todas as pessoas de uma certa raça sejam boas ou ruins.</i>	<i>Julgar uma pessoa pela raça e não pelos atos.</i>
G	<i>Racismo ou preconceito racial e todo e qualquer forma de oprimir, discriminar, abusar ou delegir (sic) a imagem de uma dada pessoa física ou jurídica que a deixe constrangido quando se refleti à sua etnia e raça.</i>		
H		<i>Eu acho que preconceito de qual quer for que se age é muito inescrupulosos por que Deus ponhou na blibia (sic) que todos somos sua imagem e semelhança e todos irmãos.</i>	
I	<i>Qualquer tipo de exclusão, feita por uma determinada sociedade a um grupo de pessoas ou uma pesso (sic) somente devido sua “raça” (cor da pele, descendência, costumes).</i>		
J	<i>Racismo, preconceito e discriminação racial ao meu ver são palavras que vem de pessoas que o olham com um olhar diferenciado das outras pessoas. Palavras que mostra a verdadeira característica de um cidadão quanto ao próximo.</i>		
K	<i>Racismo pode ser definido como um meio de discriminar, tratar mal o semelhante por causa da sua cor.</i>	<i>Preconceito racial, não fazer determinadas coisas para ou com negros, julgar por causa da cor.</i>	<i>Discriminação pode-se dizer o mesmo de preconceito e racismo, discriminar por causa da cor.</i>
L	<i>Racismo, preconceito racial e discriminação racial são fatos que ocorrem em nosso mundo atual. Isso são conceitos que pessoas (racistas) tiram de um determinado indivíduo pelo fato de ser negro, Indígino, (sic) pobre, etc. isto acaba caindo na discriminação rural.</i>		
M	<i>Racismos, pessoas que tem uma diferenciação de raça, principalmente pela pele.</i>	<i>Preconceito, pessoas que não admite ter contato com pessoas de outra cor.</i>	<i>Discriminação, pessoas que não aceita de forma alguma amizade, conversa ou algum contato que seja, com outra pessoa.</i>
N	<i>É quando um grupo ou até mesmo uma pessoa rejeita, exclui ou critica</i>		

	<i>outra pessoa pela sua raça ou cor.</i>		
O	<i>Racismo é quando uma pessoa sofre alguma agressão tanto física como moral por ter a pele de uma determinada cor ou pela sua descendência. (sic) ex: de índio, branco, negro.</i>	<i>Preconceito racial, pra mim é quando uma pessoa é excluída ou rejeitada por toda a sociedade ou por uma pessoa devido a cor da sua pele. As pessoas pensam que por ser de tal “cor” é uma bandida, etc..</i>	<i>Discriminação é uma pessoa ficar em último lugar, ser deixada de lado pela sociedade.</i>
P	<i>Racismo é preconceito pela pele</i>	<i>É todo o tipo de preconceito por cor, tamanho, estatos, (sic) dinheiro, etc. Esse é o preconceito. Preconceito racial seria pela pele e pela nacionalidade</i>	<i>Discriminação racial é uma pessoa ser discriminado pelo racismo.</i>
Q	<i>Racismo é quando uma pessoa tem desprezo e averção (sic) a raças que não seja a sua.</i>	<i>Preconceito racial é quando você intitula a pessoa por sua cor.</i>	<i>Discriminação é quando há um sentimento racista em relação a uma raça específica.</i>
R	<i>Racismo é um preconceito ou seja pré-conceito ou um conceito antecipado de uma pessoa. Assim a pessoa julga a outra por sua cor ou fisionomia.</i>		
S	<i>Racismo é qualquer forma de discriminar, isolar, diferenciar qualquer tipo de pessoa, seja pelos seus defeitos ou então qualquer tipo de deficiência ou também pela cor.</i>		
T	<i>A falta de respeito com outros enquanto na verdade somos todos seres humanos e esses preconceitos e discriminação não envolve apenas cor.</i>		
U	<i>Racismo é a aversão a pessoas de outra raça, principalmente a negra.</i>	<i>Preconceito é julgar pessoas só pela cor.</i>	<i>Discriminação racial é julgar que pessoas de outra cor não são capazes de fazer determinadas coisas.</i>
V	<i>É uma maneira de rebaixar outra pessoa, fazer com que esta pessoa se sinta inferior a você. O racismo é uma maneira que alguém utiliza para se sobrepor a outra pessoa que não seja de sua raça ou cor, tentando obter vantagem da situação.</i>		

Fonte: Questionário (discente)

Analisando o modo como os alunos conceituam cada termo (racismo; preconceito e discriminação), pode-se concluir que não foi trabalhado com eles o suficiente sobre o assunto, visto que nas explicações dadas ocorrem vários equívocos na descrição de um ou de outro termo. E em alguns casos, os alunos optaram por não apresentar um ou outro desses termos. Uma prova disso é que dez alunos não descreveram os conceitos para preconceito e discriminação racial. Demonstrando, dessa forma, não terem conhecimento bastante para fazer definições sobre os mesmos. Alguns alunos, inclusive, trocaram por várias vezes os conceitos das palavras.

QUESTÃO 8:

Na questão de número oito questionou-se se eles já haviam presenciado alguma cena de racismo dentro dessa escola. Caso fosse positiva a resposta, foi solicitado que eles descrevessem tal cena.

Tabela 10: Cenas de racismo.

SIM	6
NÃO	14

Fonte: Questionário (discente).

Dos alunos que responderam ter presenciado, na escola, alguma situação de racismo, descreveram que a situação acontecia através de brincadeiras e piadas, mas ainda assim disseram acreditar que, mesmo com tom de brincadeiras e piadas, tais situações deviam ser consideradas como racismo.

Segundo Nilma Lino Gomes (2005), “toda piada sobre o negro emitida em nossa sociedade carrega, no fundo, a ideia de inferioridade racial contra a qual os negros lutam”.

Nessa questão, um dos alunos (N) confundiu o termo racismo com **preconceito sexual**. Tal confusão pode demonstrar que ou esse aluno não domina a definição do conceito (racismo) que se pretendeu extrair dele e/ou ainda não prestou a devida atenção à leitura do questionário.

Sim. Eu vi um grupo de alunos, zutando(sic) um aluno por ter sua sexualidade duvidosa.

QUESTÃO 9:

Na questão nove a intenção foi descobrir em quais disciplinas e conteúdos os alunos dessa turma trabalharam sobre a temática africana.

E tais disciplinas, assim como seus conteúdos foram analisados a partir da tabela feita abaixo:

Tabela 11: Disciplinas e conteúdos onde a temática africanista foi abordada.

DISCIPLINAS	TOTAL DE ALUNOS	CONTEÚDOS ABORDADOS
INGLÊS	15	Fome; Mortes causadas por doenças; Falta de alimento; Racismo; Preconceito; Discriminação racial; Separação racial; Conflitos; Falta de oportunidades; Contexto socioeconômico e político; Influências africanas no Brasil; Vagas em concursos e vestibulares; Sociedade e cultura; Reflexão e debates.
GEOGRAFIA	11	Fome nos campos de refugiados (Filme-documentário); Racismo; Preconceito; Contexto sócio-econômico e político; Escravidão; Má distribuição de renda; Condições climáticas; Condição de vida; Reflexão e debates.
HISTÓRIA	9	Colonização da África; Escravidão; Cultura; Contexto sócio-econômico e político; Condição de vida; Reflexão e debates
SOCIOLOGIA	5	Cultura; Preconceito; Racismo; Contexto socioeconômico e político.
FILOSOFIA	4	Cultura; Preconceito; Reflexão sobre o racismo (existência, surgimento).

Fonte: Questionário (discente).

Nem todos os alunos que responderam terem visto a temática africana nas disciplinas discriminou os conteúdos abordados e alguns disseram terem visto alguns conteúdos em mais que uma disciplina.

É importante salientar que não foram feitas, pelos alunos, quaisquer referências a outras disciplinas e essa informação é bastante relevante, pois quando forem analisados os

questionários aplicados aos professores e servidores administrativos, tais respostas podem ser confrontadas.

Poucas foram as disciplinas que trabalharam com a questão da africanidades; Inglês, Geografia, História, Sociologia e Filosofia. Nota-se, aqui, que a disciplina de Língua Portuguesa, não foi, segundo a declaração dos discentes, trabalhadas na turma contrariando a fala da professora da área mencionada. Inclusive em uma das questões (13), os alunos reafirmaram que na disciplina de Língua Portuguesa a temática africanista não foi vista.

Não se pretende de forma alguma desmerecer o trabalho do profissional de educação que trabalha com a disciplina de Língua Portuguesa. É interessante, inclusive, mencionar que o que pode ter acontecido é o não aproveitamento de tais conteúdos pelos alunos. Também as áreas de Artes e Literatura, que são mencionadas na lei 10.639/03 no Art. 26-A § 2 “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de **Educação Artística e de Literatura** e História Brasileiras”. Grifo nosso. Não trabalharam a temática africanista.

QUESTÃO 10:

Nessa questão, o interesse foi saber se os alunos entendiam o significado do termo xenofobia.

A resposta aceitável para esse questionamento seria, por exemplo, o conceito dado pelo minidicionário Sacconi, “Xe.no.fo.bi.a ou Xe.no.fo.bis.mo sm. sf: Aversão ou hostilidade a tudo que é estrangeiro”. E estas foram as respostas dadas:

Tabela 12: Conceito de xenofobia.

ALUNO	CONCEITO DE XENOFOBIA
C	<i>Quando uma nação tem preconceito, aversão, discriminação a outros povos de outros países, que só aceitam e consideram a sua raça, a sua nação.</i>
D	<i>É o sentimento de exclusão do estrangeiro, de quem você não conhece principalmente se pertencente a outra nação e cultura que não seja igual a sua.</i>
E	<i>Uma forma de preconceito de esautação (sic) a apenas determinada forma de viver, que não gosta de aproximação com o diferente do seu povo.</i>
F	<i>Aversão a qualquer povo que não seja do xonófobo (sic).</i>
G	<i>Seria todo e qualquer tipo de aversão a outra etnia ou povos de origem distinta.</i>
H	<i>Xenofobia é o preconceito ou averção (sic) a pessoas estrangeiras.</i>
I	<i>Averção a pessoas vindas de fora, outras regiões. é a averção (sic) ao estrangeiro.</i>
J	<i>Entendo pouco mas acredito que possa ser o preconceito de pessoas de fora que chegam em uma cidade. Não é bem recebida por ser de fora</i>
K	<i>Aversão a qualquer povo que não seja xenófobo</i>
L	<i>Pessoas que chegam em um determinado lugar ou região e é excluído, discriminado por ser de uma região diferente</i>
M	<i>Pessoas que é contra a totalmente pessoas de cor.</i>
N	<i>Uma pessoa que não aceita estrangeiros em seu país, uma forma de preconceito.</i>
O	<i>Pessoa que tem medo de alguma coisa, ex: medo do escuro, medo de algum inseto, de estrangeiro.</i>
P	<i>Regeição (sic) com os estrangeiros</i>
Q	<i>Aversão ao estrangeiro ou a uma pessoa que não são de sua região</i>
R	(não respondeu a essa pergunta)
S	<i>Não entendo muito, porém sei que é aversão à algo ou alguém.</i>
T	<i>É uma pessoa que não suporta a etinia da outra há eu posso ser xenofobo com os americanos (sic).</i>
U	<i>É a aversão a estrangeiros.</i>
V	<i>Preconceito com pessoas de outros locais, outras culturas, outras línguas</i>

Fonte: Questionário (discente).

Apesar dos problemas ortográficos e de concordância facilmente verificados nas respostas, todos os alunos responderam a esse questionamento.

QUESTÃO 11:

Na questão de número onze, a intenção era conhecer se as aulas que trataram da temática africana tinham sido interessantes para os alunos.

Todas as respostas foram afirmativas e a maior parte dos alunos caracterizou o motivo pelo qual julgaram tais aulas interessantes pela contribuição que elas deram para aquisição de conhecimento na área e também valorização dos povos africanos.

QUESTÃO 12:

Com relação à questão de número doze, que buscava conhecer as contribuições da temática africana trabalhada na escola, várias foram as contribuições dadas pelos alunos.

O respeito pelos outros, a conscientização e o conhecimento foram várias vezes mencionadas por eles. Porém, ficou claro que é preciso trabalhar mais a percepção sobre o que é diferença e igualdade e como essas palavras são construídas, pois ainda pode-se encontrar equívocos, como o que será colocado abaixo.

O aluno V fez o seguinte comentário: ***“Precisamos saber que “somos diferentes na igualdade”.***

Pode-se inferir, através da fala do aluno em questão, que esse acredita na igualdade entre brancos e negros quando na verdade, sabe-se que tal igualdade de condições não existe para certas diferenças.

QUESTÃO 13:

Na questão de número 13, perguntou-se aos alunos em qual disciplina ele pensava que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou.

Das respostas dadas, a disciplina que não trabalhou a temática foi a de **Língua Portuguesa**.

QUESTÃO 14:

Com relação à questão 14, é importante informar que os alunos lêem os murais praticamente todos os dias, uma vez que as mudanças de horários e escalas mudam com bastante frequência. Num universo de 20 alunos, cinco responderam que são disponibilizadas notícias sobre a temática africana nos murais semanalmente e; a maioria, 16 alunos disseram não saber. Um aluno disse que quase nunca.

O fato é que se tais notícias são realmente veiculadas nos murais da escola e, tendo conhecimento de que eles leem tais murais. Ficam aqui algumas dúvidas: ou os cinco alunos estão equivocados quanto à disposição de notícias sobre a temática africana em murais da escola ou os dezesseis alunos não têm se atentado sobre a temática ou ainda tais notícias não têm chamado a atenção, não tem sensibilizado como deveriam.

QUESTÃO 15:

Foi questionado aos alunos quais os tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana que eles observavam na escola e com que frequência elas eram desenvolvidas e foi, no mínimo, intrigante perceber que os alunos não compreendem o termo manifestações culturais.

Esperava-se, com esse questionamento, que os alunos reclamassem por exemplo da falta de grupos de capoeira na escola; dança no estilo hip hop; jongo; congada, maculelê, ou

seja, que eles tivessem uma noção das contribuições culturais de matriz africana, ou ainda da mistura dessas contribuições no seio da sociedade brasileira, mas das respostas adquiridas, observa-se que os alunos não fazem ideia do termo abordado e, conforme as respostas produzidas, quando há manifestações culturais na escola, essas acontecem apenas durante a Semana de Eventos – como uma pedagogia de projetos. Cinco alunos disseram nunca ter observado manifestações na escola; quatro disseram não se recordarem; um disse que nunca observou; nove disseram terem visto em trabalhos como teatro e vídeo e nos Movimentos de Arte (que acontecem na mencionada Semana de Eventos); um aluno disse que viu em pôsteres em que é exposta a figura do negro, mas não relatou onde viu esses pôsteres, nem em que situação, exatamente, encontrava-se esse afrodescendente.

QUESTÃO 16:

Na questão 16, foi informado ao aluno que em algumas Universidades do país estavam cobrando, em seus vestibulares, o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana. Com base em tal afirmação foi perguntado ao aluno se ele se sentia preparado para responder às questões ligadas à temática africanista. Assim foram as respostas dadas a tal questionamento:

Tabela 13: Aptos e não aptos a participarem de provas de vestibulares.

ALUNO	SIM	NÃO	MOTIVO
C		X	Pois é muito pouco explorada essa área, é muito pouco esclarecida.
D		X	Pois creio que ainda há muito para se estudar sobre esta rica cultura.
E		X	Não o suficiente, a maior parte desse conhecimento adquiri no decorrer de minha vida através (sic) de programas, filmes, etc.
F		X	Pois não tenho informação suficiente.
G	X		De certa forma sim, porém a muito ainda a aprender e refletir.
H		X	Não muito, pois os ensinamentos são superficiais.
I	X		Pois estudo esse assunto a parte.
J	X		Mas acho que a diretoria e supervisão tinham consciência disso e trazem palestra deste tipo aqui pra dentro.
K		X	Não muito, por não conhecer a História e Cultura certa da África.
L	X		Pois tive aulas que me possibilitou dissertar e me expressar de uma forma mais adequada.
M		X	Não totalmente. Muito pouco conteúdo trabalhado em aula.
N		X	Porque apesar de passarem em algumas aulas não foi tão esclarecido ou discutido esse assunto.
O	X		Pois na minha escola tenho aprendido muito sobre esse tema, os professores demonstram preocupação pelo tema, mas não por ser obrigado e sim por realmente sentirem a necessidade ensinar isso.
P		X	Pois os assuntos não são explicados.
Q		X	Pois considero que não vi o suficiente à me achar preparado.
R		X	Pois deveríamos ampliar mais o conhecimento mas não só da África e sim também de vários outros países do mundo.
S			Talvez, pois existem muitas coisas ainda a se conhecer.
T		X	Eu não vejo sobre este tema em nenhuma matéria.
U		X	Pois não estudamos essa temática.
V		X	Pois nesta disciplina tratou-se pouco sobre a história e a cultura africana.

Fonte: Questionário (discente).

Dos cinco alunos que responderam ter conhecimento suficiente para participarem de um vestibular, um deles ainda pensa que há muito a aprender.

O aluno V não foi claro na resposta dada, visto que em tal questionamento não foi citada nenhuma disciplina em especial e; sim sobre a temática abordada na escola.

Assim ele respondeu: **“Pois nesta disciplina tratou-se pouco sobre a história e a cultura africana”.**

A maioria dos alunos, ou seja, 14 alunos disseram não estarem preparados para responderem a questões de vestibulares, relacionadas à temática africana. E esses alunos cobraram, no questionário, que esse assunto seja abordado de forma mais aprofundada.

Porém, a escola não pode esquecer que a temática africanista, que deve estar presente sim em seu Currículo Oficial, não pode, de forma alguma, ser ensinada apenas como mais um conteúdo que faça com que o aluno consiga tirar boas notas no vestibular ou, simplesmente, para cumprir o que determina a Lei 10.639/03, mas tal ensino deve primar para alcançar a desconstrução de concepções eurocêntricas e etnocêntricas. O modo como tais conteúdos serão inseridos no currículo e a forma como serão abordados na escola através da prática docente deve, sobretudo, despertar nos alunos o interesse em querer descobrir/desmascarar como foram criadas e mantidas, na sociedade brasileira, os estereótipos do negro e ainda os motivos que levaram a isso.

QUESTÃO 17:

Na questão 17 a pergunta era sobre o que ele (aluno) gostaria de saber sobre a História e Cultura africana e por quê.

Tabela 14: Conteúdos e motivos para serem trabalhadas a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira.

ALUNO	CONTEÚDOS E MOTIVOS
C	<i>Por que há tanta gente que não se encontra numa condição boa, pois não entendo por que “muitos não têm nada e poucos tem muito.</i>
D	<i>Sobre seu sistema político na era das grandes navegações: para saber o por que que o governo (se ele existia) deixou seu povo ser escravizado(sic).</i>
E	<i>Gostaria de conhecer mais sobre sua política para conhecer os conflitos, e sobre suas riquezas naturais e produção agrícola e industrial.</i>
F	<i>Sua condição sócio-econômica, sua alimentação, seus afazeres, ou seja, seus costumes em geral.</i>
G	<i>Novos povos, história, crenças e costumes.</i>
H	<i>Saber como surgiu esse preconceito e a escravidão e porque não se imporam (sic).</i>
I	<i>As riquezas que lá existem, e o porque daquela situação atual.</i>
J	<i>Gostaria de saber porque essa consciência de racismo, essa palavra preconceito. Sendo que Deus deu o mundo para todos sem diferenças de raça.</i>
K	<i>Tradições, guerras. Porque acho interessante.</i>
L	<i>O aluno não respondeu a essa questão</i>
M	<i>Por que da distinção de só haver negros na África e quais as principais culturas. Para ter um conhecimento melhor da vida africana.</i>
N	<i>As riquezas, ou o lado produtivo para tirar a imagens que possa a mídia de mostra só a miséria contribuindo ainda mais para essa anti-visão desse país.</i>
O	<i>Saber o que eles comem, já que a falta da comida é muita. Música, o que eles acham do resto do mundo, já que poderíamos ajudá-los e poucos são os países que lhe oferecem ajuda. Depois de vários países usarem os africanos como escravos, hoje não fazem nada para redimir essa história.</i>
P	<i>A História em geral.</i>
Q	<i>Nada específico, só um geral histórico.</i>
R	<i>Economia e estilo de política pois não entendo como são tratados tantos casos de fome em um único país.</i>
S	<i>As reais condições da cultura no período de escravidão.</i>
T	<i>Como surgiu a cultura africana que fatos históricos marcam esta raça, que descobertas foi feita pelos negros e muitas outras coisas importantes para a nossa história.</i>
U	<i>Gostaria de saber sobre os principais costumes pois é mais cobrado no vestibular.</i>
V	<i>Seria interessante se estudássemos quase todos os tópicos importantes relacionados a este assunto, pois além de interessante seria uma forma de respeito.</i>

Fonte: Questionário (discente).

Alguns temas/conteúdos/curiosidades foram escolhidos para fazer uma análise de como alguns alunos visualizam a África. Quando se fez essa pergunta aos alunos, a intenção foi verificar o que eventualmente não teria sido trabalhado ou não teria sido bem abordado com os mesmos.

O que se pode observar é que eles, de uma forma geral, generalizam o continente africano quando falam da pobreza na África. Falam como se todos os países africanos fossem miseráveis e sua população estivesse morrendo de fome. Desconhecem a África como um continente que tem vários países. Pensam na África como um único país.

Prova disso pode ser verificada nas falas dos alunos R e N, que dizem: ***“[...] não entendo como são tratados tantos casos de fome em um único país”. “[...] a mídia de mostra só a miséria contribuindo ainda mais para essa antvisão desse país”.***

Além de ver a África como um país, o aluno R, ainda questiona o modo como o governo lida com isso. É claro que não se pode negar a desestruturação do seu processo de desenvolvimento do continente africano como um todo, mas esses alunos não conhecem as riquezas que ainda existem no continente e o aluno N, em sua resposta, culpa a mídia pela forma como a África é vista. E pensa que se a mídia mostrasse a África de outra forma, mostrasse, por exemplo, a produção dela, poderia mudar a forma como muitos, ou a maioria, a vê. ***“As riquezas, ou o lado produtivo para tirar a imagens que possa a mídia de mostra só a miséria contribuindo ainda mais para essa antvisão desse país”.***

Essa mudança no olhar sobre a África provavelmente mudaria para melhor o modo como se vê os povos afrodescendentes. Mas a escola, não precisa nem pode esperar que a mídia faça o trabalho de apresentar a verdadeira África aos alunos. A mídia necessita sempre de um motivo (quer seja guerra, catástrofe, etc.) para mencionar (valorizar/desvalorizar) determinado assunto. A escola não. Na verdade, a escola não precisaria de um motivo senão aquele que é o de ensinar para a desconstrução das ideologias racistas. Mas para aqueles que necessitam ter uma motivação para ensinar, o evento da Copa do Mundo, em 2010, é uma boa oportunidade para tanto.

O aluno C diz que dentro dos conteúdos a serem trabalhados gostaria de saber o motivo de tanta desigualdade. ***“Por que há tanta gente que não se encontra numa condição boa, pois não entendo por que “muitos não têm nada e poucos tem muito”.***

Provavelmente não foi discutido/debatido com esse aluno (C), tampouco com o aluno I, sobre as lutas de poder existentes nas sociedades e entre as sociedades. O aluno I diz que gostaria de conhecer: ***“As riquezas que lá existem, e o porque daquela situação atual”.***

Parece que ele, o aluno C, pode estar falando da pobreza/desigualdade de uma forma geral, mas em se tratando da temática africanista, que era o propósito do questionário aplicado a ele e aos seus colegas, provavelmente não foi trabalhado, o suficiente sobre os males do Imperialismo e do Colonialismo ocorridos nos países africanos.

Seguindo essa linha de dominação de um povo sobre o outro, o aluno O mostrou-se preocupado com o que os africanos pensam sobre o *restante do mundo* que explorou suas riquezas e pouco fazem para se redimir dos males que causaram ao continente. O aluno O assim colocou o conteúdo que gostaria que fosse trabalhado:

“Saber o que eles comem, já que a falta da comida é muita. Música, o que eles acham do resto do mundo, já que poderíamos ajudá-los e poucos são os países que lhe oferecem ajuda. Depois de vários países usarem os africanos como escravos, hoje não fazem nada para redimir essa história”.

Na verdade, tal aluno não sabe que não foi o mundo que explorou a riqueza do continente africano, mas esse aluno demonstra nessa fala, que as potências imperialistas e colonialistas são ou foram grandes demais para ele (o aluno) a ponto de se transformarem em sua mente *em mundo*.

O aluno **D** e o aluno **H**, respectivamente, ainda vêm os negros que foram escravizados como passivos.

“Sobre seu sistema político na era das grandes navegações: para saber o por que o governo (se ele existia) deixou seu povo ser escravizado”(sic).

“Saber como surgiu esse preconceito e a escravidão e porque não se imporam”(sic).

Essa ideia de submissão, de inferioridade e de passividade dos negros já deveria ter sido eliminada há muito tempo da escola. Na verdade, os livros didáticos e aqueles que fazem a escolha desses, tem uma grande culpa nisso, pois quando tratam da escravidão dos povos africanos, poucos revelam sobre as lutas e resistências negra.

Por outro lado, tais alunos ainda não se atentaram para as organizações montadas por negros para fugirem da escravidão, como foi o caso dos muitos quilombos criados no Brasil. Talvez esses alunos nunca ouviram falar que, para se livrarem da escravidão, os negros praticavam, o suicídio, conforme consta em Ferreira (2009, p. 14). Eles ameaçavam, ou melhor, dizendo, negociavam se matar para conseguirem melhores condições de existência no cativeiro. Outros tantos se matavam para conseguirem, através da “teoria do retorno”, voltar à terra natal através da *Kalunga*, o mar-oceano.

Provavelmente, não foi trabalhado ou não foi abordado o suficiente, principalmente, com o aluno **H**, que também ocorreram sistemas de escravidão em outras civilizações do mundo antigo. Tampouco ficou marcado para esse aluno que o sistema de escravidão dos povos africanos foi o mais cruel de todos os outros existentes em outras civilizações.

Provavelmente, esse aluno também não foi informado de que, conforme Nascimento (2005, p. 37): “Em algumas partes da África nos séculos XVIII e XIX, o tráfico tornou-se prática maciça, tratava-se não de um fenômeno africano, mas da integração das sociedades locais ao sistema econômico capitalista mundialmente dominante”.

O aluno **R** questiona, através do conteúdo que gostaria que fosse trabalhado em sua turma, a problemática da fome na África, apesar de que, em sua fala, cita *em um único país*: **“Economia e estilo de política pois não entendo como são tratados tantos casos de fome em um único país”.**

Provavelmente, não tenha ficado claro para esse aluno o tipo de política que é desenvolvida na África.

QUESTÃO 18:

A última questão pedia permissão aos alunos para a divulgação dos dados fornecidos por eles e conforme citado no início da análise desses resultados, dos 22 questionários aplicados, apenas dois alunos não permitiram a divulgação de tais dados fornecidos por eles. Tal solicitação foi cumprida e não foram utilizados nesse trabalho os questionários dos mesmos.

5.2 Análise e Interpretação dos Questionários Aplicados ao Corpo Docente

Foram convidados a participarem dessa pesquisa, através do preenchimento de questionário com 14 questões, alguns docentes, que estavam, há pelo menos um mês, lecionando as disciplinas de: História, Sociologia, Química, Biologia, Língua Portuguesa, Literatura, Artes, Filosofia e Geografia. A seleção de tais professores/disciplinas ocorreu em razão do que determina a Lei 10.639/03, que discrimina em quais disciplinas (principalmente) devem ser abordadas a temática africanista. É importante salientar que nem todos os professores convidados a participarem desse trabalho devolveram os questionários preenchidos.

Ressalva-se que, no Anexo, foram inseridos os Planos de Aulas das disciplinas de Biologia e Filosofia mesmo os professores não tendo respondido aos questionários aplicados.

Tal inserção deve-se ao fato de que, nos Planos de Aulas dessas disciplinas, foram encontrados alguns, poucos, porém presentes, pontos ou conteúdos que podem ser relacionados à temática africanista, tais como:

Em Biologia, é possível identificar aspectos místicos e culturais no conhecimento do senso comum relacionados a aspectos biológicos.

Em Filosofia, é possível observar que o professor pretendeu trabalhar o verdadeiro significado da palavra Liberdade, buscando compreender tal liberdade como exercício de responsabilidade; buscou, também, trabalhar a visão própria deixando de aceitar as coisas como lhe são mostradas e trabalhar a ética voltada para a sociabilidade e não para a individualidade.

Cada questionário respondido recebeu uma letra do alfabeto para que, dessa forma, fossem preservadas as imagens dos docentes estudados. O mesmo foi feito com os questionários dos alunos e dos servidores do quadro administrativo. Sendo assim, tais questionários foram marcados na parte superior esquerda com as letras de A a G.

As declarações feitas pelos sete professores foram transcritas com letras em itálico e em negrito para destacar as mesmas do restante do corpo desse trabalho. Como não foram feitas nenhuma alteração morfológica ou sintática nas respostas dadas pelos alunos pesquisados, o mesmo ocorreu com as respostas dadas tanto pelos docentes quanto pelos servidores do quadro pedagógico.

Sendo assim, seguem as respostas dadas às 14 questões trabalhadas com o corpo docente e, também, as observações feitas sobre tais respostas. O questionário, contendo as 14 perguntas, está anexado no final desse trabalho.

A professora A é mestre em Literatura e leciona na escola há quinze anos. Conforme relato da mesma, ministrou também as disciplinas de Língua Portuguesa e Comunicação e Linguagem. Questionada se aborda dentro dos conteúdos de suas disciplinas, a temática africanista prevista na lei 10.639/03 a resposta dada foi positiva. Também respondeu que ***nas disciplinas ministradas anteriormente abordava a temática africanista***. Disse ***ter conhecimento sobre as leis 10.639/03 e 11.645/08***. Também respondeu que ***concorda com o que regem tais leis*** alegando que as mesmas ***“Contribuem para uma mudança de pensamento cultural já que incluem o estudo da história de povos indígenas e africanos nas escolas levando à reflexão da diversidade cultural que forma a cultura brasileira”***. Questionada se nessa escola havia presenciado alguma situação de racismo a mesma respondeu que: ***“Sim. Já escutei um aluno dizer que tal atividade não foi bem feita por ser feita por negro”***. Questionada de que forma aborda a temática africanista dentro da disciplina que ministra, a mesma respondeu que: ***“Propondo a leitura de lendas africanas ou apresentando autores negros aos estudantes”***. Questionada ***se a temática africanista está inserida em seu Plano de Curso a mesma não respondeu***. Quanto ao que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial a mesma respondeu que: ***“São atitudes que discriminam pessoas consideradas de outras raças”***. Na questão sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas, a professora respondeu que: ***“A educação voltada para a diversidade étnica racial valoriza e contribui para o conhecimento de culturas que deram formação ao povo brasileiro como a cultura indígena e a africana”***. Questionada ainda se sente dificuldades em trabalhar a temática africanista dentro do IFRO a resposta foi afirmativa e a justificativa dada foi: ***“por falta de material e de orientações na abordagem do assunto”***.

O professor B leciona na escola há quinze anos e, atualmente, ministra a disciplina de Química; já lecionou Física e Matemática. Relatou que não aborda dentro dos conteúdos de sua disciplina a temática africanista. Também relatou que ***nas disciplinas ministradas anteriormente também não abordava tal temática*** justificando ***“falta de conhecimento da Lei”***. Disse ***não ter presenciado dentro da escola nenhuma situação de racismo*** que a

temática africanista não está inserida em seu plano de curso Quanto ao que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial o mesmo disse que: ***“É qualquer distinção relacionada a cor negra, cultura...”***. O professor **B** relatou ainda ***“que em nossa Instituição o tema é pouco abordado, deverá ser mais para que haja um melhor trabalho”***. Questionado se sente dificuldade em trabalhar a temática africanista no IFRO, o mesmo respondeu que: ***“não”***.

O professor **C** leciona a disciplina de História no IFRO há 30 dias. Mesmo com tão pouca vivência na escola foi convidado a participar dessa pesquisa visto que o mesmo já defendeu um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) abordando essa temática. Respondeu que ***aborda os conteúdos previstos na Lei 10.639/03 e que anteriormente também abordava***. Respondeu que ***tem conhecimento e concorda com o que regem as leis 10.639/03 e 11.645/08***. E ***não presenciou nenhuma situação de racismo dentro dessa escola***. Questionado como aborda a temática africanista dentro da disciplina o mesmo relatou que: ***“Como trabalho História, a todo instante nos remetemos à história da África, a cultura africana e afro-descendente”***. Não respondeu se em seu plano de curso está inserida a ***temática africanista***. E quanto ao que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial respondeu que: ***“Acredito que qualquer ato que represente a inferioridade do “outro” é um ato discriminatório”***. Questionado sobre o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas o mesmo respondeu que: ***“Acredito ser importante, desde que realizado dentro das conformidades democráticas e não invertendo para um outro ato discriminatório”***. Também disse ***não sentir dificuldades em trabalhar a temática africanista no IFRO***.

O professor **D** leciona a disciplina de Química e Bioquímica há um ano na escola e relatou que não aborda e nunca abordou a temática africanista prevista na lei 10.639/03 justificando que: ***“Até o momento não trabalhamos a relação entre o ensino da química com o tema africanidades”***. Respondeu que não conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08. E quando questionado se concorda com as mesmas respondeu novamente que: ***“Não conheço tais leis”***. Questionado se dentro do IFRO presenciou alguma situação de racismo o mesmo respondeu que: ***“Não presenciei. Porém, durante a aula, algumas vezes um aluno chama o outro de “preto”***. Questionado se aborda a temática africanista dentro da disciplina que ministra respondeu que: ***“Não abordo essa temática durante o ensino de conceitos químicos”***.³ Respondeu que a temática africanista não está inserida em seu Plano de Curso.. Quanto ao que entende sobre racismo, preconceito racial e discriminação racial o mesmo relatou que: ***“Racismo: é pré-conceber a ideia de que haja raças diferentes entre os seres humanos. É acreditar que diferenças biológicas possam justificar a superioridade. Preconceito racial: é a consequência do racismo. É a atitude gerada por acreditar que socialmente somos um grupo é superior ao outro. Discriminação racial: é por em prática o racismo e preconceito racial, é distinguir, excluir e restringir um grupo de pessoas”***. Sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas o mesmo relatou que: ***“È fazer com que as novas gerações não desenvolvam e [não] coloquem em prática o racismo e a intolerância em relação a uma ou mais pessoas. É uma tentativa de resgatar erros cometidos em relação a grupos étnicos durante séculos na história desse país”***. Questionado sobre sentir dificuldades em trabalhar a temática africanista respondeu que: ***“Não trabalho esse tema”***.

A professora **E** é mestrande e leciona há dois anos na escola. Atualmente ministra a disciplina de Biologia e Microbiologia Ambiental e disse que já ministrou Gerenciamento Ambiental aplicado a indústrias de laticínios, Química, Biologia aplicada a Laticínios e Microbiologia Geral. Relatou que ***aborda dentro dos conteúdos de suas disciplinas a temática africanistas prevista na Lei 10.639/03 e que nas disciplinas ministradas***

³ Pode-se conferir tal informação observando o Plano de Curso da disciplina de Química (Professor D) do ano de 2009 no anexo desse trabalho.

anteriormente também abordava tal temática. Respondeu que *tem conhecimento e concorda com o que regem as leis 10.639/03 e 11.645/08* justificando que: ***“Devido ao contingente de negros e pardos existentes no país há necessidade de que a cultura africana seja parte das informações contidas no conteúdo das escolas que oferecem o ensino médio”*** Quando questionada se presenciou alguma situação de racismo no IFRO a resposta dada foi: ***“Sim, professores que agem como se pessoas de cor diferentes da sua fossem inferiores”*** Quando inquirida sobre como aborda a temática africanista em sua disciplina a mesma respondeu que: ***“todas as oportunidades que surgem dentro do conteúdo, onde há presença da cultura negra ou mesmo do negro como parte principal do conteúdo principalmente histórico e nas questões de saúde, faço um parêntese e retrato a situação histórica e atual do tema”*** A professora relatou que *a temática africanista não está inserida em seu plano de curso*. Quanto ao que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial a mesma respondeu que: ***“Racismo é uma forma de classificar os seres humanos, onde geralmente é feita na forma de raças. Geralmente a raça superior é a de quem é racista. Preconceito advém de aprendendo primeiramente na família depois na escola e na sociedade em que vive, sendo uma forma de dificultar o relacionamento humano. Discriminação racial é a preferência dada às pessoas em função da cor.”*** Sobre o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas a professora respondeu que: ***“Educação que trabalha com a disseminação da tolerância, do respeito ao outro. Educação que promove o reconhecimento do outro (como) ser humano”***. Questionada se sente dificuldades em trabalhar a temática africanista no IFRO a resposta foi: ***“Sim, pois não há abertura para que o tema ser humano seja colocado como importante dentro do ambiente escolar o aluno é mera peça de uma engrenagem onde o professor faz os primeiros movimentos e quem rege são os diretores que usufruem dos benefícios desta”***.

A professora E é formada em Letras e é especialista em Metodologia do Ensino Superior. Leciona na escola há treze anos e meio. Atualmente ministra a disciplina de Língua Portuguesa, mas já lecionou as disciplinas de Ensino Religioso e Artes por seis meses e Inglês por aproximadamente sete anos. Respondeu que *não abordava, nem aborda atualmente dentro dos conteúdos trabalhados, nas disciplinas ministradas, a temática africanista prevista na Lei 10.639/03* justificando que: ***“A Lei 10.639/03 prevê, mas os órgãos responsáveis pela promoção da educação não dá suporte aos docentes. Além disso, nunca estudei a história africana. Não tenho, portanto, conhecimento do assunto”*** Disse que *não tem conhecimento sobre as leis 10.639/03 e 11.645/08, mas concorda com o que elas regem*, justificando que: ***“A cultura africana é riquíssima. Não é justo nem com os africanos, nem com a humanidade que ela não seja difundida e valorizada como as demais culturas, especialmente como a européia”***. Sobre ter presenciado alguma situação de racismo a mesma respondeu que: ***“algumas “piadinhas” sempre surgem. Isso demonstra que há um racismo encoberto, disfarçado”***. Disse que *tal temática não está inserida em seu Plano de Curso*. Com relação ao que entende por racismo a mesma descreveu que: ***“Desrespeito ao próximo”***. Inquirida sobre o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas a mesma respondeu que: ***“Uma necessidade esquecida imposta por uma cultura dominante que, aos poucos, pretende-se e deve-se corrigir”***. Relatou que *sente dificuldades em trabalhar a temática africanista na escola* justificando que: ***“Sinto-me despreparada. Preciso estudá-la primeiro e, assim, inseri-la gradativamente às atividades diárias”***.

A professora G leciona a disciplina de História há cinco meses na escola e foi contratada como professora substituta. Disse *abordar atualmente dentro dos conteúdos de sua disciplina a temática africanista, prevista na Lei 10.639/03* não se atentando à próxima pergunta que questionava se nas disciplinas ministradas anteriormente trabalhava a temática africanista (devendo explicar o motivo pelo qual não abordava a temática africanista apenas se sua resposta fosse negativa), respondeu que abordava a temática africanista e justificou

que: ***“Pela importância da presença africana no Brasil, que (deram origem) [a] miscigenação originou o povo brasileiro”***. Disse que ***não tinha conhecimento sobre as leis 10.639/03 e 11.645/08*** e, portanto ***não respondeu se concorda ou não com as mesmas***. Disse que ***presenciou situação de racismo “em brincadeiras e piadas”***. Questionada sobre o modo como aborda a temática africanista dentro da disciplina de História a mesma respondeu que: ***“Através da abordagem sobre a história dos escravos no Brasil, não chamá de negro e sim de africano. Os descendentes hoje são chamados de afro-brasileiros. Divulgação da cultura africana, religião e demais aspectos que envolvam os africanos”***. Disse que ***a temática africanista está inserida em seu Plano de Curso***. Questionada sobre o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial a mesma respondeu que: ***“Estigmatizar, diminuir, excluir, [chingar] (sic) e demais comportamentos que diminuam ou depreciem os africanos ou qualquer outro povo”***. Sobre o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas a mesma respondeu que: ***“Não funciona direito, pois falta material, os livros não abordam a temática e os professores precisam de um maior preparo e divulgação sobre o assunto”***. Quando questionada se sente dificuldades em trabalhar a temática africanista nessa escola a mesma respondeu que: ***“Sim, falta espaço e material para eventos. Em sala de aula a dificuldade é a abordagem dos livros que não trabalham o tema”***.

O quadro montado abaixo ajudará a visualizar algumas das respostas dadas pelos professores e ajudará também nas discussões dessas respostas:

Tabela 15: Quadro com as principais respostas do questionário aplicado aos docentes.

DOCENTES							
	A	B	C	D	E	F	G
Aborda a temática africanista	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM
Abordava a temática africanista	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM
Conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	SIM	NÃO
Concorda com tais leis	SIM	XXXXX	SIM	XXXXX	SIM	SIM	XXXXX
Presenciou situação de racismo nessa escola	SIM	NÃO	NÃO	NÃO*	SIM	SIM	SIM
A temática africanista está presente em seu Plano de Curso	XXXXX	NÃO	XXXXX	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
Sente dificuldades em trabalhar a temática africanista	SIM	NÃO	NÃO	XXXXX	SIM	SIM	SIM

Fonte: Questionário (docente).

Quatro professores (**A**, **C**, **E**, **G**) disseram abordar atualmente, nos conteúdos das disciplinas que ministram, a temática africanista e responderam que abordavam tal temática nas disciplinas ministradas anteriormente. Dos professores que abordam e abordavam a temática, três disseram concordar com o que regem as leis e apenas a professora **G** não respondeu ao questionamento.

Três professores (**B**, **D**, **F**) responderam não abordarem nem terem abordado anteriormente tal temática.

Três professores (**B**, **D**, **G**) não responderam se concordam com o que regem as leis, visto que também disseram não ter conhecimento das mesmas.

A Professora **G**, apesar de responder que aborda e tem abordado em outras ocasiões a temática africanista não respondeu se concorda com o que regem as leis visto que respondeu que não as conhece. Ou seja, aborda o conteúdo, mas desconhece o que realmente se pretende com essa abordagem. Na verdade, ela aborda por se tratar do conteúdo da disciplina que ministra que é História, mas desconhece o que está previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e sendo assim, a abordagem dada à temática pode não contemplar o que realmente deveria num currículo multiculturalista, que é provocar reflexão. Chamou a atenção o modo como a mesma respondeu abordar a temática africanista dentro da disciplina de História: “[...], **não chamá-lo de negro e sim de africano [...]**.”

Nesse ponto a professora não explica exatamente em que momento não deve chamar (alguém) de negro, mostrando-se equivocada quanto ao uso atual da palavra negro, que no Brasil que, conforme Gomes (2006, p. 128),

A partir da constituição do movimento negro no século XX, e de seu fortalecimento e unificação a partir da década de 80, os termos preto e negro passam a ser valorizados, ressignificados. [...] passam a ser tomados por muitos negros com um sentido positivo, com o objetivo de resgatar a auto-estima de seu grupo.

A professora **G** respondeu que a temática está presente em seu Plano de Curso, mas conforme supervisão pedagógica a referida professora não entregou Plano Anual (2009). A professora **E** disse não ter abordado nem abordar a temática mesmo conhecendo as leis e concordando com o que regem as mesmas. Porém, demonstra não ter conhecimento da alteração dada pela lei 11.645/2008, que acrescenta que as escolas também devem atribuir valor à História e Cultura Indígena. Pela fala da professora fica explícito que a mesma conhece apenas o texto da lei 10.639/03 porque menciona a falta de domínio sobre a história dos povos africanos: **“Além disso, nunca estudei a história africana. Não tenho, portanto, conhecimento do assunto”**.

É uma realidade presente entre os docentes no país. Nem todos os professores que estão atuando em sala de aula atualmente, como pode ser percebido nas respostas da professora **G**, que ministra a disciplina de História, receberam formação suficiente no que se refere à temática da diversidade étnico-racial, mas isso não pode justificar o fato da escola não cumprir o que regem as leis e deixar de inserir em seu Currículo, que deve ser multiculturalista, a temática a respeito das questões excludentes, preconceituosas e discriminatórias na sociedade brasileira. É função da escola cobrar que as leis sejam cumpridas. É função da escola dar formação e informação aos docentes.

Com relação à questão que buscava saber se os professores tinham presenciado alguma situação de racismo na escola, quatro deles responderam que sim, dois professores disseram não ter presenciado e um dos professores (**D**) disse não ter presenciado situação de racismo na escola, mas descreve uma situação: **“Durante a aula, algumas vezes um aluno chama o outro de “preto”**”.

O professor (**D**) não explicou, no questionário, em que situação presenciou que determinado(s) aluno(s) foi (foram) chamado(s) de preto(s) por outro, mas cabe aqui um questionamento: Será que em momento de “brincadeira”, algum aluno é chamado de **“branco”** por outro? Considerando que o professor percebeu tal fala durante a aula, entende-se que a situação envolvia aprendizado ou dificuldade no aprendizado. Então, pode-se fazer aqui algumas suposições: Pode ser que o aluno chamado pelo outro aluno de **“preto”** se encontrava numa situação de não estar entendendo o conteúdo explicado pelo professor e

assim, o aluno inferiorizou o colega (amigo) de classe utilizando-se para tanto da cor da pele deste. É preciso deixar claro que utilizar-se de estereótipo é praticar o preconceito. Em Sant'Ana pode-se verificar que (2005, p. 56) “o preconceito manifesta-se em brincadeiras ou apelidos alusivos à cor”. Ressalta-se que o professor (**D**) não disse que tal fala pareceu-lhe brincadeira. Porém, é muito comum que os professores ao se depararem com esse tipo de situação, reajam como se ela não fosse algo relevante e identificam-na como brincadeira. Foi possível observar isso na fala da professora (**G**), que disse que presenciou situação de racismo em: **“brincadeiras e piadas”**.

Na maioria das vezes, como acredita-se que tenha ocorrido, os professores recorrem a prática pedagógica do bom senso para solucionar conflitos como esse, mas enquanto os professores continuarem desconsiderando a ideia de que existe racismo no país ou simplesmente que **“brincadeira”** não é racismo, ele estará atuando através da omissão, como mantenedor e difusor do preconceito racial entre alunos.

Essa mesma interpretação sobre a manutenção e reforço do racismo através da prática do silenciamento faz Nascimento, E. (2003, p. 393):

Para combater o racismo de forma efetiva, é preciso criticar os seus alicerces na hegemonia do etnocentrismo ocidental e na história da dominação patriarcal e colonial. No caso do Brasil, isso significa desvelar as significações racistas da linguagem e dos conteúdos didáticos, bem como nomear as atitudes agressivas contidas em piadinhas, apelidos e incidentes aparentemente ‘sem importância’.

Na fala da professora (**F**), também foi possível observar que a prática da “brincadeira” é freqüente no IFRO - Colorado do Oeste, porém diferentemente das falas dos outros dois professores (**D** e **G**), essa professora complementa que no entender dela: **“algumas “piadinhas” sempre surgem [...] demonstra que há um racismo encoberto, disfarçado”**...

Também cabem aqui outros questionamentos:

- Por que o aluno “se deixou” chamar de preto pelo outro sem criticar ou reclamar essa postura?
- Por que o outro buscou inferiorizar tal aluno?

Para tentar responder a tais questões é necessário ainda fazer algumas observações: tendo em vista que estão numa mesma classe de aula há quase três anos, visto que é comum no IFRO não haver remanejamento de alunos de uma turma para outra, pode-se inferir que existe um relacionamento amigável entre os integrantes da turma. Se existe, então, entre os alunos essa relação de amizade, esse tipo de comportamento desrespeitoso não deveria ocorrer e, se porventura viesse a ocorrer, o aluno inferiorizado teria liberdade o suficiente para argumentar sobre a atitude tomada pelo colega, o que no caso mencionado pelo professor (**D**) não aconteceu. Para tentar compreender, então, o que provavelmente aconteceu na turma recorre-se à ideia de Nascimento (2003, p. 228) que possibilita duas respostas ao questionamento acima. Uma delas diz que esse indivíduo (aluno) acredita na suposta inferioridade ontológica que a sociedade (o outro – o colega) atribui a ele e a outra possibilidade é o fato desse aluno recusar tal atribuição, revelando a convicção contrária, projetando a igualdade em contraposição ao discurso racista e recusando dessa forma a inferioridade a si atribuída.

Com relação à questão que buscava conhecer se a temática africanista estava inserida nos Planos de Cursos dos professores pesquisados (que foram sete), quatro professores afirmaram que a temática africanista não está inserida em seus Planos de Cursos, dois professores não responderam a essa pergunta e apenas uma professora relatou que a temática africanista está inserida em seu Plano de Curso, porém consultando a supervisão pedagógica a

respeito desse documento, a mesma informou que tal professora não entregou o Plano Anual referente ao exercício de 2009.

No que se refere ao trabalho com a temática, ocorreu da Professora A, de Literatura, afirmar que o assunto era trabalhado com os alunos e esses não confirmaram tal informação. Pode-se verificar esse dado relendo o questionário da referida professora e confrontá-lo com os dados da Tabela 11, obtidos através dos questionários dos discentes. É importante ressaltar que a professora não respondeu se a temática estava inserida em seu Plano de Aula, mas que conhecendo e reconhecendo o brilhante trabalho desenvolvido pela profissional mencionada, o que se pode inferir é que de algum modo, infelizmente, os discentes não se atentaram para os conteúdos da temática africanista que ela tenha trabalhado com eles.

Não foi encontrado no Plano Anual da referida professora nenhuma proposta de leitura de **lenda africana** conforme a mesma menciona no questionário, mas pôde-se encontrar no Plano Anual (Anexo) o trabalho com algumas obras de autores negros e ainda com romances, como por exemplo, **Negrinha** de Monteiro Lobato.

Quatro professores responderam sentirem dificuldades em trabalhar a temática africanista na escola e o motivo dessa dificuldade variou entre falta de material, espaço e despreparado das mesmas.

A professora A: ***“por falta de material e de orientações na abordagem do assunto”.***

A professora E: ***“Sim, pois não há abertura para que o tema ser humano seja colocado como importante dentro do ambiente escolar o aluno é mera peça de uma engrenagem onde o professor faz os primeiros movimentos e que rege são os diretores que usufruem dos benefícios desta”.***

A professora E: ***“Sinto-me despreparada. Preciso estudá-la primeiro e, assim, inseri-la gradativamente às atividades diárias”.***

A professora G: ***“Sim, falta espaço e material para eventos. Em sala de aula a dificuldade é a abordagem dos livros que não trabalham o tema”.***

Dois professores disseram não sentir dificuldades e o professor (D) não respondeu a essa pergunta, visto que já havia respondido não trabalhar a temática.

5.3 Análise e Interpretação dos Questionários Aplicados aos Servidores do Quadro Pedagógico

A servidora A foi convidada a responder ao questionário cerca de trinta dias após ter tomado posse na escola e levou cerca de três meses para responder ao questionário aplicado. De acordo com relato feito oralmente pela referida servidora, a demora para entregar tal documento ocorreu em virtude da mesma estar fazendo o trabalho de coleta de dados para só então devolver o questionário respondido adequadamente. Questionada se cobra dos professores que abordem dentro de seus conteúdos a temática africanista, previstas nas leis 10.639/03 e 11.645/08 a mesma respondeu que **não**. Inquirida se nos conteúdos ministrados nas disciplinas ofertadas no IFRO está contida a temática africanista a mesma também respondeu que **não** e justificou que: ***“Acredito que a maioria dos professores não sabem da obrigatoriedade, ou não sabem como inserir ao conteúdo, ou ainda não consideram o tema relevante”.*** Questionada sobre o modo como o setor onde trabalha observa se as leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas, a mesma respondeu que: ***“Não presenciei ações ou intervenções sobre o assunto até o momento”.*** Inquirida se conhecia as leis 10.639/03 e 11.645/08 a mesma respondeu que **sim**. No questionário aplicado, a sétima questão solicitava que explicasse o que pensava sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas e assim a servidora respondeu: ***“Penso que a educação para a diversidade procura estabelecer valores como o respeito e reconhecimento, que nesse país em outros***

rebaixaram o índio e o negro a nível desigual de oportunidades do decorrer da história a dias atuais. Penso ainda que não é fácil transformar uma cultura de rejeição, discriminação e diminuição, contudo se houver intencionalidade comprometida a transformação acontece. Quando questionada se sente que os professores têm dificuldades em trabalhar a temática africanista a mesma responde que: *“Vejo que as dificuldades nesta instituição e nas outras não são diferentes, apesar de suas peculiaridades. Os professores ao longo de sua formação dificilmente receberam elementos suficientes para lidar com a questão da diversidade e da discriminação que delas resultam, outra dificuldade pode ser a falta de orientação e acompanhamento da equipe pedagógica e falta de interesse do professor com o social”.* Questionada se concorda com o que regem as leis 10.639/03 e 11.645/08 a mesma responde que sim e ressalta que: *“Como os professores também são uma herança da realidade social ao longo da história, concordo com a regulamentação dessas leis, porque elas reconhecem a contribuição dos negros e índios na história, cultura, economia, política, etc., visto que se fosse deixar a cargo de um despertar coletivo da sociedade, ninguém sabe quando poderia acontecer”.* Questionada se dentro do IFRO presenciou alguma situação de racismo a mesma respondeu que: *“Sim, alguns alunos durante a aula fizeram piadas a respeito da cor de um aluno. Não garanto que queriam rebaixar o garoto, mas a brincadeira tinha cunho racista”.* Quando questionada se a temática africanista está inserida em todos os Planos Anuais (plano de curso) das disciplinas ministradas no IFRO a mesma responde que não e justifica que: *“Não como objetivos a serem alcançados, mas nos planos de História, Literatura e Desenvolvimento Interpessoal é possível perceber que o tema é abordado”.* Quando perguntada sobre o que a escola tem feito para corrigir (cumprir o que regem as leis) ou o que ela (a escola) deveria estar fazendo a mesma responde que: *“O trabalho da [...] é principalmente orientar e acompanhar a qualidade do ensino e aprendizagem, por isso deve fazer orientações sobre planejamento, currículo e avaliação logo no início do ano letivo. E durante o desenvolvimento do processo poderiam ser feitos estudos com grupo de professores a fim de avaliar o que se fez e o que pode ser melhorado com esclarecimentos dos PCNs, legislação e troca de experiências”.* Inquirida sobre o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial a mesma responde que: *“Racismo: pessoas que acham que uma raça é superior a outra. Preconceito racial: não gostar, falar mal, diminuir, rebaixar pessoas em detrimento a características físicas como cor, cabelo, etc. Discriminação racial: devido a diferenças na raça, ter conceitos determinados que inferiorizam as pessoas dessa raça”.* Perguntado ainda se tem conhecimento se todos os professores entregaram os Planos anuais referentes às disciplinas que estavam ministrando a mesma respondeu que não e justificou que: *“Presumo que estes resistem à obrigatoriedade”.*

O servidor B trabalha na escola há 14 anos e está há três anos atuando em uma das coordenações da Instituição. Está terminando o nível superior. Relatou que não fiscaliza que seja inserido no Currículo da Instituição os conteúdos de temática africanista prevista nas leis 10.639/03 e 11.645/08. Questionado sobre as disciplinas que abordam a temática africanista o mesmo respondeu que em nenhuma. Disse não conhecer tais leis e na questão sétima que questiona se concorda com o que regem as leis o mesmo respondeu que não. Também respondeu que não presenciou nenhuma situação de racismo na escola. Inquirido se fiscaliza ou cobra que seja abordada a temática africanista dentro das disciplinas ministradas no IFRO o mesmo respondeu que: *“Neste campus não se trabalha a temática africanista dentro das disciplinas, mas acho que conhecendo a legislação que aborda esse tema poderá vir a ser implementado o tema dentro de algumas disciplinas”.* Questionado se a temática africanista está inserida no Currículo Oficial do IFRO o mesmo respondeu que não. Quanto ao que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial o mesmo respondeu que: *“Para mim o principal é a exclusão social”.* Inquirido sobre o que pensa sobre a

educação para a diversidade étnica racial nas escolas o mesmo respondeu que: ***“Não tenho muito a pensar uma vez que não se trabalha com essa diversidade, mas acho que as instituições devem rever seus conceitos e cobrar que seja trabalhado cada vez mais de toda a parte docente e também dos servidores e definitivamente incluir esse tema no contexto das escolas”***. Questionado se sente dificuldades em cobrar dos educadores o trabalho com a temática africanista nessa Instituição o mesmo respondeu que: ***“Sinto porque não tenho conhecimento da legislação”***. Inquirido se o Governo fiscaliza se as leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas no IFRO, o mesmo respondeu que: ***“O que tenho conhecimento no IFRO ainda não se cobra”***.

A servidora **C** não quis se identificar e disse trabalhar na escola há dois anos e dois meses. Também não identificou o setor onde está lotada. Questionada se cobra dos professores que esses abordem, dentro dos conteúdos de suas disciplinas, a temática africanista, previstas nas leis 10.639/03 e 11.645/08, a mesma respondeu que ***não*** e mesmo não sendo necessário explicar o motivo pelo qual não faz tal cobrança a mesma justificou que: ***“Não chega ser uma cobrança, mas a escola disponibilizou uma cópia das Leis para cada professor e esclareceu sobre as exigências quanto à temática”***. Questionada se a temática africanista estava contida nos conteúdos ministrados nas disciplinas que o IFRO oferta a mesma respondeu que ***não*** e justificou que: ***“Não consta nos conteúdos programados, mas está sendo trabalhada essa temática em algumas disciplinas como em Literatura, Português, Inglês e Geografia”***. Questionada sobre a forma como o setor onde trabalha observa se as leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas, a mesma respondeu que: ***“Nos trabalhos apresentados pelos alunos, nos cartazes expostos nos murais e nas discussões em reunião pedagógica”***. Questionada se conhece tais leis a mesma respondeu que ***sim***. Questionada sobre o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas a mesma relatou que: ***“As escolas trabalham muito pouco esse tema com os alunos. Na minha opinião, deve ser feito um trabalho de conscientização com objetivo de mudar o comportamento das pessoas em relação a essa temática. Os próprios órgãos competentes deveriam disponibilizar materiais escritos, na internet e etc.*** Inquirida se sente que os professores têm dificuldades de trabalhar a temática africanista nessa instituição, a mesma respondeu que: ***“Sim, e muita. Como já citei acima a falta de materiais disponíveis é um fator gerador dessa dificuldade.”*** Questionada se concorda com o que regem tais leis a mesma respondeu que ***sim*** e justificou que: ***“Eu acredito ser importante a obrigatoriedade, pois leva a sociedade a reconhecer a importância das culturas Afro e Indígena na história, quem sabe essa atitude vem contribuir na conscientização da população”***. Disse não ter presenciado nessa escola nenhuma situação de racismo quando questionada se a temática africanista está inserida em todos os Planos Anuais das disciplinas ministradas na instituição a mesma respondeu que ***não*** e justificou que: ***“Não consta em nenhum plano anual, mas são vários professores que trabalham essa temática como já expliquei na questão anterior”***. Questionada sobre o que a escola tem feito para corrigir essa falha, ou seja, fazer cumprir o que regem as leis 10.639/03 e 11.645/08 a mesma respondeu que: ***“A escola está se preparando para incluir essa temática nos novos planos anuais que serão elaborados para o ano de 2010 e também será discutido com os professores a necessidade de se trabalhar a temática africanista no dia a dia”***. Sobre o que entende sobre racismo, preconceito racial e discriminação racial a mesma respondeu que: ***“É um conjunto de opiniões préconcebidas onde a função principal é valorizar as diferenças biológicas entre os seres humanos, onde alguém acredita ser superior ao outro de acordo com sua matriz racial”***. Questionada se todos os professores entregaram os Planos Anuais referentes às disciplinas que estão ministrando no ano de 2009 a mesma respondeu que ***sim***.

Ao servidor **D**, que também trabalha em um dos cargos de Direção, foi questionado se ele fiscaliza ou cobra que seja inserido no Currículo do IFRO os conteúdos de temática

africanista e o mesmo respondeu que não. Com relação às disciplinas que abordam a temática africanista o mesmo disse não ter conhecimento. Questionado se conhece e concorda com o que regem as leis 10.639/03 e 11.645/08 o mesmo respondeu que não conhece. Questionado se presenciou alguma situação de racismo dentro da escola o mesmo respondeu que não. Questionado sobre o modo como fiscaliza ou cobra que seja abordada a temática africanista dentro das disciplinas ministradas no IFRO, o mesmo respondeu que: ***“Não fiscaliza. Essa função compete ao Departamento de Ensino juntamente com a Supervisão Pedagógica”***. Questionado se a temática africanista está inserida no Currículo Oficial do IFRO o mesmo respondeu que não. Questionado sobre o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial o mesmo respondeu que: ***“são formas de agir, atitudes praticadas que promovem o desrespeito, excluem e marginalizam as pessoas”***. Inquirido sobre o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas o mesmo responde que: ***“Considero importante pela promoção do conhecimento sobre o tema e formação educacional das pessoas, para adoção de atitudes inclusivas para com os homens”***. Questionado se sente dificuldades em cobrar dos educadores o trabalho com a temática africanista nessa Instituição, o mesmo responde que: ***“Não vejo esta atividade-competência à Supervisão Pedagógica esta atividade”***. Inquirido sobre a forma como o Governo fiscaliza se as leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas no IFRO – campus Colorado do Oeste, o mesmo respondeu que: ***“Não realizam tais fiscalização”***.

O servidor E trabalha na escola há treze anos e atualmente é responsável por uma das coordenações da escola. Sua formação acadêmica é de nível superior e disse que cobra que seja inserido no Currículo da instituição os conteúdos de temática africanista. Respondeu também que das disciplinas ministradas no IFRO, a maioria abordam tal temática e justificou que: ***“A disciplina que leciono é [...]. Sabemos que essa técnica nasceu no Egito, que se localiza no nordeste da África”***. Disse conhecer e concordar com o que regem as leis e justificou que: ***“Porque a história da cultura afrobrasileira passa a ter uma importância reconhecida, tornando-se obrigatória no ensino brasileiro como forma não apenas de dar o seu real valor como também uma indenização por todos esses anos e sofrimentos e discriminação desse povo. Respondeu que não presenciou nenhuma situação de racismo na escola e questionado se fiscaliza que seja abordada a temática africanista dentro das disciplinas ministradas no IFRO, o mesmo respondeu que: “que ela seja inserida no cotidiano de nossa instituição não apenas como disciplina ministrada no dia-dia, mas principalmente evitando atitudes e ações diárias que indiquem racismo e discriminação”. Respondeu que a temática africanista está inserida no Currículo Oficial do IFRO quando questionado sobre o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial respondeu que: “Preconceito racial: sempre existiu e existirá no Brasil, e pode ser observado na linguagem, vestuário, pela cor, pelo simples olhar e pela posição social. Racismo: apesar de vivermos hoje na era da modernidade, infelizmente ainda é comum encontrarmos ou depararmos com o racismo no Brasil; porque não dizemos no mundo. Um simples olhar pode caracterizar racismo. Discriminação racial: ela continua até hoje um dos maiores problemas de direitos humanos no mundo atual. Há pouco tempo existiu o apartheid na África do Sul, que foi extinto em 1994. Hoje, no Brasil, vamos encontrar discriminação racial, onde em algumas instituições você não encontra o negro trabalhando. Na nossa própria instituição faça um levantamento e veja quantos % de negros estão presentes no nosso quadro. Muitas vezes no Brasil, o negro é caracterizado como sendo preguiçoso, traficante e bandido nos grandes centros urbanos”*** Para esse servidor, educação para a diversidade étnica racial nas escolas ***“é o começo para uma longa jornada. Precisamos, no entanto prepararmos como docentes para não apenas ministrar o que se tem no livro didático, que por sinal é quase nada; precisamos principalmente nos prepararmos para melhor conhecer e melhor fazermos em prol desse atraso de***

conhecimento e aceitação de processo histórico brasileiro, onde eles tiveram ações decisivas em nossa formação histórica”.Questionado se sente dificuldades de cobrar dos educadores o trabalho com a temática africanista nessa escola, o mesmo responde que: ***“Sim, pois o pré conceito ainda é muito presente no nosso país e muitos ainda não estão em processo de transformação, mesmo sabendo que o Brasil é o resultado do encontro de muitas culturas e civilizações provenientes de vários continentes. Somos um país pluricultural e devemos vê-lo com essa diversidade***”.Inquirido se o Governo fiscaliza se as leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas no IFRO, o mesmo respondeu que: ***“Não existe forma direta de ser fiscalizada a não ser a própria direção do Instituto, pois o Governo Federal enviou material didático, normativa, não apenas para as redes federais, mas também para as estaduais, municipais e particulares”***.

Fazem parte da equipe pedagógica da escola, oito servidores. Todos foram convidados a participarem dessa pesquisa, mas apenas cinco aceitaram tal convite. Um dos servidores não justificou o motivo pelo qual não respondeu ao questionário. E dois servidores justificaram que não tiveram tempo para responder ao questionário aplicado. Ressalta-se, porém, que tais questionários foram aplicados no início do mês de outubro de 2009 e foram por várias vezes solicitados a esses servidores que respondessem aos mesmos. Tal solicitação de devolução (de tais questionários respondidos) aconteceu até o início do mês de fevereiro de 2010, prazo máximo para análise dos mesmos.

A servidora C em algumas respostas demonstra conhecer as leis 10.639/03 e 11.645/08, mas quando questionada sobre o que a escola tem feito para cumprir o que regem as leis 10.639/03 e 11.645/08 a mesma não citou a valorização da História e Cultura Indígena. Citou apenas a valorização da História e Cultura Afro-brasileira.

“A escola está se preparando para incluir essa temática nos novos planos anuais que serão elaborados para o ano de 2010 e também será discutido com os professores a necessidade de se trabalhar a temática africanista no dia a dia”.

É possível perceber também que assim como a servidora C, o servidor E, apesar de demonstrar bastante conhecimento sobre a legislação e de concordar com sua implementação, não se atentou que as leis não são apenas para o ensino da história da África e dos africanos.

Na fala da servidora C transcrita logo abaixo: pode-se perceber que as iniciativas de se trabalhar a temática africanista no IFRO – Colorado do Oeste ocorrem isoladamente e são bastante raras. Deixando claro que a escola não está trabalhando a valorização da História e da Cultura dos Africanos e seus descendentes.

“Não consta nos conteúdos programados, mas está sendo trabalhada essa temática em algumas disciplinas como em Literatura, Português, Inglês e Geografia”.

É possível perceber que as respostas dadas à pergunta se todos os professores entregaram os Planos Anuais as respostas das servidoras A e C, que desenvolvem seus trabalhos no mesmo setor pedagógico da escola, se divergem. Uma responde que sim, C e a outra que não, A.

6 CONCLUSÕES

Nos seis capítulos anteriores, buscou-se apresentar um quadro geral para que fosse possível o entendimento das necessárias intervenções do governo no âmbito das relações étnico-raciais no país.

Porém, é através do quinto capítulo, que trata dos Resultados e Discussões, que será possível apresentar aqui como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Colorado do Oeste tem trabalhado, de fato, com as questões étnico-raciais no âmbito da Lei 10.639/2003, que foi o objetivo principal desse trabalho.

Essa pesquisa pôde verificar muitas falhas, que serão elencadas abaixo, no que se refere ao cumprimento da Lei 10.639/03 tanto pelo IFRO – Campus Colorado do Oeste quanto pelo Governo Federal.

- Foi observado que nem todas as disciplinas trabalhavam a temática africanista, nem mesmo aquelas que são obrigadas por lei, como é o caso da Educação Artística;
- A pesquisa aplicada no *Campus Colorado do Oeste* mostrou que nem todos os professores pesquisados conheciam o texto da Lei 10.639/03 e também que alguns não concordavam com ela.
- Alguns servidores pertencentes aos cargos de direção da escola também responderam não fiscalizar e nem cobrar a implantação de tal lei 10.639/03, uma vez que desconhecem a mesma;
- Esse estudo deixou claro também que alguns professores formados à partir do ano de 2003, ano em que a mencionada lei foi sancionada, não tiveram na graduação o estudo da temática africanista. Essa informação revela que o Governo necessita cobrar mais das Instituições que formam novas turmas o ensino de tal temática e deve investir na capacitação dos docentes na área de História e Cultura Afro-Brasileira;
- Os dados obtidos demonstraram que a escola não tem fiscalizado nem cobrado qualquer tipo de inserção temática em seu Currículo, visto que alguns professores sequer entregaram seus planos de aula e nada havia sido feito para regularizar tal situação;
- As informações, inseridas em documento oficial da escola (Projeto Pedagógico – contidas na Tabela 2 desse trabalho), relativas à cor/raça dos alunos matriculados na Instituição pesquisada não conferem com os dados fornecidos pelo Mec/Inep/SRE – Tabela 1. Isso é preocupante visto que os profissionais responsáveis pela confecção de tal documento, provavelmente, não tinham conhecimento teórico para elaborá-lo;
- A pesquisa ainda nos permite afirmar que os alunos percebem que as brincadeiras e as piadas feitas com e sobre os afrodescendentes dentro do ambiente escolar são demonstrações claras da existência do racismo na escola. Por outro lado, também foi possível verificar que mesmo reconhecendo nas piadas e brincadeiras um fundo de racismo, os alunos e professores nada fazem para tentar mudar o quadro de desrespeito instalado no ambiente que deve servir para um constante questionamento;
- Infelizmente, os alunos pesquisados não souberam diferenciar racismo de discriminação racial e preconceito racial. Isso demonstra claramente que há a necessidade de se trabalhar mais sobre tais conceitos dentro do Instituto;

- É possível, então, afirmar com base nos documentos oficiais analisados que a escola não valoriza a temática africanista, visto que através da análise do PDI e em seu Currículo e ainda no Projeto Pedagógico Institucional não constam nenhuma ação que se preocupe realmente em propiciar o acesso e a permanência de alunos negros no ambiente escolar. Também não existe no IFRO *Campus* Colorado do Oeste núcleo destinado a acompanhamento, estudo e desenvolvimento da Educação das Relações Étnico-raciais e Políticas de Ações Afirmativas conforme prevê o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-brasileira e Africana.
- Não foi comprovado nessa pesquisa trabalhos que fossem capazes de levar a uma apropriação de caráter multiculturalista no referido *campus*. Prova disso pode ser verificada na questão de número 15, do questionário dos discentes.
- E por fim, pode-se afirmar que o IFRO *Campus* Colorado do Oeste não promove a discussão da Lei 10.639/2003 com intuito de recuperar os saberes africanos marginalizados pela cultura oficial e erradicar o preconceito e a discriminação racial.

Diante das falhas apresentadas acima, deve-se ter em mente que é preciso, urgentemente, focar num trabalho de construção conjunta, envolvendo, efetivamente, através de atividades e projetos que atendam à demanda criada a partir da lei 10.639/03, vários setores e ou departamentos da escola, tais como: Setor de Orientação Educacional, Supervisão Escolar, Coordenadores e Chefes de Departamentos, Direção Geral, Professores e Alunos visando sempre com esse trabalho coletivo maior inclusão étnico-racial.

Esse trabalho indica que é especialmente necessária a implementação da valorização das múltiplas identidades dos alunos do IFRO – *Campus* Colorado do Oeste e que tal valorização só será possível através da implantação de um Currículo Escolar que seja capaz de responder às especificidades individuais de cada aluno.

A escola brasileira tem excluído, propositalmente, a contribuição dos povos africanos e afrodescendentes e, também das etnias indígenas à formação da sociedade nacional. O Brasil é uma nação etnicamente **plural** e, em decorrência, deve oferecer uma educação multicultural (CARNEIRO, 2010, p. 200) [grifo do autor].

Ressalta-se ainda, nessa pesquisa, a importância do Instituto para o desenvolvimento tanto social quanto étnico-racial do município de Colorado do Oeste, uma vez que os dados referentes ao Censo do IBGE mostraram em 2000, um índice de 46,12% de afrodescendentes.

Salienta-se que decorreram sete anos após o sancionar da Lei 10.639/03, mas que ainda é preciso inserir no Currículo a temática africanista e que à implementação da política de implantação concreta da Lei 10.639, de 2003 não cabe mais impasses e ainda que a busca de soluções para a sua real implantação a partir de então já será tardia.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de.; FILHO, Walter F. **O movimento negro no Brasil contemporâneo**. Uma história do negro no Brasil. Capítulo XI, Centro de Estudos Afro-Orientais. Salvador: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 279-307.

ALCÂNTARA, Alex S. Escravos letrados. **Revista Língua Portuguesa**. Ed. Segmento. 1.º jul.2008. p. 25. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12492>>. Acesso em: 27 set. 2009.

BENEDITO, Vera Lúcia. Universidade plural, país de cidadãos: ações afirmativas desafiando paradigmas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. In: LOPES, Maria Auxiliadora; BRAGA, Maria Lúcia de S. (Org.). **Acesso e permanência da população negra no ensino superior**. Coleção Educação para Todos. Brasília: [S. ed.], 2007. p. 113-141.

BÍBLIA. Gênesis, O pacto que Deus fez com Noé. 9, 18-29. Português. **Bíblia sagrada contendo o velho e o novo testamento**. Edição rev. e cor. por João Ferreira de Almeida. Brasília DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995. p. 9.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 30 jan. 2010.

BRASIL. Decreto n.º 981, de 8 de novembro de 1890. Approva o Regulamento da Instrução Primaria e Secundaria do Districto Federal. **Publicado na Coleção de Leis do Brasil (CLBR) de 1890**, p. 3.474, fasc. XI (publicação original). Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-981-8-novembro-1890-515376-norma-pe.html>>. Acesso em: 16 fev. 2010.

BRASIL. Decreto n.º 7.566, de 23 de setembro de 1909. Crêa nas capitais dos Estados da Republica Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primario e gratuito. **Publicado na CLBR de 1909**. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=42095>>. Acesso em: 16 fev. 2010.

BRASIL. Decreto n.º 5.493, de 18 de julho de 2005. Regulamenta o disposto na Lei n.º 11.096, de 13 de janeiro de 2005. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 jul. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Decreto/D5493.htm>. Acesso em: 16 fev. 2010.

BRASIL. Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ, CLBR de 1940. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del2848.htm>. Acesso em: 1.º jan. 2010.

BRASIL. Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 27 dez.1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em: 16 fev. 2010.

BRASIL. Lei n.º 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 6 jan. 1989. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7716.htm>. Acesso em: 30 jan. 2010.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 30 jan. 2010.

BRASIL. Lei n.º 9.459, de 13 de maio de 1997. Altera os arts. 1º e 20 da Lei n.º 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 14 mai. 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9459.htm>. Acesso em: 1.º jan. 2010.

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 30 jan. 2010.

BRASIL. Lei n.º 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei n.º 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 14 jan. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Lei/L11096.htm>. Acesso em: 16 fev. 2010.

BRASIL. Lei n.º 11.128, de 28 de junho de 2005. Dispõe sobre o Programa Universidade para Todos – PROUNI e altera o inciso I do art. 2.º da Lei n.º 11.096, de 13 de janeiro de 2005. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 29 jun. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/L11128.htm>. Acesso em: 30 jan. 2010.

BRASIL. Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11mar. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>. Acesso em: 30 jan. 2010.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Guia de políticas públicas de juventude**, Brasília: SNJ, 2010. Não paginado.

CANÇADO, Márcia. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas: Unicamp, n. 23, mai/jun. 1994.

CARNEIRO, Moaci A. **LDB fácil**. Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo. 17. ed. atual. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2010.

COTRIM, Gilberto. **História para o ensino médio** – Brasil e geral. Volume único. São Paulo: Saraiva, 2002.

CRUZ, Mariléia dos S. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CUNHA, P. M. C. C. Da senzala à sala de aula: como o negro chegou à escola. In: OLIVEIRA, L. (Coord.) **Relações raciais no Brasil: alguns determinantes**. Niterói: Intertexto/ UFF, 1999.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisa qualitativa**. Educar, n. 24, Curitiba: UFPR, 2004. p. 213-225.

FEE – Fundação de Economia e Estatística – Governo do Rio Grande do Sul. **A política social brasileira: 1930 – 64**. Porto Alegre: FEE, 1983.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. rev. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Jackson. Desta para melhor. In: FIGUEIREDO, Luciano (Org.). **A era da escravidão**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

FLORENTINO, Manolo G. **Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GOMES, Flávio. História e historiografia da escravidão no Brasil: identidades, caminhos e percursos. In: **Educação africanidades Brasil**, 2006, p.113-119.

GOMES, Laurentino. 1808 – Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. Capítulo 20. **A Escravidão**, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007. p. 238-258.

GOMES, Nilma Lino. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 4.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 5 fev. 2010.

_____. Síntese dos Indicadores Sociais 2005. Disponível em: <http://200.130.7.5/spmu/docs/indic_sociais2005_cor.pdf>. Acesso em: 12 fev.2010.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 5 fev. 2010.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**, 2006.

_____. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**, 2008.

KNAUP, Horand; MITTELSTAEDT, Juliane Von. Escassez cria novo colonialismo. **O Estado de São Paulo**. Der Spiegel, Nova York, 23 ago. 2009.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia** – guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1997.

MARTINS, H. **Metodologia qualitativa de pesquisas**. Educação e Pesquisa. São Paulo: v. 30, n. 2, mai./ago. 2004, p. 289-300.

MAZZOTTI, A.; GEWANDSZNAJDER F. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 2004, p. 129-176.

NASCIMENTO, Alexandre. Os cursos pré-vestibulares como prática de ação afirmativa e valorização da diversidade. In: BRAGA, Maria Lúcia de S.; SILVEIRA, Maria Helena V. (Org.). **O programa diversidade na universidade e a construção de uma política educacional anti-racista**. Brasília, Coleção Educação para Todos, 2007. p. 65-88.

NASCIMENTO, Elisa L. **O sortilégio da cor** – identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

ONU – Declaração dos Direitos Humanos. Disponível em: <<http://openlink.br.inter.net/aids/declaracao.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

PNAD, Síntese 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/sintese.pdf>>. Acesso em: 9 fev.2010.

_____. Síntese 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2009/indic_sociais2009.pdf>. Acesso em: 10 fev.2010.

REVISTA Almanaque Brasil. 8 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.almanaquebrasil.com.br/voce-sabia/o-brasil-ja-teve-pena-de-morte-so-para-escravos/>> Acesso em 12 fev.2010.

ROMANELLI, Otaíza de O. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1978.

RIO DE JANEIRO (Estado) Lei n.º 3.708, de 9 de novembro de 2001. Institui cota de até 40% (quarenta por cento) para as populações negra e parda no acesso a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e à Universidade Estadual do Norte Fluminense, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/90840/lei-3708-01-rio-de-janeiro-rj>>. Acesso em: 4 jan. 2010.

ROSA, Renata de M. Por uma política de ação afirmativa na Educação Básica. In: BRAGA, Maria Lúcia de S.; SILVEIRA, Maria Helena V. (Org.). **O programa diversidade na universidade e a construção de uma política educacional anti-racista**. Brasília: Coleção Educação para Todos: 2007. p. 17-24.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**, Brasília: MEC-SECAD, 2005. p. 39-67.

SANTOS, Renato Emerson dos. Por uma educação anti-racista: desafios aos cursos pré-vestibulares populares para negros. In: BRAGA, Maria Lúcia de S.; SILVEIRA, Maria Helena V. (Org.). **O programa diversidade na universidade e a construção de uma política educacional anti-racista**. Brasília: Coleção Educação para Todos, 2007. p. 89-110.

SANTOS, Rosemeire. **A escolarização da população negra entre o final do séc. XIX e o início do séc. XX**, 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/8027/1/a-escolarizacao-da-populacao-negra-entre-o-final-do-sec-xix-e-o-inicio-do-sec-xx/pagina1.html>>. Acesso em: 27 set. 2009.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do movimento negro. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03**. Coleção Educação para Todos, 2005. p. 21-37.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Retrato em branco e negro**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

SILVA, Alberto da C. e. As imagens da África. In: FIGUEIREDO, Luciano (Org.). **A era da escravidão**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009. p. 59-70.

SILVA, Geraldo da; ARAÚJO, Márcia. Da interdição às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros, negros e escolas profissionais, técnicas e tecnologias. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2005. 156 p. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/127122488/9e826f08/Documentos_de_Identidade.html>. Acesso em: 4 jan. 2010.

SOUZA, Ana Lúcia S.; CROSO, Camila. **Igualdade das relações étnico-raciais na escola: possibilidades e desafios para a implementação da Lei 10.639/2003**. São Paulo: Petrópolis: Ação Educativa, Ceafro e Ceert, 2007.

TENÓRIO, Nivaldo C. **O ensino no Brasil: da república velha à reforma Francisco Campos – uma releitura**. 2009. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/092/92tenorio.htm>>. Acesso em: 27 set. 2009.

ZITO, Joel A. **Revista USP**, São Paulo, n. 69, p.75, mar./mai. 2006.

8 ANEXOS

ANEXO I – Memorando 1/2010 para Pesquisadora Institucional

ANEXO II – Correspondência Enviada aos Alunos

ANEXO III – Modelo de Questionário Aplicado aos Alunos

ANEXO IV – Modelo de questionário aplicado aos professores

ANEXO V – Modelo de Questionário Aplicado aos Servidores Técnico-Administrativos

ANEXO VI – Questionário Aplicado aos Alunos

ANEXO VII – Questionário Aplicado aos Professores

ANEXO VIII – Questionário Aplicado aos Servidores Técnico-Administrativos

ANEXO IX – Relatório Estatístico

ANEXO X – Tabela 2 – Dados Disponíveis no Projeto Pedagógico da EAFCO 2007

ANEXO XI – Sistemas de Informações Gerenciais 2008

ANEXO XIII – Planos de Cursos: (Literatura 2009; Língua Portuguesa 2008; Filosofia 2009; Biologia 2008; Biologia 2009; Química 2009)

ANEXO I – MEMORANDO 1/2010 PARA PESQUISADORA INSTITUCIONAL



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
RIO GRANDE DO SUL
Campus Colorado do Oeste

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
MEMO/ST/Nº01/2010/IFRO – Campus Colorado do Oeste

DE: Professora Luciane Aparecida Novais Furtado

PARA: Pesquisadora Institucional

Colorado do Oeste, 12 de fevereiro de 2010.

Prezada senhora, tendo em vista que vossa senhoria responde como Pesquisadora Institucional solicito informações sobre dados estatísticos que foram fornecidos ao MEC/Inep referentes ao quesito cor/raça dos alunos matriculados no ano de 2007 nesta escola.

Outrossim, informo que também questioneei o MEC/Inep sobre a inexistência de pretos e indígenas nos dados encontrados e essa foi a resposta enviada: *“A planilha [...] está correta. Refiz a solicitação e não foram encontrados registros de alunos matriculados no Ensino Médio, na cor/raça preta e indígena, Censo Escolar de 2007.”*

No ano de 2007, além de não constarem alunos auto declarados pretos ou indígenas a maioria deles constam como não declararam sua cor e ao analisar o PPP da Escola encontrei numa planilha dados que não conferem com esses questionados acima. Suponho que os dados do PPP possam ser referentes ao ano de 2006 ou anos anteriores a esse, conforme conversa informal que tivemos na SRE, porém, não tenho certeza disso e a dúvida está no motivo pelo qual a maior parte dos alunos não declararam sua cor.

Segue abaixo dados do quesito cor/raça dos alunos matriculados na escola durante os anos de 2005 e 2008.

Informo ainda que necessito dos dados de 2009 que assim como os anteriormente mencionados estarão em minha dissertação.

Tabela 1: Dados fornecidos pelo MEC/Inep

Quantidade de alunos por raça/etnia	2005	2006	2007	2008	2009
Branca	121	121	15	244	
Preta	27	17	-	36	
Parda	116	151	5	221	
Amarela	7	3	1	12	
Indígena	2	0	-	0	
Não declarada	63	72	332	-	
Total	336	364	353	513	

*Recb. em
12/02/2010
Luciane*

ANEXO II – CORRESPONDÊNCIA ENVIADA AOS ALUNOS



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Campus Colorado do Oeste - Rondônia



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto de Agronomia
Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola

Prezado aluno,

Este questionário faz parte de minha pesquisa sobre a Educação Profissional na qual você está inserido. O objetivo de tal pesquisa é coletar dados que serão utilizados na dissertação intitulada “O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – CAMPUS COLORADO DO OESTE E SEU TRABALHO NAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DA LEI 10.639/2003”.

Você não é obrigado a responder o questionário e os dados fornecidos não serão divulgados se você não permitir. Você não precisa se identificar, mas sua resposta será muito importante para o bom desenvolvimento dessa pesquisa e contribuir com outras pesquisas ou projetos que eventualmente venham a surgir.

Agradeço antecipadamente,

Luciane Aparecida Novais Furtado

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANEXO III – MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

PARTE I:

ALUNO

- 1- Nome:.....
- 2- Sexo: () Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento...../...../.....
- 4- Qual é sua cor/raça?
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
.....
.....
- 6- Qual é sua turma?
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
.....
.....
.....
.....
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
.....
.....
.....
.....
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
.....
.....
.....
.....
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
.....
.....
.....
.....

11- As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

() Sim

() Não

Explique:.....

.....

.....

.....

12- As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

.....

.....

.....

13- Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(os) motivo(s):

.....

.....

.....

14- Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

() todos os dias

() semanalmente

() mensalmente

() não sei

15- Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

.....

.....

.....

.....

16- Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

.....

.....

.....

.....

17- O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

18- () Permito a divulgação dos dados. () Não permito a divulgação dos dados.

ANEXO IV – MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1- Nome:

.....

2- Há quantos anos o(a) senhor(a) leciona no Instituto?

.....

3- Qual/quais disciplina(s) leciona atualmente?

.....

4- O(a) senhor(a) já ministrou outras disciplinas nessa instituição? Qual/Quais?

.....

.....

5- O(A) senhor(a) aborda, dentro dos conteúdos de sua/suas disciplina(s), a temática africanista, prevista na Lei10.639/03?

() Sim

() Não

6- Nas disciplinas ministradas anteriormente o(a) senhor(a) abordava a temática africanista?

() Sim

() Não

Se sua resposta for negativa, explique o motivo:

.....

.....

7- O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?

() Sim

() Não

8- O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?

() Sim

() Não

Explique:

.....

.....

.....

- 9- Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

.....

.....

.....

.....

- 10- Como o(a) senhor(a) aborda a temática africanista dentro da disciplina que ministra?

.....

.....

.....

- 11- A temática africanista está inserida em seu Plano de Curso?

() Sim

() Não

- 12- Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

.....

.....

.....

.....

- 13- Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

.....

.....

.....

.....

.....

14- O(A) senhor(a) sente dificuldades em trabalhar a temática africanista nessa Instituição? Por que?

.....

.....

.....

.....

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

**ANEXO V – MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SERVIDORES
TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS**

CGE/DDE/DG/CGPP/SOE/CGAE/SP

01- Nome:

Função:

02- Há quantos anos o(a) senhor(a) exerce tal função no IFRO?.....

03- Qual a sua formação acadêmica?.....

04- O(A) senhor(a) fiscaliza ou cobra que seja inserido no Currículo da Instituição os conteúdos de temática africanista prevista nas Leis 10.639/03 e 11.645/08?

() Sim

() Não

05- Atualmente em qual das disciplinas ministradas no IFRO abordam a temática africanista?

() em todas

() na maioria

() em nenhuma

() em algumas

() Não tenho conhecimento.....

Se sua resposta foi: na maioria ou em algumas, descreva quais:

.....
.....

06- O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?

() sim

() não

07- O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?

() Sim

() Não

Explique:

.....

.....

.....

.....

08-Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

.....

.....

.....

09-Como o(a) senhor(a) fiscaliza ou cobra que seja abordada a temática africanista dentro das disciplinas ministradas no IFRO?

.....

.....

.....

.....

.....

10-A temática africanista está inserida no Currículo Oficial do IFRO?

() Sim

() Não

11-Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

.....

.....

.....

12-Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

.....

.....

.....

.....

13- O(A) senhor(a) sente dificuldades em cobrar dos educadores o trabalho com a temática africanista nessa Instituição? Por quê?

.....
.....
.....
.....
14-De que forma o Governo fiscaliza se as Leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas no IFRO?

.....
.....
OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

ANEXO VI – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

A

2- Sexo: ☒ Masculino () Feminino

3- Data de Nascimento: 02/10/2002

4- Qual é sua cor/raça? branca

5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:

Eu me considero branca porque minha pele é de cor clara

6- Qual é sua turma? 3ª ano D

7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:

Racismo é uma pessoa discriminada em alguma coisa por sua cor, origem, religião, língua, orientação sexual, etc. Preconceito racial é a ideia de que algumas pessoas são melhores do que outras por causa da sua cor ou raça. Discriminação racial é a prática de tratar alguém de forma diferente por causa da sua cor ou raça.

8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:

não

9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?

Ingles, História, em Inglês foram feitos vários trabalhos e mais interessante foi os dos alunos onde eles fizeram a história da África e da América Latina. Também muita vontade de conhecer mais sobre a África e a América Latina. Também foi muito interessante porque o que eu sou informado não tem nada de legal, só isso, quero pesquisar mais sobre a África.

10- Escreva o que você entende por xenofobia:

medo de

A

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique: *Sim, eu conheci um pouco de que a África tem de lá, conheci um pouco sobre a cultura africana, inclusive que eu já participei de um grupo de capoeira em minha cidade, além da participação em grupo (jovem) e em outras coisas.*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Estou mais informado de mundo, e não uma visão por cima que é o que a mídia impõe.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(os) motivo(s):

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☐ mensalmente

☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Teatros, vídeos em sala.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Sim, as informações que tenho sobre a África são poucas.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Praticamente os costumes, o modo de pensar dos africanos em relação aos outros povos.

18-☐ Permito a divulgação dos dados. ☒ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

B

PARTE I:

ALUNO

- 1- Nome:.....
- 2- Sexo: () Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento:...../...../.....
- 4- Qual é sua cor/raça?
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
.....
.....
.....
- 6- Qual é sua turma?
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
*é uma maneira errada de pensar, visto de outra pessoa
pessoa não se trata assim, visto de outra pessoa
pessoa, eu acho errado, a ser de pessoa
ficar em imagem de ser diferente de al
uma pessoa*
.....
.....
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
*sim, quando chegou tem muitas brincadeira
sobre a cor da pele, mas não quero dizer a
pessoa a parte de falar sobre a cor da pele
uma pessoa de cor diferente*
.....
.....
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
*em História
- a história da África
- a cultura da África
- a música da África*
.....
.....
.....
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
.....
.....
.....

B

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

(x) Sim

() Não

Explique: *pois, além das aulas das culturas das povos, também sobre a cultura africana.*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(os) motivo(s):

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

() todos os dias

() semanalmente

() mensalmente

(x) não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Qualmente são as manifestações que tem na escola, por exemplo, as danças.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Sim, pois eu acho que minha estrutura de conhecimento sobre a cultura africana está adequada.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Eu gostaria de saber sobre a história da cultura africana.

18-() Permito a divulgação dos dados. (x) Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

PARTE I:

- 2- Sexo: (x) Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 09/12/1991
- 4- Qual é sua cor/raça? Pardo
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
Eu não sou branco e nem negro. Pela minha cor eu me defino como Pardo.
- 6- Qual é sua turma? 3ºD
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
Racismo podemos dizer que acontece quando alguém discrimina mas não aceitamos as pessoas por algum motivo, seja religião, raça, cor, et. Preconceito racial ocorre quando julgamos mal, formulamos conceito antecipado sobre pessoas de alguma raça. Discriminação racial acontece quando discriminamos não aceitamos, excluímos, pessoas de qualquer raça.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
Não.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
Inglês, Biologia.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
Quando uma pessoa tem preconceito, aversão, discriminação e outro pens de outros países que os aceitam e consideram a sua raça, e sua origem.

C

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

(X) Sim

() Não

Explique: Pois esclarece, informa e nos abre a mente para tanta realidade, fazemos com que sejamos melhores cidadãos

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Ajudaram na formação e a entender e conhecer e não determinar qualquer tipo de racismo, mesmo tratando da temática africana

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

Acho que nas disciplinas que trabalhamos foram ideais

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

() todos os dias

() semanalmente

() mensalmente

(X) não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Filmes, vídeos - Raramente

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não, pois é muito pouco explorado essa área, e muito pouco esclarecida

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Por que há tanta gente que não se encontra numa unidade boa, pois não entende por que muitas não têm rede e poucos tem muito

18-(X) Permito a divulgação dos dados. () Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

PARTE I:

- 2- Sexo: ☒ Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 01/10/1991
- 4- Qual é sua cor/raça? *Mestiço e Negro*
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
Devido meu pai descendente de portugueses e minha mãe descendente de negros brasileiros.
- 6- Qual é sua turma? *3ª ano D*
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
*Racismo é uma atitude negativa a uma pessoa que não tenha as mesmas características físicas, culturais ou etnológicas que não seja a minha.
 Preconceito racial é uma atitude negativa a uma pessoa que não tenha a mesma cor/raça que eu.
 Discriminação racial é quando você discrimina alguém que não tem as mesmas características físicas, culturais ou etnológicas que eu não tenha.*
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
Sim, principalmente no caso de gente que é branca e não sabe lidar com a diferença, pois há alunos de outras culturas diferentes e com isso há uma certa discriminação cultural, os próprios pais que se manifestam, os próprios alunos negros e os alunos de famílias diferentes, como os meus, geralmente os alunos brancos.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
Ingles e História, principalmente sobre o povo, os mitos, a cultura, a dança, a falta de direitos e a presença negra e a importância da África.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
É a intolerância de exclusão de estrangeiros, de quem não pertence principalmente se pertencente a outra raça e cultura que não seja igual a sua.

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

(x) Sim

() Não

Explique: *Porque de extrema importância para a alma da sociedade e esta mente de que muitas no mundo ainda vive.*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Contribuíram para que eu conhecesse realmente de cerca de 20 povos Africanos, de como eles foram importantes por a história e de como a sua cultura e dificuldades enfrentada ao longo da história.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

Geografia; por se tratar de regiões e culturas diversos de nossa glória brasileira.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

() todos os dias

() semanalmente

() mensalmente

() não sei

(x) Quase Nunca.

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Raramente.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não; pois sinto que ainda há muito para se estudar sobre esta sua cultura.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Sobre seu sistema político na vida dos grandes Monarcas; sobre a história e por que, que a governa (a ele, o sistema) de sua vida para ser a história.

18-(x) Permito a divulgação dos dados. () Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

E

PARTE I:

- 2- Sexo: () Masculino (X) Feminino
- 3- Data de Nascimento: 17 / 09 / 98
- 4- Qual é sua cor/raça? pardo, porém com muitas características da raça negra
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
 meus pais são de cor clara, assim como meus irmãos, eu. Tenho grande facilidade em adquirir com as características herdadas de outras famílias, que não são nativas da raça branca, como a forma do nariz, olhos, cabelo, etc. Assim, não considero-me uma mistura.
- 6- Qual é sua turma? 3ºD
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
 Se refere a um conceito transmitido pela família ou sociedade, sobre as pertencentes a determinada raça, sendo um conceito negativo, influencia as pessoas que se relacionam a tratar as vítimas desse preconceito de modo diferente a discriminando.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
 Não me lembro, pelo contrário aqui como aluno, a presença aproxima meus relacionamentos com todos tipos de culturas independentemente de cor, religião, etc.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
 Em línguas estrangeiras (inglês) e Espanhol, em que foram trabalhados respectivamente trabalhos relacionados a essa temática e um filme que retrata a vida de Camélot e filme nos campos de refugiados.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
 Uma forma de preconceito, de aversão a apenas determinada forma de viver, que não aceita a aproximação com o diferente do seu povo.

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique:

Ajudam a ver o lado do outro, como o homem e, exposta.

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Ajudaram muito, principalmente o filme, porque a gente vê o lado que é inútil para o mundo, vendo que há pessoas que dedicam sua vida a mudar as problemáticas mundiais e outras que vivem na miséria de uma vida boa.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

Filosofia e História, mas não foi abordado porque não foi possível mesmo, por isso não incluímos.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☐ mensalmente

☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Eu posso a notar tais manifestações somente agora durante as aulas.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não, porque a maior parte desse conhecimento adquiri no decorrer de minha vida através de programas, filmes, etc.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Gostaria de conhecer mais sobre sua política para conhecer os conflitos e sobre suas riquezas, materiais e produção agrícola e industrial.

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

PARTE I:

- 2- Sexo: (x) Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 16/1/1992
- 4- Qual é sua cor/raça? Branco
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
Me define como branco por causa do meu pai. De ascendência alemã e portuguesa.
- 6- Qual é sua turma? 3ºD
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
Racismo: é aquele que considera apenas a sua cor, pele, cabelo, os olhos e os ouvidos.
Preconceito racial: acreditar que todos as pessoas de uma certa cor, cabelo, olhos e ouvidos.
Discriminação racial: pagar uma pena pelo tipo e não pelo ato.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
Não, nunca vi.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
Geografia - documentário sobre as organizações que atuam em campo de refugiados.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
Aversão a qualquer coisa que não seja do exemplo.

F

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique: *Por ter apresentado um filme de ficção e após um documentário a quem chamou muito a atenção.*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Muito pouco.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

História - pela poucas histórias de povos africanos.

Sociologia - por se tratar de histórias de entropias com o cotidiano.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☐ mensalmente

☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Não me lembro de ter observado qualquer manifestação.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não, pois não tenho informação suficiente.

17-O que você gostaria de saber sobre a história e Cultura Africana e por quê?

Sua conduta, seus costumes, sua alimentação, sua religião, sua língua.

Seus costumes, sua qual.

18- ☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

6

PARTE I:

- 2- Sexo: (X) Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 23 / 09 / 1990
- 4- Qual é sua cor/raça? branca
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
Sou branca, magra, bonita, inteligente, de uma classe social média alta, com uma boa aparência.
- 6- Qual é sua turma? 3º ano D
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
Racismo é a discriminação baseada na cor da pele, origem étnica, cultura, religião, etc. Preconceito racial é a ideia pré-concebida sobre um grupo racial. Discriminação racial é a prática de tratar alguém de forma diferente com base na sua cor ou origem étnica.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
Não, não presenciei nenhuma cena de racismo na escola.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
História: escravidão, resistência e luta.
Geografia: origem, formação e desenvolvimento.
Língua Portuguesa: literatura e cultura.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
Xenofobia é o medo ou aversão a estrangeiros ou pessoas de outras culturas.

6

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique:

Não, de serem a gran de adinamiza dentro do mundo, temos o interesse mas não a qualidade de ensino de como

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

me ajudando mais sobre o mundo e principalmente a história

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

Quero por a disciplina de história por não ter estudado sobre a história da África

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☒ mensalmente

☐ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Não há nenhuma manifestação cultural relacionada à temática africana na escola

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não, pois não sei muito sobre a história e cultura da África

17-O que você gostaria de saber sobre a História e Cultura Africana e por quê?

mais sobre a história e cultura da África

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

4

-

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique: *porque mostra a realidade que vivem os alunos e ajuda a desmistificar que a história as impõem.*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Sim, pois elas ajudam a criar uma visão crítica sobre a história e a cultura das pessoas.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

português, por que temos muito influência da cultura das pessoas também.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☐ mensalmente

☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

com história e cultura e festas culturais realizadas periodicamente.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

não muito, pois as aulas dadas são muito superficiais.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

gostaria de saber um pouco mais sobre a história e porque nós de impoem.

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

I

PARTE I:

- 2- Sexo: ☒ Masculino ☐ Feminino
- 3- Data de Nascimento: 21/11/1992
- 4- Qual é sua cor/raça? Negro
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
Eu considero negro pois me sinto branco. Sinto porque de negro, meu pai também era negro e a minha mãe também. E eu sou filho de mãe e pai negro. Quando digo que sou negro.
- 6- Qual é sua turma? 3ª série D
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
Qualquer tipo de exclusão feita por uma determinada sociedade a um grupo de pessoas ou por uma pessoa com base de sua cor, raça, etnia, cultura, costumes.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
Não, porém há discussões ocasionais entre os alunos sobre a cor e a raça frequentemente.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
Principalmente nenhuma, porém o que me chamou mais atenção foi a disciplina de Geografia e um pouco também de História.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
Xenofobia é a aversão de uma pessoa a outras pessoas de outras regiões, é a aversão ao estrangeiro.

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique: A África é um tema muito interessante, devido sua grande diversidade cultural e por há a origem da humanidade também. Chama a atenção existente naquela região, tão rica culturalmente e tão pobre basicamente.

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Impulsionou a visão da maioria africana, uma visão mais realista da atualidade da política e economia.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

Sociologia, pois em disciplina estudo as costumes dos povos humanos e assim, com a relação entre os humanos e natureza.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☐ mensalmente

☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Seu conhecimento cultural e a frequência e praticamente todos.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Sim, pois estudo um assunto sobre.

17-Que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

As pesquisas que lá existem e o porque daquela história atual.

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

J

PARTE I:

ALUNO

- 1- Nome:
- 2- Sexo: ☒ Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento:/...../.....
- 4- Qual é sua cor/raça? Negra
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
me identifico negra pois tenho a pele escura e cabelos
enrolados, e me orgulho, tenho a minha raça.
- 6- Qual é sua turma? Q
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
racismo é discriminação racial baseada na cor
ou na etnia, colocando em desvantagem pessoas que são
afetadas por essas diferenças, colocando em desvantagem pessoas
de determinada cor ou etnia, colocando em desvantagem
as pessoas que possuem a cor ou etnia considerada inferior
em uma sociedade quando há a discriminação.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
Sim, há quem não gosta de falar com negros ou
com quem tem a pele escura, mas não fala
com quem tem a pele escura.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
Logica, Geografia,
contendo trabalhos sobre a história da África
trabalhando com a história da África e da América
Supremacia racial.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
é uma aversão ou medo de pessoas que não são
da mesma origem, ou seja, de pessoas que não são
da mesma raça, etnia ou cultura.

J

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

- ☒ Sim
☐ Não

Explique: *Quis dizer que as aulas foram interessantes porque elas ensinam a respeito da cultura africana e da história da população negra no Brasil.*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Contribuiu para eu aprender mais a respeito da cultura africana e da história da população negra no Brasil.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

Geografia, História e Arte com o conteúdo social.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

- ☒ todos os dias
☒ semanalmente
☒ mensalmente
☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Tem sido poucas as manifestações de dança e música nas aulas.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Sou capaz de responder algumas questões, mas não sei responder todas as questões ligadas a essa temática.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Gostaria de saber mais sobre a história da população negra no Brasil e a cultura africana.

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

K

- 2- Sexo: () Masculino (X) Feminino
- 3- Data de Nascimento: 09.08.1992
- 4- Qual é sua cor/raça? NEGRA
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
 Vou fazer parte de uma família onde a maioria é negra, por ser filha de negros.
- 6- Qual é sua turma? 3º D
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
 Racismo pode ser definido como um mau de discriminar, tratar mal e sembrar por causa da sua cor. Preconceito racial, não fazer determinadas coisas por ser ou com negros, julgar por causa da cor. Discriminação pode ser dizer o mesmo de preconceito e racismo, discriminar por causa da cor.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
 Não me recordo.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
 Geografia, Documentário referente as organizações que atuam em campos de refugiados.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
 Aversão a qualquer pessoa que não seja xanxoxo.

K

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

(x) Sim

() Não

Explique: *Pode-se concluir a realidade do país africano, doenças, guerras, fome, miséria e cultura.*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Isso com que eu refletisse sobre os valores da vida, as coisas que temos, e que somos e como somos.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

História, para saber das guerras, dos acontecimentos.

Sociologia, com se tratar de outros povos, outra grupo social.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

() todos os dias

() semanalmente

(x) mensalmente

() não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Que eu lembro, não ocorreu nenhuma manifestação.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não muito, por não conhecer a História e Cultura desta África.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Tradições, guerras. Porque acho interessante.

18-(x) Permito a divulgação dos dados. () Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

PARTE I:

ALUNO

- 1- Nome:
- 2- Sexo: ☒ Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 03 / 11 / 1991
- 4- Qual é sua cor/raça? Negra
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
 O racismo é que sou de família negra e tenho orgulho de me preservar assim.
- 6- Qual é sua turma? 3º Ano D
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
 Racismo, preconceito racial e discriminação racial são atos que ocorrem em nosso mundo atual. São atos cometidos por pessoas (racistas) pessoas de uma determinada indústria, pela falta de ser negro, indígena, fêmea, etc. isto ocorre através da discriminação racial.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
 Sim. Pessoas com maior poder no Instituto, acabam a privilegiar mais alunos brancos do que os alunos negros.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
 Inglês, Com a produção de filmes com a musicalidade inglesa, com legendas em português para a mesma.
 Geografia, mostrando a forma e a importância da África.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
 Pessoas que vivem em um determinado lugar em regiões isoladas, discriminadas por ser de uma região diferente.

L

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique: *Sim, pois pude observar mais de perto o mundo em que vivemos, tendo acesso a uma mente muito aberta para a fome, a desigualdade, o racismo entre outros.*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Sim, uma forma permanente de lógica e crítica do mundo.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(os) motivo(s):

Filosofia, pois temos que saber o mundo que gira em nossa volta.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☒ mensalmente

☐ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Sim, pois tive aulas que me possibilitou dispor e me expressar de uma forma mais adequada.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

M

- 112

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique: *Sim, pois pude entender a vida que os negros passaram por aqui.*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Uma forma muito de melhorar a vida dos negros.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(os) motivo(s):

Estudei nos principais.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☐ mensalmente

☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Muitos tipos, nos dias das manifestações, nos dias das festas, nos dias das festas.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Sim, pois estou estudando bastante sobre isso, tanto em sala de aula quanto em casa.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Os que os africanos fizeram e os que os africanos fizeram para a cultura brasileira e os conhecimentos sobre a vida africana.

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

N

PARTE I:

- 2- Sexo: (X) Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento:/...../.....
- 4- Qual é sua cor/raça? Negra
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
Porque meus antepassados (tata, tataros) são
africanos e minha cor também é aproximada
da maioria da minha família.
- 6- Qual é sua turma? 3º D
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
Excluir uma pessoa que está ganhando uma posição
de respeito, excluindo ou criticando outras pessoas pela sua
raça, cor, etc.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
Sim.
Eu sei uma turma de alunos que dá um choro
por ter sua sexualidade diferente.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
Em Inglês, geografia e em Inglês a discriminação
racial na geografia os conteúdos de vida.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
Uma pessoa que não aceita outras pessoas em
uma sala de aula de preconceito.

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

(∞) Sim

() Não

Explicite: É bom saber as diferenças que eles passam, desde a infância, pois podemos trabalhar e lutar para que a sociedade também mude a isso.

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Em sua maior crítica a ~~uma~~ ~~uma~~ discriminação
em sua opinião a ~~uma~~ ~~uma~~ atitude
discriminatória.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(os) motivo(s):

Em Sociologia apuro que sei ser passado
certo. Dito isto:

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

() todos os dias

() todos los días
() semanalmente

() mensalmente

☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não, porque apesar de passarem um algumas aulas mais, foi tão esclarecido em discutido esse assunto.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Os xiquexos ou a lenda prehistórica quebra-tijolo é um poema que passa as mudanças de estação, seja no inverno contribuindo com o sol e o calor para não sentir a falta desse calor.

18-(x) Permito a divulgação dos dados. () Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

0

PARTE I:

- 2- Sexo: (X) Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 12/1/98
- 4- Qual é sua cor/raça? Branco
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
Simplemente pela cor da pele, não por discriminação de um outro país. Eu julgo minha cor pelo cor da minha pele.
- 6- Qual é sua turma? 3º D
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
Racismo é quando uma pessoa sofre alguma agressão tanto física como moral por ter a pele de uma determinada cor ou pelo seu discriminação de índia, branco, negro. Preconceito racial é para mim é quando uma pessoa é excluída ou rejeitada por ter a sua cor ou por ser uma pessoa de uma determinada cor. Discriminação é uma pessoa não em último lugar e no de todo o lado pelo cor.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
Não vi as pessoas chamadas de racismo, porque visamos mais ao dia menor uma pessoa chamar a atenção de "negro", "branco", e fico quando percebo de cor, mas não é uma coisa ruim, que alguém fale para aqueles de outro e falado por brincadeira e a própria pessoa que está sendo gozado aceita.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os seus conteúdos trabalhados?
Sociologia, racismo
História - origem, cultura
Filosofia - Porque existe o racismo, onde surgiu e porque ele hoje não é mais de racismo
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
Pessoa que tem medo de alguma coisa, ou: medo de estranho, medo de algum insulto, de estrangeiro.

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

(x) Sim

() Não

Explique: *Eu aprendi a realidade de povos africanos, que é totalmente diferente daquela que a televisão nos passa.*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Contribuiu muito, a respeito as pessoas, conheço a cultura de outros povos e reconheço a necessidade que eles tem a ser visto de ajuda de outros povos.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(os) motivo(s):

Estudo na língua Portuguesa e já que na África tem alguns povos que falam nessa língua.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

() todos os dias

() semanalmente

() mensalmente

(x) não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Tem surgido com eventos da escola que abordam os assuntos sobre a dança, música, artesanato, artesanato.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Sim, pois na minha escola tenho aprendido muito sobre isso, com os professores, através das aulas, pois tem a necessidade de saber mais sobre a história e cultura africana.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Sobre a que os povos da África de comida e costumes, música e o que eles fazem de arte da comunidade, já que poderia ter ajuda de lá e pensar nos povos que lá vivem, depois de ver os povos usando as aplicações em artesanato, hoje não fazem nada para relembrar sua história.

18-(x) Permito a divulgação dos dados. () Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

P

PARTE I:

- 2- Sexo: ☒ Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 22.1.07.1992
- 4- Qual é sua cor/raça? Branca
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
Porque a sociedade dita os cores e a minha pele é branca.
- 6- Qual é sua turma? 3.º D
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
É toda a tipo de preconceito por cor, tamanho, estatura, altura, etc. isso é preconceito ou racismo e preconceito pela pele, preconceito racial, discriminação racial e pela nacionalidade e discriminação racial é uma pessoa ser discriminado pelo racismo.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
Não.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
Sobre a sociedade, a falta de oportunidade das africanas.
História - a colonização da África.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
Alegria com os estrangeiros.

P

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique: *Porque é um assunto que meche a gente ~~de~~ despertar sobre a realidade*

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Para entender o 'mundo' de outra gente

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

História - pois a continente Africano não é trabalhada com detalhes

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☒ mensalmente

☐ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

não tem surgido na minha opinião

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não pois os assuntos não são explicados

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

A História em geral.

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

a

PARTE I:

- 2- Sexo: (X) Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 25/02/93
- 4- Qual é sua cor/raça? Branco
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
 Não sei qual a cor da minha pele e não sei qual a cor da minha pele também.
- 6- Qual é sua turma? 22
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
 Racismo é quando uma pessoa tem desprezo e ódio por a raça que não seja a sua. Preconceito racial é quando não entende a pessoa por quem ela é. Discriminação é quando há uma distinção feita em relação a uma raça específica.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
 Nada que não passasse de brincadeira entre os alunos mas que ainda sim conseguia um certo racismo.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
 Geografia, História, Sociologia e Inglês. Também fizemos um trabalho final sobre a cultura e costumes da África. Também fizemos uma pesquisa sobre a história da África.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
 É a aversão ou intolerância em relação a pessoas que não são da sua região.

Q

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

(x) Sim

() Não

Explique: *Sim, pois para mim toda informação é útil.*
Temig. além para enriquecimento intelectual.

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

São na conscientização sobre a triste situação
que persiste na continente.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

Acho que foi em todos.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

() todos os dias

() semanalmente

() mensalmente

(x) não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Não me recordo.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não, pois considero que não é a suficiente.
Eu não me preparo.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Nada específica, só sobre a história.

18-(x) Permito a divulgação dos dados. () Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

R

PARTE I:

- 2- Sexo: ☒ Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 23 / 08 / 1991
- 4- Qual é sua cor/raça? BRANCO
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
 Pai: descendente de portugueses e mãe descendente de alemão
- 6- Qual é sua turma? 3º D
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
 Racismo é um preconceito ou seja pré-conceito ou um conceito anterior de uma pessoa assim a pessoa julga a outra por sua cor, raça ou aparência.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
 Não.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
 Língua Portuguesa - Trabalho sobre história, sociedade e cultura na África
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique: POIS ASSIM MOSTRA AS NECESSIDADES QUE MUITAS PESSOAS
TÊM UM POUCO DE CONHECIMENTO DE UMA PESSOA E NÃO A
CONHECEREMOS E AINDA ADRENHAMOS MUITA SABER A LÍNGUA
AFRICANA E SEM NADA BOM NÃO APENAS E LÁVA MISTURAR
QUE A MÚLTA SEMPRE MOSTRA

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

A TRATAR AS PESSOAS COMO UM TODO NÃO IMPORTA PO
SUA NACIONALIDADE, SUA COR E SEU ORIENTAÇÃO ESTATOS

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

HISTÓRIA E GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA POIS SÃO MATÉRIAS
QUE RELACIONAM CULTURA E ESPAÇO E MODO VIVER DE CULTURAS
DIVERSAS

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☐ mensalmente

☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

TRABALHOS, POUCAS VEZES AO ANO

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

NÃO POIS DEVERÍAMOS AMPLIAR MAIS O CONHECIMENTO
NOS NÃO SÓ DA ÁFRICA E SIM TAMBÉM DE VÁRIAS
OUTRAS PARTES DO MUNDO

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

ECONOMIA E ESTATO DE POLÍTICA POIS NÃO ENTENDO
COMO SÃO CRIADOS TANTOS PAÍSES DE FOME EM UM
ÚNICO PAÍS

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

5

PARTE I:

- 2- Sexo: () Masculino (x) Feminino
- 3- Data de Nascimento: 30 / 07 / 1992
- 4- Qual é sua cor/raça? Branca
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
 Não define assim pelo fato da discriminação
 não praticar, porém sei que tenho muita
 misoginias
- 6- Qual é sua turma? 3º ano D
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
 Discriminar, racismo, qualquer forma de
 discriminar, isolar, diferenciar qualquer tipo
 de pessoa, seja pelas suas diferenças ou
 estas qualquer tipo de deficiência ou também
 pela cor.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
 Uma professora me contou da polêmica
 mas sei que ele existe até mesmo em
 brincadeiras entre amigos.
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
 na disciplina de inglês, fazemos um vídeo infor-
 mando as qualidades e a cultura negra em
 nossa país, nós me lembro de uma
 outra disciplina.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
 não entende muito, porém sei que é a xex-
 roa a algo ou alguém.

S

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

(x) Sim

() Não

Explique: *Porque gostei e a criatividade das*
perceções e meus conhecimentos interessantes.

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Ajudou a formar meu conceito sobre o que
é ser racista.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(os) motivo(s):

Por não ter estudado das disciplinas que
foi ministradas e continuei preferindo mais
esportes.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

() todos os dias

() semanalmente

() mensalmente

(x) não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

No movimento de arte, uma abordagem
este ano.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Sim, pois existem muitas coisas ainda
a se conhecer.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

As suas conclusões da cultura me parecendo
de ignorância.

18-(x) Permito a divulgação dos dados. () Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

PARTE I:

- 2- Sexo: (x) Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 23 / 09 / 2002
- 4- Qual é sua cor/raça? Branco
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
 Herdeiro da minha descendência, não sou com certeza
 nenhum tipo de cor branca
- 6- Qual é sua turma? 312
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
 É falta de respeito com pessoas diferentes na
 verdade não todos têm humores e cores
 diferentes e discriminação não é uma palavra
 boa
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
 Não
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
 Em inglês principalmente sobre a
 história da cultura da África e da América
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
 É uma palavra que se refere a atitude de
 ódio ou medo em relação a estrangeiros

T

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique:

Sim, deu uma ideia de como as coisas são diferentes no mundo.

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Sim, me deu uma visão mais ampla de como as coisas são diferentes no mundo.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

História. Pois não estudei história de forma adequada.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☐ mensalmente

☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Não me lembro.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não, pois não estudei história de forma adequada.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Quero saber mais sobre a história e cultura africana que está presente no Brasil.

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

U

PARTE I:

- 2- Sexo: () Masculino ☒ Feminino
- 3- Data de Nascimento: 22 / 11 / 1993
- 4- Qual é sua cor/raça? Branca
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:

Não tenho registros de nenhuma pessoa de outra cor na família.

- 6- Qual é sua turma? 3ºD
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:

Racismo é a aversão a pessoas de outra raça, principalmente a negra.
Preconceito racial é julgar pessoas só pela cor.
Discriminação racial é julgar que pessoas de outra cor não são capazes de fazer certas coisas.

- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:

Não.

- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?

Estudei em história e geografia sobre a escravidão e em inglês sobre as influências africanas no Brasil.

- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:

É a aversão a estrangeiros.

U

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique:

porque são coisas cobradas no vestibular e que mesmo não aprofundadas cabem.

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Ajudaram a saber do racismo causado pela escravidão e que no Brasil existe muito da cultura africana.

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

devo ter estudado mais em história e geografia porque estudamos apenas a escravidão e não a cultura.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☐ mensalmente

☒ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Nunca observei.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não, pois não estudamos essa temática.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Gostaria de saber sobre os principais costumes pois é mais cobrado no vestibular.

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

V

PARTE I:

- 2- Sexo: (X) Masculino () Feminino
- 3- Data de Nascimento: 28/03/1992
- 4- Qual é sua cor/raça? Branca
- 5- Justifique o motivo pelo qual você se define como tal:
 Pelo fato de minha pele apresentar tom claro, meus cabelos serem lisos e longos, e os meus familiares serem de pele clara (branca).
- 6- Qual é sua turma? 3º D
- 7- Explique o que você entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial:
 É uma maneira de julgar outras pessoas, baseando-se em qual pessoa se sente inferior a outra. É racismo, uma maneira que alguém utiliza para se sobrepor a outra pessoa que não se dá a sua chance ou não entende de inteligência e situações.
- 8- Nessa escola você já presenciou alguma cena de racismo? Se for afirmativa sua resposta, descreva-a:
 Sim. Uma maioria das vezes as coisas foram de brincadeira, mas a gente também ouviu coisas como "você é preto", "você é uma pessoa ruim", "você é do tipo 'imprudente'".
- 9- Em quais disciplinas você estudou sobre a temática africana e quais foram os conteúdos trabalhados?
 História e Geografia. Racismo, culturas, migrações, conquistas, tradições, etc.
- 10- Escreva o que você entende por xenofobia:
 Ligado ao medo de outras coisas, outras culturas, outras pessoas.

11-As aulas que trataram da temática africana foram interessantes?

☒ Sim

☐ Não

Explique:

Sim, tratam de uma um quinto próximo, onde se trata com autenticidade, pois mostra por que isso ocorreu, como foi o início, e como se tornou grande potência, e a situação atual, mostrando a situação dinâmica.

12-As aulas que trataram sobre a temática africana contribuíram em que na sua vida e na sua formação?

Sim, pois me fez saber que "somos diferentes mas iguais".

13-Em qual disciplina você pensa que deveria ter estudado sobre a temática africana e não estudou? Explique o(s) motivo(s):

Em História, pois não sei um pouco mais sobre o africano e suas histórias de vida.

14-Com que frequência são disponibilizadas, nos murais da escola, notícias sobre a temática africana?

☐ todos os dias

☐ semanalmente

☒ mensalmente

☐ não sei

15-Que tipos de manifestações culturais relacionadas à temática africana você tem observado na escola? Com que frequência essas manifestações têm surgido?

Manifestações em sala de aula, que mostram a cultura dos participantes.

16-Sabendo que atualmente a maior parte dos vestibulares do país cobram o conhecimento sobre a História e a Cultura Africana, você se sente preparado para responder às questões ligadas a essa temática? Explique:

Não, pois não tenho conhecimento e pouco sobre a cultura africana.

17-O que você gostaria de saber sobre História e Cultura Africana e por quê?

Seria interessante e importante saber sobre a história, a cultura, a situação atual e a importância da cultura africana.

18-☒ Permito a divulgação dos dados. ☐ Não permito a divulgação dos dados.

ANEXO VII – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

A

PROFESSORES

2- Há quantos anos o(a) senhor(a) leciona no Instituto?
Quinze anos

3- Qual/quais disciplina(s) leciona atualmente?
Literatura

4- O(a) senhor(a) já ministrou outras disciplinas nessa instituição? Qual/Quais?
Língua Portuguesa e Comunicação e Linguagem

5- O(A) senhor(a) aborda, dentro dos conteúdos de sua/suas disciplina(s), a temática africanista, prevista na Lei 10.639/03?
☒ Sim
☐ Não

6- Nas disciplinas ministradas anteriormente o(a) senhor(a) abordava a temática africanista?
☒ Sim
☐ Não
Se sua resposta for negativa, explique o motivo:
.....
.....
.....

7- O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?
☒ Sim
☐ Não

8- O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?
☒ Sim
☐ Não
Explique:
Sim, as leis contribuem para ^{uma} mudança de pensamento cultural, já que incluem o estudo da história de povos indígenas e africanos nas escolas, levando à reflexão da diversidade cultural que forma a cultura brasileira.

9- Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:
Sim. Já ouvi um aluno dizer que tal atividade não foi bem feita por ser feita por negro.

Professores

A

10-Como o(a) senhor(a) aborda a temática africanista dentro da disciplina que ministra?

Preparo a leitura de lendas africanas e apresentando autores negros aos estudantes

11-A temática africanista está inserida em seu Plano de Curso?

() Sim

() Não

12-Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

São atitudes que discriminam pessoas consideradas de outras raças.

13-Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

A educação voltada para a diversidade étnica racial valoriza e contribui para o conhecimento de culturas que fazem formação do povo brasileiro como a cultura indígena e a africana.

14-O(A) senhor(a) sente dificuldades em trabalhar a temática africanista nessa Instituição? Por que?

Sim, por falta de material de orientações na abordagem do assunto.

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

PROFESSORES

B

- 2- Há quantos anos o(a) senhor(a) leciona no Instituto?
15 (Quinze)
- 3- Qual/quais disciplina(s) leciona atualmente?
QUÍMICA
- 4- O(a) senhor(a) já ministrou outras disciplinas nessa instituição? Qual/Quais?
Sim: Física, MD
- 5- O(A) senhor(a) aborda, dentro dos conteúdos de sua/suas disciplina(s), a temática africanista, prevista na Lei 10.639/03?
() Sim
(x) Não
- 6- Nas disciplinas ministradas anteriormente o(a) senhor(a) abordava a temática africanista?
() Sim
(x) Não
Se sua resposta for negativa, explique o motivo:
FALTA DE CONHECIMENTO DA LEI
- 7- O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08? NÃO
()
()
- 8- O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?
() Sim
() Não
Explique:
.....
.....
.....
- 9- Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:
NÃO
.....
.....
.....

Recebido em 30/09

Professores

B

10-Como o(a) senhor(a) aborda a temática africanista dentro da disciplina que ministra?

11-A temática africanista está inserida em seu Plano de Curso?

() Sim

(X) Não

12-Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

E QUALQUER DISTINÇÃO RELACIONADA À COR, RAÇA, CULTURA...

13-Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

NA NOSSA INSTITUIÇÃO O TEMA É POUCO ABORDADO, DEVERIA SER MAIS DESENVOLVIDO PARA QUE HAJA UMA MELHOR TRATAMENTO

14-O(A) senhor(a) sente dificuldades em trabalhar a temática africanista nessa Instituição? Por que?

NÃO

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

PROFESSORES

- 1-
- 2- Há quantos anos o(a) senhor(a) leciona no Instituto?
30 ANOS
- 3- Qual/quais disciplina(s) leciona atualmente?
História
- 4- O(a) senhor(a) já ministrou outras disciplinas nessa instituição? Qual/Quais?
Não
- 5- O(A) senhor(a) aborda, dentro dos conteúdos de sua/suas disciplina(s), a temática africanista, prevista na Lei 10.639/03?
(X) Sim
() Não
- 6- Nas disciplinas ministradas anteriormente o(a) senhor(a) abordava a temática africanista?
(X) Sim
() Não
Se sua resposta for negativa, explique o motivo:
.....
.....
.....
- 7- O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?
(X)
()
- 8- O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?
(X) Sim
() Não
Explique:
.....
.....
.....
- 9- Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:
Não

Professores

C

10- Como o(a) senhor(a) aborda a temática africanista dentro da disciplina que ministra?

Como Trabalho Histórico. A todo instante nos levantamos a história da África a cultura Africana e Afro-descendentes.

11- A temática africanista está inserida em seu Plano de Curso?

() Sim

() Não

12- Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

Racismo que qualquer ato que represente a interferência do "outro" e um ato discriminatório.

13- Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

Acredito ser importante desde que tenha como base as concepções democráticas e não fundamentada por um outro ato discriminatório.

14- O(A) senhor(a) sente dificuldades em trabalhar a temática africanista nessa Instituição? Por que?

Não.

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novalis Furtado

PROFESSORES

1-

2- Há quantos anos o(a) senhor(a) leciona no Instituto?

um ano

3- Qual/quais disciplina(s) leciona atualmente?

Química e Bioquímica

4- O(a) senhor(a) já ministrou outras disciplinas nessa instituição? Qual/Quais?

Não

5- O(A) senhor(a) aborda, dentro dos conteúdos de sua/suas disciplina(s), a temática africanista, prevista na Lei 10.639/03?

☐ Sim

☒ Não

6- Nas disciplinas ministradas anteriormente o(a) senhor(a) abordava a temática africanista?

☐ Sim

☒ Não

Se sua resposta for negativa, explique o motivo:

Não, o presente momento não trabalha com relação entre o ensino de química com o tema africanidade.

7- O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?

☐ Sim

☒ Não

8- O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?

☐ Sim

☐ Não

Explique:

Não conheço tais leis

9- Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

Não presenciou. Porém, durante a aula, algum(a) aluno(a) chama o outro de "preto".

Professores

D

- 10- Como o(a) senhor(a) aborda a temática africanista dentro da disciplina que ministra?

Não aborda essa temática durante o ensino de conceitos químicos

- 11- A temática africanista está inserida em seu Plano de Curso?

() Sim

(X) Não

- 12- Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

Racismo: É pre-ponderar a ideia de que haja raças diferentes entre os seres humanos e acreditar que a diferença biológica possa justificar a superioridade. Preconceito racial: É a consequência do racismo. É a atitude grada ao acreditar que parcialmente por ser um grupo inferior ao outro. Discriminação racial: É por em prática o racismo e preconceito racial. Distinguir, excluir e restringir um grupo de pessoas.

- 13- Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

É fazer com que as novas gerações não observem ninguém em privilégio e racismo é intolerância em relação a uma ou mais pessoas. É uma tentativa de resgatar esse conteúdo em relação a grupos étnicos durante séculos na história desse país.

- 14- O(A) senhor(a) sente dificuldades em trabalhar a temática africanista nessa Instituição? Por que?

Não trabalho essa temática

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

PROFESSORES

2- Há quantos anos o(a) senhor(a) leciona no Instituto?

2 anos

3- Qual/quais disciplina(s) leciona atualmente?

Biologia (química média), Microbiologia ambiental (Tecnol
e Biologia (Projeja)

4- O(a) senhor(a) já ministrou outras disciplinas nessa instituição? Qual/Quais?

Sim, Microbiologia de Laboratório, Genética ambiental
aplicada, o metabolismo de laboratório, Química, Biologia Aplicada
a laboratório, Microbiologia geral

5- O(A) senhor(a) aborda, dentro dos conteúdos de sua/suas disciplina(s), a temática africanista, prevista na Lei 10.639/03?

☒ Sim

☐ Não

6- Nas disciplinas ministradas anteriormente o(a) senhor(a) abordava a temática africanista?

☒ Sim

☐ Não

Se sua resposta for negativa, explique o motivo:

7- O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?

☒ Sim

☐ Não

8- O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?

☒ Sim

☐ Não

Explique:

Devido ao contingente de negros e pardos
existentes no país, há necessidade de que a
que seja incluída uma parte das informações contidas
no conteúdo das escolas que ofereçam o ensino médio

9- Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

Sim, professores que agem como se pessoas
de cor diferente da sua fossem inferiores.

Professores

€

10-Como o(a) senhor(a) aborda a temática africanista dentro da disciplina que ministra?

Toda as oportunidades que surge dentro do conteúdo onde há presença da cultura negra em várias das aulas são para principal do conteúdo principalmente história e as questões de classe, faz um paralelo e reflete a situação histórica e atual do tema.

11-A temática africanista está inserida em seu Plano de Curso?

() Sim

(X) Não

12-Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

Racismo é uma forma de classificação e hierarquização onde geralmente é feita na forma de raças geralmente a raça superior e a de quem é racista. Preconceito advém de aprendizados principalmente na família desde na escola e na sociedade em que vive, sendo uma forma de afetar o relacionamento humano discriminação racial é a preferência dada as pessoas em função de cor.

13-Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

Educação que trabalha com a discriminação da tolerância, do respeito ao outro. Educação que promove o reconhecimento do outro com seu humano.

14-O(A) senhor(a) sente dificuldades em trabalhar a temática africanista nessa Instituição? Por que?

Sim, pois não há abertura para que o tema ser humano seja colocado como importante dentro do ambiente escolar. O aluno é mais peça de uma engrenagem onde o professor faz os parâmetros necessários e quem dirige são as diretrizes que usufruem dos benefícios desta.

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

PROFESSORES

2- Há quantos anos o(a) senhor(a) leciona no Instituto?

Três anos e meio.

3- Qual/quais disciplina(s) leciona atualmente?

Língua Portuguesa

4- O(a) senhor(a) já ministrou outras disciplinas nessa instituição? Qual/Quais?

Sim: Inglês (por seis meses), Artes (idem) e Inglês (aproximadamente sete anos)

5- O(A) senhor(a) aborda, dentro dos conteúdos de sua/suas disciplina(s), a temática africanista, prevista na Lei 10.639/03?

() Sim

(X) Não

6- Nas disciplinas ministradas anteriormente o(a) senhor(a) abordava a temática africanista?

() Sim

(X) Não

Se sua resposta for negativa, explique o motivo:

A Lei 10.639/03 prevê, mas os órgãos responsáveis pela promoção da educação não dão suporte aos docentes. Além disso, nunca estudei a história africana, mas tenho, portanto, conhecimento do assunto.

7- O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?

(X) Sim

() Não

8- O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?

(X) Sim

() Não

Explique:

A cultura africana é riquíssima. Não é justo nem com os africanos nem com a humanidade que ela não seja difundida e valorizada com as demais culturas, especialmente com a europeia.

9- Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

Algumas "piadinhas" sempre surgem. Isso demonstra que há um racismo enraizado, disfarçado

Professores

F

10-Como o(a) senhor(a) aborda a temática africanista dentro da disciplina que ministra?

Não aborda.

11-A temática africanista está inserida em seu Plano de Curso?

() Sim

(X) Não

12-Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

Desrespeito ao próximo.

13-Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

Uma necessidade esquecida imposta por uma cultura dominante que os poucos, pretende-se e deve se corrigir.

14-O(A) senhor(a) sente dificuldades em trabalhar a temática africanista nessa Instituição? Por que?

Sim. Nf sinto despreparada. Preciso estudar a primeira e a segunda, inserir a gradativa-mente as atividades diárias.

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

PROFESSORES

1- N

2- Há quantos anos o(a) senhor(a) leciona no Instituto?

5 meses

3- Qual/quais disciplina(s) leciona atualmente?

História

4- O(a) senhor(a) já ministrou outras disciplinas nessa instituição? Quali/Quais?

não

5- O(A) senhor(a) aborda, dentro dos conteúdos de sua/suas disciplina(s), a temática africanista, prevista na Lei 10.639/03?

(X) Sim

() Não

6- Nas disciplinas ministradas anteriormente o(a) senhor(a) abordava a temática africanista?

(X) Sim

() Não

Se sua resposta for negativa, explique o motivo:

Pela importância da presença africana no Brasil que (deram origem) da miscigenação originada a partir da escravidão

7- O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?

()

(X) NÃO

8- O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?

() Sim

() Não

Explique:

9- Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

Sim, brancos e pretos

Realizado em 29/09/09

ANEXO VIII – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS.

Quadro Pedagógico

A

SUPERVISÃO ESCOLAR

01- Nr. _____

02- Hs. 30 dias

03- A senhora cobra dos professores que esses abordem, dentro dos conteúdos de sua/suas disciplina(s), a temática africanista, previstas nas Leis 10.639/03 e 11.645/08?
☐ Sim
☒ Não

04- Nos conteúdos ministrados nessas disciplinas está contida a temática africanista?
☐ Sim
☒ Não, na maioria
 Se sua resposta for negativa, explique o motivo:
Considero que a maioria dos professores não sabem da obrigatoriedade de não falar sobre temas africanistas em aulas, pois ainda não consideram o tema relevante.

05- De que forma a Supervisão Escolar observa se as leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas?
não presenciai aulas ou intervenções sobre o assunto até o momento

06- A senhora conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?
☒ Sim
☐ Não

07- Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:
Tenho que a educação para a diversidade étnica racial nas escolas está sendo realizada com o respeito e reconhecimento que merecem por ser um grupo vulnerável e ainda há a negação a nível desigual de oportunidades de desarmar as instituições e das atitudes. Tenho ainda que não é fácil transformar uma cultura de rejeição, discriminação e eliminação, contudo, se houver intencionalidade, comprometida a transformação é possível.

08- A senhora sente que os professores tem dificuldades em trabalhar a temática africanista nessa Instituição? Por que? Vejo que as dificuldades não estão na instituição e nos professores, mas sim na falta de formação dos professores, pois eles não sabem lidar com a questão da diversidade e das discriminações que estão presentes, além da dificuldade por ser a falta de orientação e o comprometimento da equipe pedagógica e falta de interesse do professor com o social.

09- A senhora concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?
☒ Sim
☐ Não
 Explique:
Como os professores também não têm acesso à realidade social ao longo da história, pensando com a regulamentação deles, por isso a dificuldade de reconhecer a contribuição dos negros e índios na história, cultura, economia, política, etc, visto que se fosse deixar a cargo de um departamento da sociedade, ninguém sabe quando poderia acontecer.

Quadro Pedagógico

A

- 10- Nessa Instituição de ensino a senhora presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

Sim, alguns alunos durante a aula fizeram piadas de respeito de cor de um aluno, não gostei que quem riu com o garoto, mas a brincadeira tinha um lado ruim.

- 11- A temática africanista está inserida em todos os Planos de Anuais das disciplinas ministradas nessa Instituição?

() Sim
(x) Não

Se sua resposta for negativa, descreva em quais Planos não estão inseridos a temática africanista.

Não como objetivo de nenhum planejamento, mas nos planos de história, literatura e desenvolvimento interdisciplinar possível perceber que também a abordado.

Caso sua resposta no item anterior tenha sido negativa, responda a próxima pergunta:

O que a escola tem feito para corrigir essa falha (cumprir o que rege a lei) e/ou o que ela deveria estar fazendo.

O trabalho da temática é principalmente orientar a trabalhar a qualidade de ensino e aprendizagem, por isso não se fez orientar sobre planejamento, literatura e desenvolvimento interdisciplinar de uma forma durante o desenvolvimento de projetos, porém tem feito at com grupos de professores afim de avaliar o que se fez e o que pode melhorar com acompanhamento dos pais, direção e troca de experiências.

- 12- Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

Racismo: pessoas que acham que são uma raça e superior a outra.

Preconceito racial: não gostar, falar mal, diminuir, rebaixar pessoas em detrimento de características físicas como cor, cabelo etc.

Discriminação racial: devido a diferença na raça, ter condutas determinadas que inferiorizam as pessoas de uma raça.

- 13- Todos os professores entregaram os Planos Anuais referentes às disciplinas que estão ministrando?

() Sim
(x) Não

Se sua resposta for negativa, explique o motivo:

Presumo que estes estejam a ser entregues.

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

10/01/2010
Data da entrega

Quadro Pedagógico

3

CGE/DDE/DG/CGPP/DAP/SOE/CGAE

01-Non

02-Há quantos anos o(a) senhor(a) exerce tal função no IFRO? 3 anos

02-Qual a sua formação acadêmica? Superior incompleto - Contabilidade

03-O(A) senhor(a) fiscaliza ou cobra que seja inserido no Currículo da Instituição os conteúdos de temática africanista prevista nas Leis 10.639/03 e 11.645/08?

() Sim

(X) Não

05-Atualmente em qual das disciplinas ministradas no IFRO abordam a temática africanista?

() em todas

() na maioria

(X) em nenhuma

() em algumas

() Não tenho conhecimento

Se sua resposta foi: na maioria ou em algumas, descreva quais:

06-O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?

() sim

(X) não

07-O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?

() Sim

(X) Não

Explique:

08-Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

Não.

09-Como o(a) senhor(a) fiscaliza ou cobra que seja abordada a temática africanista dentro das disciplinas ministradas no IFRO?

Neste campus não se trabalha a temática africanista dentro das disciplinas, mas acho que incorporando a legislação que aborda esse tema poderia vir ser implementado o tema dentro de algumas disciplinas.

Quadro Pedagógico

B

10-A temática africanista está inserida no Currículo Oficial do IFRO?

- () Sim
(X) Não

11-Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

Para mim o principal é a exclusão social.

12-Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

não tenho muito a se dizer uma vez que não se trabalha com essa diversidade, não acho que as instituições deem valor aos conceitos e cobram que seja trabalhado cada vez mais de fato o que falta é também de paridade, e dificilmente incluir nas aulas no contexto das escolas.

13-O(A) senhor(a) sente dificuldades em cobrar dos educadores o trabalho com a temática africanista nessa Instituição? Por que?

Sim, porque não tenho conhecimento da legislação.

14-De que forma o Governo fiscaliza se as Leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas no IFRO?

O que tenho conhecimento no IFRO ainda não se cobra.

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

Quadro Pedagógico

SUPERVISÃO ESCOLAR

01- Nome:

02- Há quantos anos a senhora trabalha no Instituto?

Dois anos e 2 meses

03- A senhora cobra dos professores que esses abordem, dentro dos conteúdos de sua/suas disciplina(s), a temática africanista, previstas nas Leis 10.639/03 e 11.645/08?

() Sim
(X) Não

Se não chega, se uma cobrança, mas a escola disponibiliza uma copia das leis para os professores e escrevem sobre as exigências quanto à temática africanista.

04- Nos conteúdos ministrados nessas disciplinas está contida a temática africanista?

() Sim
(X) Não

Se sua resposta for negativa, explique o motivo:

Não consta nos conteúdos programados, mas está sendo trabalhado essa temática em algumas disciplinas como em literatura, português, inglês, geografia e história.

05- De que forma a Supervisão Escolar observa se as leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas?

Nos trabalhos apresentados pelos alunos, nos cartazes expostos nas murais e nas discussões em reuniões pedagógicas.

06- A senhora conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?

(X) Sim
() Não

07- Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

As escolas trabalham muito pouco com a temática dos alunos. Na minha opinião, se há um trabalho de conscientização com respeito à diversidade étnica, a maioria das pessoas em relação a essa temática, os poucos órgãos comunitários disponíveis, trabalham, através, na internet, etc.

08- A senhora sente que os professores tem dificuldades em trabalhar a temática africanista nessa instituição? Por que?

Sim, é muita. Como falta conhecimento, falta de material disponível e sem fontes geradoras dessa dificuldade.

09- A senhora concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?

(X) Sim
() Não

Explique:

Eu acredito ser importante a obrigatoriedade, pois leva a sociedade a reconhecer a importância da cultura afro e indígena na história, quem sabe, isso até pode contribuir na conscientização da população.

Quadro Pedagógico

C

10- Nessa Instituição de ensino a senhora presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

Não

11- A temática africanista está inserida em todos os Planos de Anuais das disciplinas ministradas nessa Instituição?

() Sim

(x) Não

Se sua resposta for negativa, descreva em quais Planos não estão inseridos a temática africanista.

Não consta em nenhum plano anual mas são vários professores que trabalham essa temática como já expliquei na questão anterior.

Caso sua resposta no item anterior tenha sido negativa, responda a próxima pergunta:

O que a escola tem feito para corrigir essa falha (cumprir o que rege a lei) e/ou o que ela deveria estar fazendo.

A escola está se preparando para incluir essa temática nos planos anuais. Já foram elaborados para o ano de 2010 e também será discutido com os professores a necessidade de se trabalhar a temática africanista no dia a dia.

12- Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

É um conjunto de opiniões pré concebidas onde a função principal é valorizar as diferenças biológicas entre os seres humanos, onde alguém acredita ser superior ao outro de acordo com sua matriz racial.

13- Todos os professores entregaram os Planos Anuais referentes às disciplinas que estão ministrando?

(x) Sim

() Não

Se sua resposta for negativa, explique o motivo:

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

Quadro Pedagógico

D

CGE/DDE/DG/CGPP/DAP/SOE/CGAE

01-Nome:

02-Há quantos anos o(a) senhor(a) exerce tal função no IFRO? 666m

02-Qual a sua formação acadêmica? Bacharelado em Biologia

03-O(A) senhor(a) fiscaliza ou cobra que seja inserido no Currículo da Instituição os conteúdos de temática africanista prevista nas Leis 10.639/03 e 11.645/08?

() Sim

(X) Não

05-Atualmente em qual das disciplinas ministradas no IFRO abordam a temática africanista?

() em todas

() na maioria

() em nenhuma

() em algumas

(X) Não tenho conhecimento

Se sua resposta foi: na maioria ou em algumas, descreva quais:

06-O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?

() sim

(X) não

07-O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?

() Sim

(X) Não

Explique:

Não concordo n. nenhuma das

referidas

08-Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

Não

09-Como o(a) senhor(a) fiscaliza ou cobra que seja abordada a temática africanista dentro das disciplinas ministradas no IFRO?

Não em nenhum dos cursos do Departamento de Ensino post-graduação e Supervisão Pedagógica

Quadro Pedagógico

D

10-A temática africanista está inserida no Currículo Oficial do IFRO?

() Sim

(x) Não

11-Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

São formas de agir, atitudes praticadas que provocam o desprezo, exclusão e marginalização da pessoa.

12-Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas:

Considero importante para garantir a conscientização sobre o tema e promover a educação de todos para além de atitudes preconceituosas por cor e origem.

13-O(A) senhor(a) sente dificuldades em cobrar dos educadores o trabalho com a temática africanista nessa Instituição? Por que?

Não sinto as dificuldades. Apesar de haver o Pedagógico, não vejo muita atividade.

14-De que forma o Governo fiscaliza se as Leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas no IFRO?

Não sei como tem sido.

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

Quadro Pedagógico

E

CGE/DDE/DG/CGPP/DAP/SOE/CGAE

01-Nome: 1

IC DE A

02-Há quantos anos o(a) senhor(a) exerce tal função no IFRO? 13 anos

02-Qual a sua formação acadêmica? Engº Agrônomo

03-O(A) senhor(a) fiscaliza ou cobra que seja inserido no Currículo da Instituição os conteúdos de temática africanista prevista nas Leis 10.639/03 e 11.645/08?

(x) Sim

() Não

05-Atualmente em qual das disciplinas ministradas no IFRO abordam a temática africanista?

() em todas

(x) na maioria

() em nenhuma

() em algumas

() Não tenho conhecimento

Se sua resposta foi: na maioria ou em algumas, descreva quais:

A disciplina que lida com a Imigração e Diáspora, Sabemos que essa temática surge no Egito que se localiza no Norte da África.

06-O(A) senhor(a) conhece as leis 10.639/03 e 11.645/08?

(x) sim

() não

07-O(A) senhor(a) concorda com o que rege as leis 10.639/03 e 11.645/08?

(x) Sim

() Não

Explique:

Porque a história e a cultura afro-brasileira passa a ter um reconhecimento acadêmico, tornando-se um dos pontos mais importantes do ensino brasileiro como forma mais oportuna de dar a sua real valor e contribuir para a formação dos alunos. Por todos esses motivos de reconhecimento e de valorização da cultura afro-brasileira.

08-Nessa Instituição de ensino o(a) senhor(a) presenciou alguma situação de racismo? Se sua resposta for afirmativa, descreva tal situação:

Não

09-Como o(a) senhor(a) fiscaliza ou cobra que seja abordada a temática africanista dentro das disciplinas ministradas no IFRO?

Uma das formas de fiscalizar é através do cotidiano da nossa instituição, nos alertando sobre a importância da temática no dia-a-dia, mas principalmente evitando atitudes e ações discriminatórias que ainda existem e discriminações.

Quadro Pedagógico

E

10-A temática africanista está inserida no Currículo Oficial do IFRO?

- (X) Sim
() Não

11-Explique o que entende por racismo, preconceito racial e discriminação racial?

PRECONCEITO RACIAL → Seu eu existiu e existirá no Brasil,
Seu cabelo de cor de qualquer vestimenta pela cor, pelo seu
altura e pelo físico social.

Racismo → A pesar de vivermos hoje na era da modernidade,
ilgamente ainda e comum os termos ou depreender com
racismo na Brasil; também dizemos no mundo. Um sempre
claro pode caracterizar racismo. DISCRIMINAÇÃO RACIAL →

12-Explique o que pensa sobre a educação para a diversidade étnica racial nas escolas?

É o mesmo para uma longa jornada. Precisamos o conteúdo
para os alunos. Para os alunos, os alunos, os alunos, os alunos
livro didático, que são, e quase nada, pois os alunos
os professores para muitos alunos e muitos professores. Por
isso, os alunos, os alunos, os alunos, os alunos, os alunos
onde, os alunos, os alunos, os alunos, os alunos, os alunos

13-O(a) senhor(a) sente dificuldades em cobrar dos educadores o trabalho com a temática africanista nessa Instituição? Por que?

Sim, pois o Pre-conceito ainda é muito presente no nosso
e muito ainda, pois está em processo de transformação, mas
quando se trata de Brasil, é o resultado de uma cultura de
cultura, e isso é preciso, pois é preciso de uma cultura, pois
uma para a pluralidade e a diversidade, pois é a diversidade.

14-De que forma o Governo fiscaliza se as Leis 10.639/03 e 11.645/08 estão sendo cumpridas no IFRO?

Deixei a forma de se fiscalizar, pois se
propor, pois de Instituto, pois o governo federal, pois
que, pois, pois, pois, pois, pois, pois, pois, pois, pois
o estado, pois, pois, pois, pois, pois, pois, pois, pois, pois

OBS: Você está colaborando com a pesquisa para a melhoria da qualidade da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil, mas principalmente do campus Colorado do Oeste.

Muito Obrigada!

Luciane Aparecida Novais Furtado

ANEXO IX – RELATÓRIO ESTATÍSTICO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

RELATORIO ESTATÍSTICO

São Felipe-RO	:	1
São Francisco do Guaporé-RO	:	2
São Miguel do Guaporé	:	2
São Miguel do Guaporé-RO	:	4
Tarilândia-	:	1
Urupá-RO	:	2
Vale do Anari-RO	:	6
Vilhena-RO	:	19

>>>>>>>> por UF

	:	1
AM	:	1
MT	:	7
RO	:	471
a-	:	1
as	:	1
io	:	1
ra	:	1
rê	:	2
te	:	4
za	:	1



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

RELATORIO ESTATÍSTICO

0,3 s.m.: 18
0,4 s.m.: 7
0,5 s.m.: 51
0,6 s.m.: 16
0,7 s.m.: 10
0,8 s.m.: 7
0,9 s.m.: 5
1,0 s.m.: 62
1,1 s.m.: 1
1,2 s.m.: 10
1,3 s.m.: 2
1,4 s.m.: 4
1,5 s.m.: 24
1,6 s.m.: 3
1,8 s.m.: 3
1,9 s.m.: 2
2,0 s.m.: 39
2,1 s.m.: 1
2,2 s.m.: 1
2,4 s.m.: 5
2,5 s.m.: 14
2,6 s.m.: 1
2,8 s.m.: 2
3,0 s.m.: 21
4,0 s.m.: 10
4,3 s.m.: 1
4,5 s.m.: 1
5,0 s.m.: 1
5,5 s.m.: 1
7,2 s.m.: 1
20,0 s.m.: 1

25 com 23 anos
25 com 22 anos
33 com 21 anos
34 com 20 anos
42 com 19 anos
56 com 18 anos
73 com 17 anos
71 com 16 anos
11 com 15 anos
5 com 1 anos

>>>>>>>> por CIDADE

Alta Floresta do Oeste-RO : 1
Alto Alegre dos Parecis-RO : 7
Alvorada do Oeste-RO : 2
Buritis-RO : 1
Cabixi-RO : 26
Cacaulândia-RO : 2
Cacoal-RO : 3
Campos de Júlio : 1
Campos de Júlio-MT : 3
Candeias do Jamari-RO : 1
Cerejeiras : 1
Cerejeiras-RO : 48
Chupinguaia-RO : 7
Colniza : 1
Colniza-MT : 1
Colorado do Oeste : 2
Colorado do Oeste-RO : 249
Comodoro-MT : 1
Corumbiara -RO : 1
Corumbiara-RO : 22
Espigão do Oeste-RO : 5
Forte Príncipe da Beira : 1
Governador Jorge Teixeira-RO : 6
Humaitá-AM : 1
Itapuã do Oeste : 1
Itapuã do Oeste-RO : 6
Itapuaçu do Oeste-RO : 1
Jaru-RO : 6
Ji-Paraná-RO : 7
Machadinho do Oeste-RO : 4
Nova Brasilândia do Oeste-RO : 1
Nova União-RO : 1
Novo Horizonte do Oeste-RO : 4
Ouro Preto do Oeste-RO : 1
Pimenta Bueno-RO : 2
Pimenteiras do Oeste : 1
Pimenteiras do Oeste-RO : 5
Pimenteiras-RO : 1
Presidente Médici-RO : 3
Rolim de Moura-RO : 9
Sapezal-MT : 2
Seringueiras-RO : 2
São Miguel do Guaporé-RO : 1
São Francisco do Guaporé-RO : 1

>>>>>>>> por FAIXA ETÁRIA

1 com 77 anos
1 com 53 anos
1 com 52 anos
1 com 47 anos
1 com 46 anos
1 com 44 anos
1 com 43 anos
2 com 42 anos
3 com 40 anos
3 com 39 anos
5 com 38 anos
5 com 37 anos
3 com 36 anos
2 com 35 anos
4 com 33 anos
5 com 32 anos
2 com 31 anos
6 com 30 anos
4 com 29 anos
7 com 28 anos
14 com 27 anos
7 com 26 anos
14 com 25 anos
23 com 24 anos



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

RELATORIO ESTATÍSTICO

PARÂMETROS DA ESTATÍSTICA
(x) ALUNOS
matriculados entre 01/01/2006 e 16/02/2009

>>>>>>>> Total de Indivíduos 491
Sexo Masculino: 268
Sexo Feminino : 223

>>>>>>>> por ANO DE MATRICULA
2006: 36
2007: 115
2008: 145
2009: 195

>>>>>>>> por ANO DE SAIDA
0: 480
2008: 6
2009: 5

>>>>>>>> por Turma

Turma A02: 35
Turma A03: 23
Turma AA1: 34
Turma AA2: 41
Turma AA3: 1
Turma AA4: 32
Turma AA5: 26
Turma B02: 36
Turma B03: 25
Turma C01: 1
Turma C02: 34
Turma C03: 21
Turma D01: 1
Turma D02: 32
Turma D03: 32
Turma F02: 7
Turma LA1: 23
Turma LA2: 10

Turma LA4: 9

Turma LA5: 9

Turma LA6: 9

Turma PA1: 10

>>>>>>>> por MÓDULO

Ens.Med.: 1 a. Série: 12

Ens.Med.: 2 a. Série: 144

Ens.Med.: 3 a. Série: 101

Módulo: TEC-LATIC : 60

Módulo: TGA-AGROP : 134

>>>>>>>> por TURNO

I : 217

M : 175

N : 17

V : 42

>>>>>>>> por ORIGEM

Particular : 2
Pública : 18
: 471

>>>>>>>> por ÁREA DE ORIGEM

: 17
Rural : 63
Urbana : 411

>>>>>>>> por RAÇA/ ETNIA

: 7
Afro : 36
Amarela : 4
Branca : 238
Parda : 206

>>>>>>>> por FORMA DE INGRESSO

Diploma : 4
Outros : 7
Seleção : 480

>>>>>>>> por RENDA FAMILIAR (em Sal.Min.)

0,0 s.m.: 161
0,1 s.m.: 1
0,2 s.m.: 4



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

RELATORIO ESTATÍSTICO

Novo Horizonte do Oeste-RO	:	4
Ouro Preto do Oeste-RO	:	1
Pimenta Bueno-RO	:	2
Pimenteiras do Oeste	:	1
Pimenteiras do Oeste-RO	:	7
Pimenteiras-RO	:	1
Presidente Médici-RO	:	4
Rolim de Moura-RO	:	9
SAO MIGUEL DO GUAPORÉ-RO	:	1
Sapezal-MT	:	2
Seringueiras do Oeste	:	1
Seringueiras-RO	:	2
Sã Miguel do Guaporé-RO	:	1
São Francisco do Guaporé-RO	:	1
São Felipe-RO	:	1
São Francisco do Guaporé	:	2
São Francisco do Guaporé-RO	:	2
São Francisco do Guaporé/RO	:	1
São Francisco do guaporé	:	1
São Francisco do guaporé/RO	:	1
São Miguel do Guaporé	:	3
São Miguel do Guaporé-RO	:	6
São Miguel do Guaporé/Ro	:	1
Tarilândia-	:	1
Urupá-RO	:	2
Vale do Anari-RO	:	6
Vale do Anari/RO	:	1
Vilhena	:	2
Vilhena-RO	:	20
Vilhena/Ro	:	1

>>>>>>>> por UF

	:	1
AM	:	1
MT	:	7
RO	:	499
Ro	:	2
a-	:	1
as	:	1
io	:	1
na	:	2
ra	:	2
ro	:	1
ré	:	6
te	:	7
xi	:	2
za	:	1



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

RELATORIO ESTATÍSTICO

>>>>>>>> por RENDA FAMILIAR (em Sal.Min.)

0,0 s.m.:	166	4 com 29 anos
0,1 s.m.:	1	9 com 28 anos
0,2 s.m.:	4	14 com 27 anos
0,3 s.m.:	19	7 com 26 anos
0,4 s.m.:	7	14 com 25 anos
0,5 s.m.:	63	23 com 24 anos
0,6 s.m.:	19	25 com 23 anos
0,7 s.m.:	12	29 com 22 anos
0,8 s.m.:	9	34 com 21 anos
0,9 s.m.:	5	35 com 20 anos
1,0 s.m.:	63	45 com 19 anos
1,1 s.m.:	1	57 com 18 anos
1,2 s.m.:	10	80 com 17 anos
1,3 s.m.:	2	77 com 16 anos
1,4 s.m.:	5	22 com 15 anos
1,5 s.m.:	29	2 com 14 anos
1,6 s.m.:	3	5 com 1 anos
1,8 s.m.:	5	
1,9 s.m.:	2	
2,0 s.m.:	41	
2,1 s.m.:	1	
2,2 s.m.:	1	
2,4 s.m.:	5	
2,5 s.m.:	16	
2,6 s.m.:	1	
2,8 s.m.:	2	
3,0 s.m.:	25	
3,5 s.m.:	1	
4,0 s.m.:	10	
4,3 s.m.:	1	
4,5 s.m.:	1	
5,0 s.m.:	1	
5,5 s.m.:	1	
7,2 s.m.:	1	
20,0 s.m.:	1	

>>>>>>>> por CIDADE

Alta Floresta do Oeste-RO	: 1
Alto Alegre dos Parecis-RO	: 7
Alvorada do Oeste-RO	: 2
Buritis-RO	: 1
Cabixi	: 2
Cabixi-RO	: 27
Cacaulândia-RO	: 2
Cacoal-RO	: 3
Campos de Júlio	: 1
Campos de Júlio-MT	: 3
Candeias do Jamari-RO	: 1
Cerejeiras	: 1
Cerejeiras-RO	: 53
Chupinguaia-RO	: 7
Colniza	: 1
Colniza-MT	: 1
Colorado do Oeste	: 2
Colorado do Oeste-RO	: 258
Comodoro	: 1
Comodoro-MT	: 1
Corumbiara	: 1
Corumbiara -RO	: 1
Corumbiara-RO	: 23
Corumbiara/RO	: 1
Espigão do Oeste-RO	: 5
Forte Príncipe da Beira	: 1
Governador Jorge Teixeira-RO	: 6
Humaitá-AM	: 1
Itapuã do Oeste	: 1
Itapuã do Oeste-RO	: 7
Itapuã do Oeste-RO	: 1
Jaru-RO	: 6
Ji-Paraná-RO	: 7
Machadinho do Oeste	: 2
Machadinho do Oeste-RO	: 4
Nova Brasilândia do Oeste-RO	: 1
Nova União-RO	: 1

>>>>>>>> por FAIXA ETÁRIA

1 com 77 anos
1 com 53 anos
1 com 52 anos
1 com 47 anos
1 com 46 anos
1 com 44 anos
3 com 43 anos
2 com 42 anos
3 com 40 anos
3 com 39 anos
5 com 38 anos
5 com 37 anos
4 com 36 anos
2 com 35 anos
1 com 34 anos
4 com 33 anos
5 com 32 anos
2 com 31 anos
7 com 30 anos



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

RELATORIO ESTATÍSTICO

PARÂMETROS DA ESTATÍSTICA
(x) ALUNOS
matriculados entre 09/09/1999 e 12/02/2010

>>>>>>>> Total de Indivíduos 534
Sexo Masculino: 295
Sexo Feminino : 239

>>>>>>>> por ANO DE MATRICULA
2003: 1
2004: 1
2006: 36
2007: 115
2008: 145
2009: 210
2010: 26

>>>>>>>> por ANO DE SAIDA
0: 521
2007: 1
2008: 7
2009: 5

>>>>>>>> por Turma

Turma A02: 35
Turma A03: 23
Turma AA1: 34
Turma AA2: 41
Turma AA3: 1
Turma AA4: 32
Turma AA5: 26
Turma B02: 36
Turma B03: 26
Turma C01: 1
Turma C02: 34
Turma C03: 21
Turma D01: 1
Turma D02: 33
Turma D03: 32
Turma F02: 7

Turma LA1: 23

Turma LA2: 11

Turma LA4: 9

Turma LA5: 9

Turma LA6: 9

Turma PA1: 10

>>>>>>>> por MÓDULO

Ens.Med.: 1 a. Série: 12

Ens.Med.: 2 a. Série: 145

Ens.Med.: 3 a. Série: 102

Módulo: TEC-LATIC : 61

Módulo: TGA-AGROP : 134

>>>>>>>> por TURNO

I : 219

M : 175

N : 17

V : 43

>>>>>>>> por ORIGEM

Particular : 2
Pública : 512

>>>>>>>> por ÁREA DE ORIGEM

: 17
Rural : 70
Urbana : 447

>>>>>>>> por RAÇA/ ETNIA

: 9
Afro : 40
Amarela : 5
Branca : 256
Parda : 224

>>>>>>>> por FORMA DE INGRESSO

Diploma : 6
Outros : 7
Seleção : 521

ANEXO X – TABELA 2 – DADOS DISPONÍVEIS NO PROJETO PEDAGÓGICO DA EAFCO 2007

Tabela 2: Dados disponíveis no Projeto Pedagógico da EAFCO-2007

CURSO	Nº DE ALUNOS MATRIC.	SEXO		% de alunos de Colorado	% de alunos prov. de esc. públicas	Raça		
		Masc	Fem			AFRO	BRANCA	PARDA
Ensino Médio com Habilitação em Agropecuária;	330	232	98	35%	97%	6%	58%	36%
Técnico em Agropecuária – EJA;	38	21	17	92%	100%	18%	34%	48%
Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental;	55	23	32	84%	98%	9%	47%	44%
Curso Superior de Tecnologia em Laticínios.	27	09	18	78%	100%	7%	48%	45%
TOTAL	450	285	165	72%	99%	10%	47%	43%


LUCIANE APARECIDA NOVAIS FURTADO.

PROFESSORA

ANEXO XI – SISTEMAS DE INFORMAÇÕES GERENCIAIS 2008

SIG 2.0 - Sistema de Informações Gerenciais

Página 1 de 1


Ministério da Educação


SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



Sua sessão
irá expirar
em:
9:50 minutos.






2008 ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL
DE COLORADO DO OESTE

Meu cadastro

Cadastro de Instituição

Selecione Instituição

Informações Gerais

Registros Legais

Direção da Instituição

Educação Indígena

Educação Especial

Cursos da Instituição

Ofertas/Matrículas dos Cursos

Corpo Docente

Corpo Discente

Corpo Técnico-Administrativo

Acervo Bibliográfico

Infra-Estrutura

Caracterização Física

Conselho Diretor

Relatórios Gerenciais

Relatórios de Indicadores

Logoff

Corpo Discente

Percentual da Amostra: 92,07 %

Quantidade de Alunos Trabalhadores: 53

Quantidade de Alunos por Raça/Etnia:

Branca: 244

Amarela: 12

Preta: 36

Indígena: 0

Parda: 221

Quantidade de Alunos por Renda Familiar Per Capita (RFP):
SM = Salário Mínimo

RFP < 0,5 SM: 83

1,5 SM < RFP < 2,5 SM: 90

0,5 SM < RFP < 1 SM: 137

2,5 SM < RFP < 3 SM: 50

1 SM < RFP < 1,5 SM: 85

RFP > 3 SM: 68

Quantidade de Alunos por Gênero:

Masculino: 323

Feminino: 190

Quantidade de Alunos por Faixa Etária:

Até 14 anos: 9

De 25 a 29 anos: 32

De 15 a 17 anos: 272

De 30 a 39 anos: 24

De 18 a 19 anos: 88

De 40 a 49 anos: 5

De 20 a 24 anos: 81

A partir de 50 anos: 2

Quantidade de Alunos por Área de Procedência:

Urbana: 392

Rural: 121

Quantidade de Alunos por Procedência Escolar:

Oriundos de Escola Pública: 499

Oriundos de Escola Particular: 14

Quantidade de Alunos por Regime de Internato:

Internos: 203

Semi-Internos: 143

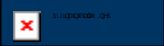
Gravar

Cancelar

(*) Campos de preenchimento obrigatório

<http://sigsetec.mec.gov.br/sig/cadastrainstituicao/inicializaCorpoDiscente.do?command=i...> 01/10/2009

ANEXO XII – RESULTADOS DO CENSO ESCOLAR 2005 – RONDÔNIA

	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
---	---

RESULTADOS DO CENSO ESCOLAR 2005

RONDÔNIA

Município	Dependência	Matrícula Inicial													
		Creche	Pré-Escola	Ensino Fundamental (Regular)				Ensino Médio (Regular)	Educação Especial		Educação de Jovens e Adultos (presencial)		Educação de Jovens e Adultos (semipresencial)		Educação Profissional (Nível Técnico)
				Educação Especial (Incluídos)	Total	1ª a 4ª série e Anos Iniciais	5ª a 8ª série e Anos Finais		Total	Fundamental	Total	Fundamental	Total	Fundamental	
COLORADO DO OESTE	Estadual	0	0	35	2.772	1.343	1.429	693	0	0	743	437	465	232	
	Federal	0	0	0	0	0	0	336	0	0	0	0	0	0	10
	Municipal	40	304	0	1.097	584	513	0	0	0	0	0	0	0	
	Privada	0	46	0	45	36	9	0	60	0	0	0	0	0	
	Total	40	350	35	3.914	1.963	1.951	1.029	60	0	743	437	465	232	10

**ANEXO XIII – PLANOS DE CURSOS: (LITERATURA 2009; LÍNGUA
PORTUGUESA 2008; FILOSOFIA 2009; BIOLOGIA 2008; BIOLOGIA 2009;
QUÍMICA 2009)**

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CAMPUS DE COLORADO DO OESTE**

Rod. 309 – km 05 – Zona Rural – Cx. Postal 47 / Colorado do Oeste-RO / Cep: 78.996-000
Fone: (69)341-7800 – Fax: (69) 341-2644 E-mail: cef.colorado@westnet.com.br

Professora A
2009

**DISCIPLINA DE LITERATURA
PLANO DE CURSO**

1. IDENTIFICAÇÃO

Curso: Técnico Agrícola integrado ao Ensino Médio com habilitação em Agropecuária
Turma: 3ª série (A, B, C,D)
Disciplina: Literatura
Profª [REDACTED]
Período Letivo: 2009
Carga Horária: 40 horas (01 aula semanal)

2. EMENTA

Periodização literária: Realismo, Naturalismo, Simbolismo, Pré-Modernismo, Modernismo, Pós-Modernismo.

3. COMPETÊNCIAS DO CURSO

O programa do curso de Literatura do terceiro ano tem como objetivo desenvolver competências que correspondam a conhecimentos básicos no âmbito da literatura ao que se refere à produção literária no final do século XIX e o século XX. Objetiva-se apresentar ao educando a importância dos movimentos literários desse período, e em especial o período Modernista em sua tentativa de caracterização da identidade brasileira, buscando elementos de inovação como a linguagem escrita em seus aspectos de representação de um falar do povo brasileiro. O espaço de linguagem de textos literários desse período também propõe uma reflexão crítica dos problemas brasileiros. O curso pretende, ainda, desenvolver competências que dão espaço à multiplicidade de textos desse período – Realismo/Pós-Modernismo - para que o aluno tenha contato com textos de diversos autores e natureza, podendo assim obter uma panorâmica da produção literária da época.

Professora A
2
2009

4. HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Objetiva-se que o aluno ao entrar em contato com as competências do curso de Literatura do terceiro ano compreenda e consiga analisar no texto literário do final do século XIX e século XX, os recursos da linguagem verbal como modos de captação particular do mundo real, relacionados à posição do escritor dentro de seu contexto histórico, social, político e econômico e assim perceber nas particularidades dos textos as influências das bases científicas e filosóficas como o positivismo, darwinismo e determinismo, e influências dos movimentos de vanguarda da Europa: Dadaísmo, Expressionismo, Futurismo, Surrealismo e Cubismo. As competências do curso esperam ainda, possibilitar o entendimento do Modernismo em seu desdobramento em três fases ou gerações que correspondam às mudanças ocorridas no contexto social brasileiro: a primeira fase, um manifesto de repúdio às formas consideradas ultrapassadas e valorização do sentimento nacionalista; na segunda fase, a retomada da consciência da realidade brasileira com textos voltados para o registro social do interior brasileiro como o Nordeste; e na terceira fase, a tendência marcada pelo senso da precisão da linguagem. Após leitura dessas fases, o curso objetiva a percepção que, em seguida, a literatura brasileira é marcada por estilos diversos na poesia e na prosa com narrativas curtas, poemas de protesto, e outros textos que valorizam o espaço da página em branco como os do movimento concretista.

5. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Realismo: características do estilo de época.
 - 1.1. Autor: Machado Assis. Estilo individual e produção literária.
2. Naturalismo: características do estilo de época. Estudo dos principais autores.
3. Parnasianismo: características da escola literária.
 - 3.1. Estudo dos autores: Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira.
 - 3.2. A poesia erótica e satírica de Olavo Bilac.
4. O teatro do final do século XIX: França Júnior e Artur de Azevedo.
5. Simbolismo: características da escola literária.
 - 5.1. Estudo de autores e textos: Cruz e Souza, Alphonsus Guimaraens, Augusto dos Anjos.
6. Pré-Modernismo: características da escola literária. Contexto histórico.
 - 6.1. Estudo de textos dos principais autores do Pré-Modernismo: Monteiro Lobato, Euclides da Cunha e Lima Barreto.
7. Modernismo brasileiro.
 - 7.1. Vanguardas Europeias.
 - 7.2. Antecedentes da Semana de Arte Moderna.
 - 7.3. Semana de Arte Moderna – 1922.
 - 7.4. 1ª Geração (1922 - 1930): características e estudo de textos dos autores Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo e Alcântara Machado.

Professora A
3
2009

- 7.5. 2ª Geração (1930 –1945): características da prosa e da poesia da 2ª geração. Estudo de textos dos autores: Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles. Estudo da prosa de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Marques Rebelo, Jorge Amado e Dionéllyo Machado.
- 7.6. 3ª Geração (1945 -1960): características da prosa e da poesia da segunda geração. Estudo da poesia de João Cabral de Melo Neto e Ferreira Gullar. Prosa: João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles. Teatro: Nelson Rodrigues.
- 7.7. Concretismo: características e principais autores.
- 7.8. Poesia marginal dos anos 70: características e principais autores.
8. Pós-Modernismo ou Tendências Contemporâneas:
- 8.1. Prosa política (romance de reportagem e realismo fantástico): Erico Veríssimo, J.J. Veiga, Inácio Loyola Brandão.
- 8.2. Teatro: Gianfrancesco Guarnieri, Dias Gomes.
- 8.3. Crônica e conto: Moacyr Scliar, Munilo Rubião, Dalton Trevisan.

6. METODOLOGIA

As aulas serão expositivas e o aprendizado realizar-se-á a partir de questões suscitadas pelos textos em análise. Os conteúdos serão desenvolvidos com o apoio de leituras extraclasses e filmes em DVD pertinentes ao contexto literário estudado.

Avaliação

1. Prova escrita, individual ou em duplas, com questões teóricas relativas ao conteúdo programático.
2. Verificação escrita de leitura de textos literários: poema, conto, romance e teatro.
3. Apresentação oral de leituras: atividade em grupo.
4. Estudo dirigido.
5. Apresentação teatral.

7. REFERÊNCIAS

I - Textos teóricos de apoio:

- ABDALLA JR., Benjamim; CAMPEDELLI, S. Youssef. *Tempos da literatura brasileira*. São Paulo: Ática.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAMPEDELLI, S Youssef. *Literatura, história e texto*. São Paulo: Saraiva, 1994, v.3.
- _____. *Teatro Brasileiro do Século XX*. São Paulo: Scipione.
- FILHO, Domicio Proença. *Estilos de Época na Literatura*. São Paulo: Ática, 2000.
- INFANTE, Ulisses. *Textos: leituras e escritas*. São Paulo: Scipione, 2000, v.3.

Professora f
4 2009

II – Textos para leitura:

- AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*.
_____. *Suor*.
ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*.
_____. *José*.
ANDRADE, Mário. *Macunaima*.
_____. *Contos Novos*.
ANDRADE, Oswald. *Primeiro Caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*.
_____. *Poesia Pau-Brasil*.
ASSIS, Machado. *A Cartomante*.
_____. *Uns braços*.
_____. *O enfermeiro*.
_____. *A causa secreta*.
AZEVEDO, Aluisio. *O Corniço*.
BARRETO, Lima. *O homem que sabia javanês*.
_____. *A nova Califórnia*.
BRANDÃO, Inácio Loyola. *Cadeiras Proibidas*.
GOMES, Dias. *O pagador de promessas*.
_____. *Odorico, o Bem-Amado*.
GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles não usam Black-tie*.
GULLAR, Ferreira. *Poemas escolhidos*.
_____. *Poema Sujo*.
JUNIOR, França. *Como se fazia um deputado*.
_____. *Caiu o Ministério*.
LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*.
_____. *A hora da estrela*.
LOBATO, Monteiro. *Negrinha*.
_____. *Urupês*.
_____. *Cidades Mortas*.
MACHADO, Dionêlio. *Os ratos*.
NETO, João Cabral de Melo Neto. *Morte e Vida Severina*.
QUEIROZ, Rachel. *O Quinze*.
RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*.
_____. *São Bernardo*.
REBELO, Marques. *A estrela sobe*.
ROSA, Guimarães. *O duelo*.
_____. *A hora e a vez de Augusto Matraga*.
STEVENSON, Robert. *O médico e o monstro*.
TREVISAN, Dalton. *A Polaquinha*.
_____. *Vampiro de Curitiba*.
_____. *A guerra conjugal*.
VERÍSSIMO, Érico. *Olhai os lírios do campo*.
_____. *Incidente em Antares*.
WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*.

III - Filmes em DVD:

Professora A
5
2009

Guerra de Canudos
Jeca Tatu
Macunaima
Modigliani
O Xangô de Baker Street
Oliver Twist
Policarpo Quaresma, o herói do Brasil
Sagarana-O duelo
Villa-Lobos

Obs.: As propostas de leitura serão desenvolvidas conforme disponibilidade do acervo bibliográfico do Instituto, e respeito à lei de direito autoral quanto ao que se refere ao veto da reprodução integral de textos.

As propostas de exibição de filmes em DVD serão desenvolvidas conforme disponibilidade de tempo durante o período letivo.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ESCOLA AGROTECNICA FEDERAL DE COLORADO DO OESTE-RO
Rod. 399 – km 05 – Zona Rural – Cx. Postal 47 / Colorado do Oeste-RO / Cep: 78.598-000
Fone: (69)341-3121 ao 3125 – Fax: (69) 341-2644 E-mail: esaf.colorado@webnet.com.br

Professora F.

1 2008

Plano de curso de Língua Portuguesa

Série: 2ª
Turmas: A, B, C e D
Profª [REDACTED]



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE COLORADO DO OESTE-RO
Rod. 399 – km 05 – Zona Rural – Cx. Postal 47 / Colorado do Oeste-RO / Cep: 78.996-000
Fone: (69)341-3121 ao 3125 – Fax: (69) 341-2644 E-mail: eaf.colorado@websat.com.br

Professora F

2

2008

Plano de curso

Disciplina de Língua Portuguesa

Série: 2ª – Turmas: : A, B, C e D.

Turno: Diurno – Carga Horária: 120 horas-aula

Ano Letivo: 2008

Professora: [REDACTED]

Ementa

Estudo da linguagem como meio de expressão e interação social, variação lingüística, leitura e análise de textos de natureza diversa, produção de texto de gêneros diversos, inclusive orais, estudo da gramática normativa da Língua Portuguesa.

Competências do curso

O programa do curso de Língua Portuguesa tem como objetivo desenvolver competências para que o discente da 2ª série leia com eficiência e compreenda a natureza do texto em estudo, quer pela organização da linguagem, quer pela intenção do emissor da mensagem. Para tanto serão selecionados textos de natureza diversa para os trabalhos em sala de aula ou extra classe.

O programa proporrá a observação dos elementos que estabeleçam a coerência e coesão do texto, visando a uma competente produção textual, atividade em que se permitirá um olhar crítico sobre o próprio texto e a produção textual do outro. Para a produção textual enfatizar-se-á a utilização do padrão culto da língua. Este aspecto – o estudo da norma padrão – não se dará em detrimento da norma popular, mas será enfatizado, por ser para alguns alunos a oportunidade de domínio de outro padrão, além daquele que já domina. O curso também abordará questões de vestibulares que exijam reflexão sobre gêneros textuais, adequação de linguagem, e domínio da norma padrão. As questões gramaticais serão abordadas como identificação da palavra em seu aspecto morfosemântico em contextos de sentido.

Professora E

3

2008

Habilidades a serem desenvolvidas

Objetiva-se que o aluno ao entrar em contato com as competências do curso de Língua Portuguesa da segunda série compreenda e consiga analisar a especificidade do texto em estudo, quer seja ele de natureza jornalística, literária, dissertativa, oficial, fotográfica, gráfica ou ainda publicitária. Essa dinâmica textual deverá habilitar o discente a compreender a organização do mundo em diferentes linguagens, fazê-lo perceber como um ser inserido num contexto de linguagem, e ainda ampliar sua capacidade de usar a língua, escolhendo as palavras adequadas para cada tipo de discurso; oral ou escrito. A compreensão da importância do domínio da norma culta será ferramenta importante na redação escrita de cunho oficial e na produção de texto dissertativo. Objetiva-se ainda, a habilidade de argumentação, sustentação de idéias, negociação e tomadas de posição - quando da produção do texto escrito - , que revelem a atuação crítica e participativa de um discente cidadão.

Conteúdo programático

1. Elementos da comunicação e Funções da linguagem.
 - 1.1. Interpretação de textos diversos à luz das funções da linguagem e funções da imagem.
2. Leitura e análise textual.
 - 2.1. Leitura e análise de imagens, gráficos, artigos, textos literários, textos jornalísticos e dissertações.
3. Produção de textos.
 - 3.1. Redação oficial
 - 3.1.1. Relatório
 - 3.2. Texto jornalístico
 - 3.2.1. Notícia, Reportagem, Opinião, Editorial, Carta de Leitor.
 - 3.3. Texto literário
 - 3.3.1. Crônica
 - 3.3.2. Poema narrativo
 - 3.3.3. O texto teatral
 - 3.4. Gêneros diversos
 - 3.4.1. Paráfrase e paródia
 - 3.4.2. Dissertação, Narração, Descrição, Resenha descritiva, Resenha Crítica, Resumo
 - 3.5. Coesão e coerência textual
4. Classes Gramaticais: Substantivo, Artigo, Adjetivo, Verbo, Pronome, Advérbio, Preposição, Conjunção e Interjeição.
5. Formação de palavras.
6. Crase
7. Alguns tópicos da Concordância Nominal e Verbal

Professora F

4 2008

Metodologia

As aulas serão expositivo-dialogadas e o aprendizado realizar-se-á a partir de questões suscitadas pelos textos em análise, atividades práticas de produção e reescritura de textos, estudo de questões do ENEM e de vestibulares, e atividades coletivas. Os conteúdos serão desenvolvidos com o apoio de leituras extra classes e DVDs pertinentes ao programa de língua portuguesa estudado.

Tanto quanto possível, serão realizados trabalhos em parceria com outras disciplinas.

Avaliação

1. Prova escrita e individual com questões teóricas relativas ao conteúdo programático.
2. Verificação de leitura de textos de natureza diversa: jornalístico, dissertativo, literário, gráfico, texto de propaganda, história em quadrinhos, charge.
3. Produção individual de texto escrito.
4. Produção em grupo de textos escritos e orais.

Bibliografia

1. Textos teóricos de apoio.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**. São Paulo: Saraiva S.A., v. único, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. **Texto em Construção**. São Paulo: Moderna.

ERNANI & NICOLA. **Práticas de Linguagem: Leitura e Produção de textos**. São Paulo: Scipione, 2001.

SACCONI, Luiz Antonio. **Gramática Básica**. São Paulo, Escala Educacional.

SOARES, Magda Becker; CAMPOS, Edson Nascimento. **Técnica de Redação**. Rio de Janeiro, Editora Ao Livro Técnico.

FARACO & MOURA. **Gramática**. São Paulo, Ática, 1998.

MAIA. **Português, Série Novo Ensino Médio**. São Paulo, Ática, 2003.

AMARAL, Emília. FERREIRA, Mauro. LEITE, Ricardo. ANTONIO, Severino. **Português Novas Palavras**. São Paulo, FTD, 2000.

Obs.: As propostas de leitura serão desenvolvidas conforme disponibilidade de acervo bibliográfico da Instituição.

Filosofia 1
2009

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA
ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE COLORADO DO OESTE – RO.

PROFESSOR: [REDACTED]

PLANO DE ENSINO

DISCIPLINA: FILOSOFIA

*Obs -
Não respondeu ao
questionário*

SÉRIE: 1º, 2º e 3º Ano do Ensino Médio
CARGA HORÁRIA: 40 Horas por série
ANO LETIVO: 2009

Filosofia 2

2009

1 - JUSTIFICATIVA

De acordo com a lei nº. 11684 de 02 de junho de 2008 sancionada pelo senhor Vice Presidente da República, Jose Alencar, que torna obrigatória, em todas as instituições, públicas e particulares, as disciplinas de Filosofia e Sociologia. "Art. IV - Serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio".

Baseando-se nesta realidade, faz-se necessário que trabalhemos a *Filosofia com seriedade e compromisso, mostrando para os estudantes o verdadeiro sentido da mesma*; para que possam pensar o mundo de uma forma séria e responsável. Analisando a amplitude do filosofar para compreender as necessidades do ser humano. *Fazendo-o pensar, tendo seu ponto de vista, com relação as diversas realidades que o cercam.*

Sendo assim, possam inteirar-se melhor do *verdadeiro significado da palavra LIBERDADE, a qual todos buscamos e de muitos outros conceitos* que estão presentes em nossas vidas.

Filosofia 3
2009

2 - OBJETIVO GERAL

A disciplina de filosofia, no ensino médio, tem por objetivo principal fazer com que os estudantes, jovens ou adultos, possam, tendo como base argumentos de alguns filósofos antigos e também contemporâneos, compreender o mundo que os rodeia. Sendo assim, ter sua própria visão sobre o mesmo.

Desta forma, ter visão própria sobre as coisas que estão ao alcance de seus olhos, deixando de aceitar todas as coisas como lhe são mostradas, ou seja, levar o estudante a pensar, tirar sua conclusão, não apenas aceitar por aceitar, mas saber e entender o que estão lhe propondo. Provocar o estudante a pensar, formando assim uma mentalidade diferente com a moral e uma ética mais voltada para a sociabilidade e não para o individualismo.

Filosofia 4
2009

3.3 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS (3º ANO)

Os objetivos específicos para o 3º ano são:

- Verificar qual a concepção dos estudantes sobre filosofia;
- Relacionar as principais escolas filosóficas e distingui-las;
- Especificar e analisar alguns conceitos filosóficos;
- Explicitar os conceitos morais e éticos, num mundo globalizado;
- Buscar compreender a liberdade como exercício de responsabilidade;

Filosofia 5
2009

3.3.1 – CONTEÚDOS

Para o desenvolvimento da disciplina de filosofia teremos como base os seguintes conteúdos:

- Introdução a filosofia: O que é filosofia? Significado da palavra;
- História da filosofia: Relacionar as principais escolas filosóficas e distingui-las;
- Ética e Moral: Explicitar os conceitos morais e éticos, num mundo globalizado;
- Filosofia contemporânea: Especificar e analisar alguns conceitos filosóficos;

Filosofia 6
2009

3.3.2 – METODOLOGIA:

Para a introdução destes conteúdos aos estudantes serão utilizados os seguintes métodos:

- Aulas expositivas;
- Debates em sala de aula;
- Pesquisas bibliográficas, em grupos e apresentação em sala de aula.
- Avaliação escrita sobre o conteúdo exposto em sala de aula, sejam eles explanados pelo professor ou expostos pelos estudantes.
- Trabalhos individuais entregues ao professor;

Filosofia 7
2009

4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARONDEL-ROHAUT, MADELEINE. **Exercícios Filosóficos**. Martins Fontes. São Paulo. 2007. 137p.
- BOFF LEONARDO. **O despertar da Águia**, O Dia-bólico e o Sim-bólico na construção da realidade. VOZES. 10º ed. Petrópolis. 1999. 174p.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 12º ed. São Paulo. 3 volumes.
- KOHAN, WALTER O. (Org). **Filosofia: Caminhos para seu Ensino**. Lamparina Editora. Rio de Janeiro. 2008. 191p.
- MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de filosofia**, Dos Pré-socráticos a Wittgenstein. ZAHAR. 5º ed. Rio de Janeiro. 2008 137p.
- NICOLA, ULBANO. **Antropologia Ilustrada de Filosofia**, Das origens à Idade Moderna. Ed. Globo. São Paulo. 2008. 479p.
- OBSERVATEUR, LE NOUVEL. **Café Philo**, As Grandes indagações da Filosofia. ZAHAR. Ri de Janeiro. 1999. 143p.
- REZENDE, Antônio (org). **Curso de filosofia**, para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação. 13º ed. ZAHAR. Rio de Janeiro. 2008. 311p.

Biologia 1
2008



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE COLORADO DO OESTE

PLANO DE CURSO

DISCIPLINA: BIOLOGIA
PROFESSORA: [REDACTED]
CURSO: ENSINO MÉDIO
TURNOS: MATUTINO E VESPERTINO
CARGA HORÁRIA: 80 AULAS
SÉRIE: 2ª
ANO: 2008

Obs - não respondeu
ao questionário

Colorado do Oeste, março de 2008.

Biologia 2
2008

2ª SÉRIE DO E.M.

1 - COMPETÊNCIAS E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS EM BIOLOGIA.

Representação e comunicação:

- Perceber e utilizar códigos intrínsecos da Biologia.
- Expressar dúvidas, idéias, conclusões acerca dos fenômenos biológicos.

Investigação e compreensão:

- Relacionar fenômenos, fatos, processos e idéias em Biologia, elaborando conceitos, identificando regularidades e diferenças, construindo generalizações.
- Selecionar e utilizar metodologias científicas adequadas para a resolução de problemas, fazendo o uso, quando necessário, de tratamento estatístico na análise de dados coletados.
- Relacionar os diversos conteúdos conceituais de Biologia (lógica interna) na compreensão de fenômenos.
- Utilizar noções e conceitos de Biologia em novas situações de aprendizado (existencial ou escolar).

Contextualização sócio-cultural:

- Reconhecer a Biologia como um fazer humano e, portanto, histórico, fruto da conjunção de fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos e tecnológicos.
- Identificar as relações entre conhecimento científico e o desenvolvimento tecnológico, considerando a conservação da vida, as condições de vida e as concepções de desenvolvimento sustentável.

2- CONTEÚDOS.

1- As funções vitais básicas

- Descrever o mecanismo básico de reprodução de células de todos os seres vivos (mitose) partir de observações ao microscópio ou de suas representações.
- Associar o processo de reprodução celular com a multiplicação celular que transforma o zigoto em adulto e reconhecer que divisões mitóticas descontroladas podem resultar em processos patológicos conhecidos como cânceres.

1.1- Divisão celular

- mitose.
- meiose.

2- Transmissão da vida, ética e manipulação gênica:

- Listar várias características humanas ou de animais e plantas, distinguindo as hereditárias das congênitas e adquiridas.
- Identificar, a partir de resultados de cruzamentos, os princípios básicos que regem a transmissão de características hereditárias e aplicá-los para interpretar o surgimento de determinadas características.

- Utilizar noções básicas de probabilidade para prever resultados de cruzamentos e para resolver problemas envolvendo características diversas.
- Analisar textos históricos para identificar concepções pré-mendelianas sobre a hereditariedade.
- Identificar e utilizar os códigos usados para representar as características genéticas em estudo.
- Construir heredogramas a partir de dados levantados pelos alunos (junto a familiares ou conhecidos) sobre a transmissão de certas características hereditárias.
- Analisar aspectos genéticos do funcionamento do corpo humano como alguns distúrbios metabólicos (albinismo, fenilcetonúria), ou os relacionados aos antígenos e anticorpos, como os grupos sanguíneos e suas incompatibilidades, transplantes e doenças auto-imunes.

2.1- Os fundamentos da hereditariedade

- A genética de Mendel.
- A genética posterior a Mendel.
- Herança ligada ao sexo.
- Síndromes.

2.2- Os benefícios e os perigos da manipulação genética: um debate ético.

- Projeto genoma
- Transgênicos.

3- Origem e evolução da vida:

- Identificar diferentes explicações sobre a origem do Universo, da Terra e dos seres vivos, confrontando concepções religiosas, mitológicas e científicas, elaboradas em diferentes momentos.
- Analisar experiências e argumentos utilizados por cientistas como F. Redi (1626-1697) e L. Pasteur (1822-1895) para derrubar a teoria da geração espontânea.
- Apresentar em textos, maquetes, desenhos ou esquemas, os fenômenos relacionados com o surgimento da vida e as condições da vida primitiva.
- Comparar as idéias evolucionistas de C. Darwin (1809-1882) e J.B. Lamarck (1744-1829) apresentadas em textos científicos e históricos, identificando as semelhanças e as diferenças.
- Elaborar explicações sobre a evolução das espécies, considerando os mecanismos de mutação, recombinação gênica e seleção natural.
- Identificar alguns fatores – migrações, mutações, seleção, deriva genética – que interferem na constituição genética das populações.
- Reconhecer a seleção feita pelo ser humano, como um mecanismo de alteração das características das espécies sob intervenção.
- Avaliar o impacto da medicina, agricultura e farmacologia no aumento da expectativa de vida da população humana, na sobrevivência de genótipos com funções biológicas alteradas e no processo evolutivo da espécie.

3.1- Hipóteses sobre a origem da vida primitiva

- Teorias e hipóteses sobre o surgimento dos seres vivos.

3.2- Idéias evolucionistas e evolução biológica.

- Teorias sobre a evolução dos seres vivos.

3.3- A evolução sobre intervenção humana.

Biologia 4
2008

4- A interdependência da vida

- Identificar, analisando um ambiente conhecido (um jardim, um parque, um terreno baldio, uma mata), as características de um ecossistema, descrevendo o conjunto vivo auto-suficiente nele contido.
- Reconhecer que os seres vivos em um ecossistema, independentemente de ser um lago, uma floresta, um campo ou um simples jardim, mantêm entre si múltiplas relações de convivência indiferente ou de ajuda mútua com alguns e de conflito com outros, a ponto de prejudicá-los ou de se prejudicar.
- Organizar os dados obtidos relacionados às condições ambientais, em tabelas e/ou gráficos e interpretá-los, visando a identificar a influência dessas condições na sobrevivência das espécies e na distribuição da vida na Terra.
- Identificar no globo terrestre as regiões de maior diversidade de seres vivos, associando essa concentração e variedade de vida com as condições de luz e umidade.
- Relacionar a estabilidade dos ecossistemas com a complexidade das interações estabelecidas entre os organismos das populações na natureza.
 - identificar as relações alimentares estabelecidas entre esses organismos, empregando terminologia científica adequada;
 - representar essas relações alimentares, utilizando esquemas apropriados;
 - interpretar as relações alimentares como uma forma de garantir a transferência de matéria e de energia do ecossistema;
 - identificar a origem da energia existente em cada nível de organização desse ecossistema;
 - traçar o circuito de determinados elementos químicos como o carbono, oxigênio e nitrogênio, colocando em evidência o deslocamento desses elementos entre o mundo inorgânico (solo, água, ar) e o mundo orgânico (tecidos, fluidos, estruturas animais e vegetais).

4.1 -A interação entre os seres vivos:

- Elementos de um ecossistema
- Relações ecológicas
- Biomas

4.2- Os movimentos dos materiais e da energia na natureza.

- Teias e cadeias alimentares
- Controle populacional
- Pirâmides de massa, energia e número.
- Ciclos biogeoquímicos

4.3- Desorganizando os fluxos da matéria e energia: intervenção humana e os desequilíbrios ambientais.

- Efeito estufa
- Poluição

Biologia 5
2008

3 - ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Os temas transversais e conteúdos propostos serão desenvolvidos através de:

- a. Leituras de textos didáticos, reportagens e entrevistas;
- b. Debates dos temas propostos;
- c. Testes de vestibulares;
- d. Questões do ENEM;
- e. Pesquisa;
- f. Atividades propostas;
- g. Exposição sobre os temas propostos;
- h. Atividades práticas;
- i. Trabalhos em grupos;
- j. Avaliações em grupo e individuais;
- k. Atividades de recuperação e revisão;
- l. Dinâmicas de grupo.

4 - AVALIAÇÃO.

A avaliação será contínua, durante todo o processo, através da observação da participação e do interesse do aluno durante o desenvolvimento das diversas atividades, resolução de questões propostas, elaboração de relatórios e redações, formulação de questionamentos, nas tomadas de decisões, avaliações escritas e atividades de recuperação.

5 - BIBLIOGRAFIA.

LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando; Biologia – volume único; Editora Ática; 1ª edição; 2007; São Paulo.

PAULINO, Wilson Roberto; Biologia-série novo ensino médio; Editora Ática; 8ª edição; 2002; São Paulo.

SOARES, José Luis; Biologia-assessoria pedagógica; 1ª edição; 2001; São Paulo.

PARÂMEROS CURRICULARES NACIONAIS - ENSINO MÉDIO.

PCN¹ - A reformulação do Ensino Médio e as áreas de conhecimento.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA
CAMPUS COLORADO DO OESTE

Biologia 1
2009

PLANO DE CURSO

DISCIPLINA: BIOLOGIA
PROFESSORA: [REDACTED]
CURSO: ENSINO MÉDIO
TURNOS: MATUTINO E VESPERTINO
CARGA HORÁRIA: 80 AULAS
SÉRIE: 3ª
TURMAS: A, B, C e D
ANO: 2009

Colorado do Oeste, março de 2009.

Rod. 399 - km 05 - Zona Rural - Cx. Postal 51 / Colorado do Oeste-RO / Cep: 76.993-000
Fone: (69) 3341-7800 a 7817 - Fax: (69) 3341-2644 E-mail: eslco@educ.br

*Não respondeu ao
questionário*



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Biologia 2
2009

ENSINO MÉDIO

1- COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA, MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS.

Representação e comunicação:

Simbolos, códigos e nomenclaturas.

Reconhecer e utilizar adequadamente nas formas oral e escrita símbolos, códigos e nomenclatura da linguagem científica.

Articulação dos símbolos e códigos

Ler, articular e interpretar símbolos e códigos em diferentes linguagens e representações: sentenças, equações, esquemas, diagramas, tabelas, gráficos e representações geométricas.

Análise e interpretação de textos e outras comunicações

Consultar, analisar e interpretar textos e comunicações de ciência e tecnologia veiculadas por diferentes meios.

Elaboração de comunicações

Elaborar comunicações orais ou escritas para relatar, analisar e sistematizar eventos, fenômenos, experimentos, questões, entrevistas, visitas e correspondências.

Discussão e argumentação de temas de interesse

Analisar, argumentar e posicionar-se criticamente em relação a temas de ciência e tecnologia.

Investigação e compreensão:

Estratégias para enfrentamento de situações-problema

Identificar em dada situação-problema as informações ou variáveis relevantes e possíveis estratégias para resolvê-la.

Interações, relações e funções: invariantes e transformações.

Identificar fenômenos naturais ou grandezas em dado domínio do conhecimento científico, estabelecer relações; identificar regularidades, invariantes e transformações.

Rod. 109 - km 95 - Zona Rural - Cx. Postal 51 / Colorado do Oeste-RO / Cep: 76.993-000.
Fone: (69) 3341-7800 & 7817 - Fax: (69) 3341-2644 E-mail: enlco@enlco.gov.br

- Utilizar noções básicas de probabilidade para prever resultados de cruzamentos e para resolver problemas envolvendo características diversas.
- Analisar textos históricos para identificar concepções pré-mendelianas sobre a hereditariedade.
- Identificar e utilizar os códigos usados para representar as características genéticas em estudo.
- Construir heredogramas a partir de dados levantados pelos alunos (junto a familiares ou conhecidos) sobre a transmissão de certas características hereditárias.
- Analisar aspectos genéticos do funcionamento do corpo humano como alguns distúrbios metabólicos (albinismo, fenilcetonúria), ou os relacionados aos antígenos e anticorpos, como os grupos sanguíneos e suas incompatibilidades, transplantes e doenças auto-imunes.

2.1- Os fundamentos da hereditariedade

- A genética de Mendel.
- A genética posterior a Mendel.
- Herança ligada ao sexo.
- Síndromes.

2.2- Os benefícios e os perigos da manipulação genética: um debate ético.

- Projeto genoma
- Transgênicos.

3- Origem e evolução da vida:

- Identificar diferentes explicações sobre a origem do Universo, da Terra e dos seres vivos, confrontando concepções religiosas, mitológicas e científicas, elaboradas em diferentes momentos.
- Analisar experiências e argumentos utilizados por cientistas como F. Redi (1626-1697) e L. Pasteur (1822-1895) para derrubar a teoria da geração espontânea.
- Apresentar em textos, maquetes, desenhos ou esquemas, os fenômenos relacionados com o surgimento da vida e as condições da vida primitiva.
- Comparar as idéias evolucionistas de C. Darwin (1809-1882) e J.B. Lamarck (1744-1829) apresentadas em textos científicos e históricos, identificando as semelhanças e as diferenças.
- Elaborar explicações sobre a evolução das espécies, considerando os mecanismos de mutação, recombinação gênica e seleção natural.
- Identificar alguns fatores – migrações, mutações, seleção, deriva genética – que interferem na constituição genética das populações.
- Reconhecer a seleção feita pelo ser humano, como um mecanismo de alteração das características das espécies sob intervenção.
- Avaliar o impacto da medicina, agricultura e farmacologia no aumento da expectativa de vida da população humana, na sobrevivência de genótipos com funções biológicas alteradas e no processo evolutivo da espécie.

3.1- Hipóteses sobre a origem da vida primitiva

- Teorias e hipóteses sobre o surgimento dos seres vivos.

3.2- Idéias evolucionistas e evolução biológica.

- Teorias sobre a evolução dos seres vivos.

3.3- A evolução sobre intervenção humana.

Biologia 4
2008

4- A interdependência da vida

- Identificar, analisando um ambiente conhecido (um jardim, um parque, um terreno baldio, uma mata), as características de um ecossistema, descrevendo o conjunto vivo auto-suficiente nele contido.
- Reconhecer que os seres vivos em um ecossistema, independentemente de ser um lago, uma floresta, um campo ou um simples jardim, mantêm entre si múltiplas relações de convivência indiferente ou de ajuda mútua com alguns e de conflito com outros, a ponto de prejudicá-los ou de se prejudicar.
- Organizar os dados obtidos relacionados às condições ambientais, em tabelas e/ou gráficos e interpretá-los, visando a identificar a influência dessas condições na sobrevivência das espécies e na distribuição da vida na Terra.
- Identificar no globo terrestre as regiões de maior diversidade de seres vivos, associando essa concentração e variedade de vida com as condições de luz e umidade.
- Relacionar a estabilidade dos ecossistemas com a complexidade das interações estabelecidas entre os organismos das populações na natureza.
 - identificar as relações alimentares estabelecidas entre esses organismos, empregando terminologia científica adequada;
 - representar essas relações alimentares, utilizando esquemas apropriados;
 - interpretar as relações alimentares como uma forma de garantir a transferência de matéria e de energia do ecossistema;
 - identificar a origem da energia existente em cada nível de organização desse ecossistema;
 - traçar o circuito de determinados elementos químicos como o carbono, oxigênio e nitrogênio, colocando em evidência o deslocamento desses elementos entre o mundo inorgânico (solo, água, ar) e o mundo orgânico (tecidos, fluidos, estruturas animais e vegetais).

4.1 -A interação entre os seres vivos:

- Elementos de um ecossistema
- Relações ecológicas
- Biomas

4.2- Os movimentos dos materiais e da energia na natureza.

- Teias e cadeias alimentares
- Controle populacional
- Pirâmides de massa, energia e número.
- Ciclos biogeoquímicos

4.3- Desorganizando os fluxos da matéria e energia: intervenção humana e os desequilíbrios ambientais.

- Efeito estufa
- Poluição

Biologia 5
2008

3 - ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Os temas transversais e conteúdos propostos serão desenvolvidos através de:

- a. Leituras de textos didáticos, reportagens e entrevistas;
- b. Debates dos temas propostos;
- c. Testes de vestibulares;
- d. Questões do ENEM;
- e. Pesquisa;
- f. Atividades propostas;
- g. Exposição sobre os temas propostos;
- h. Atividades práticas;
- i. Trabalhos em grupos;
- j. Avaliações em grupo e individuais;
- k. Atividades de recuperação e revisão;
- l. Dinâmicas de grupo.

4 - AVALIAÇÃO.

A avaliação será contínua, durante todo o processo, através da observação da participação e do interesse do aluno durante o desenvolvimento das diversas atividades, resolução de questões propostas, elaboração de relatórios e redações, formulação de questionamentos, nas tomadas de decisões, avaliações escritas e atividades de recuperação.

5 - BIBLIOGRAFIA.

LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando; Biologia – volume único; Editora Ática; 1ª edição; 2007; São Paulo.

PAULINO, Wilson Roberto; Biologia-série novo ensino médio; Editora Ática; 8ª edição; 2002; São Paulo.

SOARES, José Luis; Biologia-assessoria pedagógica; 1ª edição; 2001; São Paulo.

PARÂMEROS CURRICULARES NACIONAIS - ENSINO MÉDIO.

PCN1 - A reformulação do Ensino Médio e as áreas de conhecimento.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA
CAMPUS COLORADO DO OESTE

Biologia 1
2009

PLANO DE CURSO

DISCIPLINA: BIOLOGIA
PROFESSORA: [REDACTED]
CURSO: ENSINO MÉDIO
TURNOS: MATUTINO E VESPERTINO
CARGA HORÁRIA: 80 AULAS
SÉRIE: 3ª
TURMAS: A, B, C e D
ANO: 2009

*Não respondeu ao
questionário*

Colorado do Oeste, março de 2009.

Rod. 399 - Km 05 - Zona Rural - Cx. Postal 51 / Colorado do Oeste-RO / Cep: 76.993-000
Fone: (69) 3341-7800 a 7817 - Fax: (69) 3341-2644 E-mail: efco@efco.gov.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Biologia 2
2009

ENSINO MÉDIO

1- COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA, MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS.

Representação e comunicação:

Símbolos, códigos e nomenclaturas.

Reconhecer e utilizar adequadamente nas formas oral e escrita símbolos, códigos e nomenclatura da linguagem científica.

Articulação dos símbolos e códigos

Ler, articular e interpretar símbolos e códigos em diferentes linguagens e representações: sentenças, equações, esquemas, diagramas, tabelas, gráficos e representações geométricas.

Análise e interpretação de textos e outras comunicações

Consultar, analisar e interpretar textos e comunicações de ciência e tecnologia veiculadas por diferentes meios.

Elaboração de comunicações

Elaborar comunicações orais ou escritas para relatar, analisar e sistematizar eventos, fenômenos, experimentos, questões, entrevistas, visitas e correspondências.

Discussão e argumentação de temas de interesse

Analisar, argumentar e posicionar-se criticamente em relação a temas de ciência e tecnologia.

Investigação e compreensão:

Estratégias para enfrentamento de situações-problema

Identificar em dada situação-problema as informações ou variáveis relevantes e possíveis estratégias para resolvê-la.

Interações, relações e funções: invariantes e transformações.

Identificar fenômenos naturais ou grandezas em dado domínio do conhecimento científico, estabelecer relações; identificar regularidades, invariantes e transformações.

Rod. 399 - km 05 - Zona Rural - Cx. Postal 51 / Colorado do Oeste-RO / Cep: 76.993-000.
Fone: (69) 3341-7800 e 7817 - Fax: (69) 3341-2644 E-mail: educ@educacao.gov.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Biologia 3
2009
INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Medidas, quantificações, grandezas e escalas.

Selecionar e utilizar instrumentos de medição e de cálculo, representar dados e utilizar escalas, fazer estimativas, elaborar hipóteses e interpretar resultados.

Modelos explicativos e representativos

Reconhecer, utilizar, interpretar e propor modelos explicativos para fenômenos ou sistemas naturais ou tecnológicos.

Relações entre conhecimentos disciplinares, interdisciplinares e interáreas.

Articular, integrar e sistematizar fenômenos e teorias dentro de uma ciência, entre as várias ciências e áreas de conhecimento.

Contextualização sócio-cultural:

Ciência e tecnologia na história

Compreender os conhecimentos científicos e tecnológicos como resultados de uma construção humana, inseridos em um processo histórico e social.

Ciência e tecnologia na cultura contemporânea

Compreender a ciência e a tecnologia como partes integrantes da cultura humana contemporânea.

Ciência e tecnologia na atualidade

Reconhecer e avaliar o desenvolvimento tecnológico contemporâneo, suas relações com as ciências, seu papel na vida humana, sua presença no mundo cotidiano e seus impactos na vida social.

Ciência e tecnologia, ética e cidadania.

Reconhecer e avaliar o caráter ético do conhecimento científico e tecnológico e utilizar esses conhecimentos no exercício da cidadania.

2- COMPETÊNCIAS E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS EM BIOLOGIA.

Representação e comunicação

- Utilizar critérios científicos para realizar a classificação de animais, vegetais etc;
- Estabelecer relações entre parte de um fenômeno ou processo biológico.
- Formular questões, diagnóstico e propor soluções para problemas apresentados, utilizando elementos da biologia.

Rod. 799 - km 05 - Zona Rural - Cx. Postal 51 / Colombo do Oeste-RO / Cep: 76.995-000
Fone: (69) 3341-7800 a 7817 - Fax: (69) 3341-2644 E-mail: esfco@esfco.gov.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Biologia 4
2009
INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

- Conhecer diferentes formas de obter informações (observação, experimento, leitura de texto e imagem, entrevista...), selecionando aquelas pertinentes ao tema biológico em estudo;

Investigação e compreensão:

- Selecionar e utilizar metodologias científicas adequadas para a resolução de problemas, fazendo o uso, quando necessário, de tratamento estatístico na análise de dados coletados;
- Relacionar o conhecimento das diversas disciplinas para o entendimento dos fatos ou processos biológicos (lógica externa).

Contextualização sócio-cultural:

- Identificar a interferência de aspectos místicos e culturais no conhecimento do senso comum relacionados a aspectos biológicos;
- Identificar as relações entre conhecimento científico e o desenvolvimento tecnológico, considerando a conservação da vida, as condições de vida e as concepções de desenvolvimento sustentável.
- Reconhecer a Biologia como um fazer humano e, portanto, histórico, fruto da conjunção de fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos e tecnológicos.

3- CONTEÚDOS.

1- A identidade da vida

- Associar o processo de reprodução celular com a multiplicação celular que transforma o zigoto em adulto.

1.2 – Funções vitais básicas

- Formas de reprodução: sexuada e assexuada
- Gametogênese
- Aparelho reprodutor masculino e feminino
- Embriologia

2- A Diversidade da vida

- Reconhecer a reprodução sexuada e o processo meiótico como fonte de variabilidade
- genética
- Reconhecer a importância da classificação biológica para a organização e compreensão da enorme diversidade dos seres vivos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Biologia 5
2009

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

- Conhecer e utilizar os principais critérios de classificação, as regras de nomenclatura e as categorias taxonômicas reconhecidas atualmente.
- Reconhecer as principais características de representantes de cada um dos cinco reinos, identificando especificidades relacionadas às condições ambientais.
- Construir árvores filogenéticas para representar relações de parentesco entre diversos seres vivos.

2.2- Organizando a diversidade dos seres vivos.

- Reprodução sexuada
- Classificação dos seres vivos
- Nomenclatura dos seres vivos
- Vírus
- Os reinos dos seres vivos

3- Qualidade de vida das populações humanas:

- Distinguir, entre as principais doenças identificadas, as infecto-contagiosas e parasitárias, as degenerativas, as ocupacionais, as carenciais, as sexualmente transmissíveis (DST) e as provocadas por toxinas ambientais.
- Escolher medidas que representem cuidados com o próprio corpo e promovam a saúde sexual e reprodutiva dos indivíduos.
- Discutir os riscos da gravidez na adolescência e as formas de preveni-la, a partir da análise de dados.

3.1- As agressões à saúde das populações.

- SIDA (AIDS)
- Gravidez na adolescência

3.2- Saúde ambiental.

- Dengue
- Outras doenças endêmicas

4- Os seres vivos diversificam os processos vitais

- Reconhecer os princípios básicos e as especificidades das funções vitais dos animais, a partir da análise dessas funções em seres vivos que ocupam diferentes ambientes.
- Caracterizar os ciclos de vida de animais, relacionando-os com a adaptação desses organismos aos diferentes ambientes.
- Estabelecer as relações entre as várias funções vitais do organismo humano.
- Localizar os principais órgãos em um esquema representando o contorno do corpo humano.

4.1- Fisiologia e anatomia comparada dos animais

Rod. 399 - km 05 - Zona Rural - Cx. Postal 51 / Colorado do Oeste-RO / Cep: 76.993-000
Fone: (69) 3341-7800 a 7817 - Fax: (69) 3341-2644 E-mail: esfco@educacao.gov.br



4- ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Os temas transversais e conteúdos propostos serão desenvolvidos através de:

- a. Leituras de textos didáticos, reportagens e entrevistas;
- b. Debates dos temas propostos;
- c. Testes de vestibulares;
- d. Questões do ENEM;
- e. Pesquisa;
- f. Atividades propostas;
- g. Exposição sobre os temas propostos;
- h. Atividades práticas;
- i. Trabalhos em grupos;
- j. Avaliações em grupo e individuais;
- k. Atividades de recuperação e revisão;
- l. Dinâmicas de grupo.

5- AVALIAÇÃO.

A avaliação será contínua, durante todo o processo, através da observação da participação e do interesse do aluno durante o desenvolvimento das diversas atividades, resolução de questões propostas, elaboração de relatórios e redações, formulação de questionamentos, nas tomadas de decisões e avaliações escritas.

6- BIBLIOGRAFIA.

LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando; Biologia – volume único; Editora Ática; 1ª edição: 2007; São Paulo.

PAULINO, Wilson Roberto; Biologia-série novo ensino médio; Editora Ática; 8ª edição; 2002; São Paulo.

SOARES, José Luis; Biologia-assessoria pedagógica; 1ª edição; 2001; São Paulo.

PARÂMEROS CURRICULARES NACIONAIS - ENSINO MÉDIO.

PCN+ - A reformulação do Ensino Médio e as áreas de conhecimento.



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
RONDONIA
Campus Colorado do Oeste

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

CURSO: ENSINO MÉDIO	ANO: 2009
DISCIPLINA: QUÍMICA	CARGA HORÁRIA: 80 AULAS
PERÍODO: 02/02/2009 à 11/12/2009	TURMAS: A,B,C e D (3º ANO)
PROFESSOR: [REDACTED]	

PLANO DE CURSO

OBJETIVOS:

- Situar a Química como Ciência
- Perceber a evolução da Química Orgânica por meio dos processos: Sínteses e Análises.
- Ter noções básicas de funcionamento de uma pilha e bateria.
- Conhecer as funções de uma eletrólise
- Definir, formular e classificar os hidrocarbonetos e suas subclasses
- Perceber a importância de diversos hidrocarbonetos na vida diária por meio da observação de seu uso e aplicações
- Identificar e definir a função orgânica de um composto orgânico oxigenado
- Nomear e formular um composto orgânico oxigenado
- Identificar e definir a função orgânica de um composto orgânico nitrogenado
- Nomear e formular um composto orgânico nitrogenado
- Identificar e definir as funções orgânicas presentes em um composto orgânico
- Perceber e compreender que a estrutura e as características das moléculas influem diretamente nas propriedades físicas das substâncias
- Definir eletroquímica e os processos que ocorrem em uma pilha
- Definir isomeria plana e espacial
- Entender como e quando as reações orgânicas ocorrem e os fatores que influenciam essas reações

METODOLOGIA

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• (x) Exposição• (x) Trabalho em grupo• () Debate | <ul style="list-style-type: none">• () Seminário• (x) Pesquisa |
|--|--|

RECURSOS AUXILIARES

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">• (x) Computador• () Data Show• (x) Televisão | <ul style="list-style-type: none">• (x) Laboratório• () Vídeos• (x) Atividades Práticas |
|--|--|

Professor D

2009

Professor D
2

2009

(x) Quadro de vidro e pincel	
BIBLIOGRAFIA: Química Orgânica – Ricardo Feltre	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR Química, Novo Ensino Médio – Antônio Sardella Química, de olho no mundo do trabalho – Geraldo Camargo e Celso Lopes Química, Realidade e Contexto – Antônio Lembo	
SITES PARA APROFUNDAMENTO: www.nautilus.fis.uc.pt/sofic/programas/welcome.html www.escolanet.com.br www.gepec.iq.usp.br/site_2005/default.html www.sbg.org.br www.edcc.sc.usp.br/quimica/tabelaperiodica/tabelaperiodica1.html	

FORMAS DE AVALIAÇÃO	
DISCRIMINAR:	
- Trabalho de pesquisa - Apresentação de trabalhos - Apresentação de experimentos	Valor 0,0 à 2,0
Prova escrita : Valor 0,0 à 8,0	

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO – 1º SEMESTRE	
Fevereiro	Número de oxidação Balanceamento de equações químicas por oxidação-redução
Março	Pilhas, baterias e eletrólise
Abril	Eletrólise Radiatividade (reações nucleares)

Professor Δ
3

2009

Maio	Introdução a Química Orgânica Características do Átomo de Carbono Classificação dos Átomos de Carbono em uma Cadeia Polaridade das ligações e das Moléculas Estrutura da ligação Carbono - Carbono Estrutura do Anel Benzênico Tipos de Cadeia Hidrocarbonetos Alcanos Alcenos Alcadienos
Junho / Julho	Hidrocarbonetos Aromáticos Alcinos Ciclanos Funções Orgânicas Oxigenadas Alcoois Fenóis Aldeídos e Cetonas
Agosto	Ácidos Carboxílicos Ésteres Cloretos de Ácidos Carboxílicos Funções Orgânicas Nitrogenadas Aminas e Amidas Nitrocompostos
Setembro	Isomeria Tipos de isomeria : Plana e Espacial Isomeria cis-trans Isomeria Óptica

Professor D
4

2009

Outubro	Isomeria Tipos de isomeria : Plana e Espacial Isomeria cis-trans Isomeria Óptica
Novembro	Reações Orgânicas Classificações das Reações Orgânicas
Dezembro	Reações Orgânicas Classificações das Reações Orgânicas

OBS: O tempo estimado para o estudo dos conteúdos propostos poderá não ser seguido conforme o plano. Isso dependerá do desempenho da classe.